

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

“PROJECTAR COM O LUGAR”

REABILITAÇÃO DA QUINTA DA TORRE DA AGUILHA

ESCOLA PROFISSIONAL DE ARTES CIRCENSES E OFÍCIOS DO ESPECTÁCULO



Sofia Inês Amaral Taboada

(Licenciada)

Projecto final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar de Gil e Pires

Co- Orientador: Mestre Dr. Paulo Jorge Garcia Pereira

Lisboa, FAUTL, Novembro, 2010



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

“PROJECTAR COM O LUGAR”

REABILITAÇÃO DA QUINTA DA TORRE DA AGUILHA

ESCOLA PROFISSIONAL DE ARTES CIRCENSES E OFÍCIOS DO ESPECTÁCULO



Sofia Inês Amaral Taboada

(Licenciada)

Projecto final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar de Gil e Pires

Co- Orientador: Mestre Dr. Paulo Jorge Garcia Pereira

Júri:

Presidente: Doutor Arquitecto Jorge Manuel Fava Spencer

Vogais: Doutora Arquitecta Ana Luísa Rodrigues (arguente principal)

Doutor Arquitecto Amílcar de Gil e Pires (orientador)

Mestre Dr. Paulo Jorge Garcia Pereira (co-orientador)

Lisboa, FAUTL, Novembro, 2010



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

Título de Dissertação: “*Projectar com o Lugar*”, Reabilitação da Quinta da Torre da Aguilha

Nome do Aluno: Sofia Inês Amaral Taboada

Orientador: Professor Doutor Amílcar de Gil e Pires

Mestrado: Arquitectura

Data: Lisboa, FAUTL, Setembro, 2010

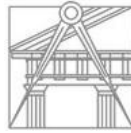
I. Resumo

O presente trabalho foi elaborado no âmbito do trabalho de fim de curso do Mestrado Integrado em Arquitectura. Esta proposta surgiu como uma oportunidade de aprofundar conhecimentos, uma vez que implicou um estudo e pesquisa alargados sobre as Quintas de Recreio e em particular sobre a Quinta da Torre da Aguilha. Deste modo foi, possível elaborar uma proposta de intervenção na quinta, tendo como objectivo respeitar as características e vivências próprias do “lugar”.

As quintas de recreio sofreram influências islâmicas e dos modelos italianos e são tipologias que agregam várias funções. Estas eram tipicamente constituídas pela casa do proprietário, a construção nobre, rodeada por outras estruturas de apoio ligadas à agricultura. O espaço exterior era povoado por jardins, pomares, espelhos de água e espaços de lazer.

Estas especificidades foram integradas na concepção do projecto de reabilitação da Quinta Torre da Aguilha de modo a criar um programa adequado que respeitasse as raízes históricas e o espírito do lugar. A criação da “Escola de Artes Circenses e Ofícios do Espectáculo” consegue proporcionar formas interessantes de ocupação do espaço através da relação que se estabelece entre o interior e o exterior e da articulação entre o espaço utilitário e o espaço lúdico.

Palavras chave: Quinta de Recreio, Quinta do Calhariz, Lugar, Fenomenologia, Habitar, Quinta da Torre da Aguilha



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

"Designing with the place", Rehabilitation of Quinta da Torre da Aguilha

II. Abstract

This work was prepared as part of the final project to the Masters degree in Architecture. This proposal came as an opportunity to deepen knowledge, once it involved an extensive study and research on “Quintas de Recreio” and particularly on the “Quinta da Torre da Aguilha”. This way, it was possible to develop a proposal for intervention in the farm aimed at respecting the characteristics and experiences of this particularly place.

The “quintas de recreio” had influences of Islamic and Italian models, whose typologies combine several functions. These were typically consisted by a master house, the noble building, surrounded by other support structures related to agriculture. The exterior was filled with gardens, orchards, lagoons and leisure facilities.

These characteristics were incorporated into the design of the rehabilitation project of the “Quinta da Torre da Aguilha” to create an appropriate program that respects the historical roots and the spirit of the place. The creation of the “School of Circus Arts and Show Crafts ” manages to provide interesting ways to occupy the space through the relations established between the interior and exterior and the articulation between space utility and recreational space.

Key-words: Quinta de Recreio, Quinta do Calhariz, Place, Phenomenology, Inhabit, Quinta da Torre da Aguilha

III. Índices

III.1. Índice geral

1. Introdução	1
2. <i>Primeira Parte</i> : Estado da arte.....	3
2.1. As Quintas de Recreio.....	3
2.2. Referências.....	10
3. <i>Segunda Parte</i> : Desenvolvimento.....	15
3.1. " <i>Projectar com o Lugar</i> "	15
3.1.1. Conceito de Lugar	15
3.1.2. O Entendimento Fenomenológico na Arquitectura	20
3.1.3. O <i>Lugar</i> como espaço de <i>Habitar</i>	23
3.2. Apresentação do objecto de estudo	30
3.2.1. Análise histórica	30
3.2.2. Análise física	32
3.2.3. Análise e estruturação espacial	36
3.3. Proposta de intervenção na Quinta Torre da Aguilha	39
3.3.1. Programa	40
3.3.2. Memória discritiva	42
4. Conclusão	51
5. Bibliografia	53
5.1. Lista de imagens	55
6. Anexos	59

6.1. Lista das peças desenhadas.....	61
6.2. Desenhos finais.....	63
6.3. Processo de trabalho.....	65
6.3.1. Programa proposto	65
6.3.2. Fotografias maqueta de estudo	68
6.3.3. Levantamento fotográfico	70
6.3.4. Outros elementos	71
6.3.4. Esquissos	75

III.2.Índice gráfico

IMG. 1 e 2 – Quinta da Bacalhoa.....	4
IMG. 3 – Palácio dos Marquesses de Fronteira.....	4
IMG. 4 – Quinta das Torres.....	5
IMG. 5 – Quinta da Bacalhoa, jardim formal.....	6
IMG. 6 – Quinta da Bacalhoa, Casa de Fresco.....	7
IMG. 7 – Chateau Villandry.....	8
IMG. 8 – Quinta dos Duques de Aveiro, planta em U.....	8
IMG. 9 – Quinta do Calhariz, planta em U.....	9
IMG. 10 – Quinta do Calhariz, planta da casa.....	9
IMG. 11 e 12– Quinta do Cabeço, Planta geral.....	10
IMG. 13 e 14– Quinta das Lapas.....	11
IMG. 15 e 16– Quinta da Gruta.....	11
IMG. 17 – Convento de Nossa Senhora da Saudação.....	12
IMG. 18, 19 e 20 – Interiores.....	12
IMG. 21 e 22 – Convento do Espinheiro.....	13
IMG. 23 e 24 – Hotel Aquapura Douro Valley.....	13
IMG. 25 e 26 – Mosteiro de Santa Marinha da Costa e a nova intervenção.....	14
IMG. 27 e 28 – Ponte pedonal da Covilhã, tabuleiro.....	18
IMG. 29 e 30 – Ponte pedonal da Covilhã, perfil.....	19
IMG. 31 – Ponte pedonal da Covilhã, pilar.....	19
IMG. 32 e 33 – Aldeia da Luz, Museu da Luz.....	26
IMG. 34 – Ruína do Castelo da Lousa.....	27

IMG. 35 e 36 – Museu da Luz, pormenor interior.....	27
IMG. 37 – Azulejo da Quinta da Torre da Aguilha.....	30
IMG. 38 – Fotografia de um quadro pertencente à colecção particular do Sr. Conde de Almerjão, retratando a Quinta da Torre da Aguilha no século XX.....	31
IMG. 39 – Aspecto da quinta antes do incêndio.....	31
IMG. 40 e 41 – Mapas de localização da Quinta.....	32
IMG. 42 – Mapa de acessibilidades.....	32
IMG. 43 – Equipamentos e estruturas de apoio existentes na área que envolv a Zona de intervenção.....	33
IMG. 44 – Concentração do edificado através da diferenciação entre cheios e vazios.....	34
IMG. 45 – Estrutura viária que envolve a área de investigação.....	34
IMG. 46 – Zonas verdes e arborização presentes na área envolvente.....	35
IMG. 47 – Topografia presente na área de intervenção. Declive acentua-se de Norte para Sul.....	35
IMG. 48 – Elementos que rodeiam a área de intervenção.....	36
IMG. 49 – Vacarias.....	37
IMG. 50 – Jardins organizados em patamares que servem também de mirantes e zonas de estar.....	37
IMG. 51 – Pátio de chegada.....	38
IMG. 52 – Planta organizada em U.....	38
IMG. 53 – Topografia natural origina socacos.....	39
IMG. 54 – Horizontalidade presente na composição da fachada.....	39
IMG. 55 – Fotografia actual da Quinta.....	40
IMG. 56 – Planta da Quinta, indicação dos elementos a preservar.....	43
IMG. 57 – Ideia parte de uma “forma” que sofre modificações de modo a corresponder às exigências do programa.....	43
IMG. 58 – Palácio é envolvido pelo volume da nova intervenção.....	44

IMG. 59 – Planta do projecto.....	45
IMG. 60– Percurso pedonal que dá acesso ao foyer; acesso à cobertura percorrível da sala de espectáculos.....	46
IMG. 61 – Ritmos criados pelos elementos das fachadas.....	46
IMG. 62 e 63 – Multiplicidade de funções: na primeira, apenas o bar está aberto ao exterior, na segunda imagem, as próprias aberturas criam espaços que podem ter novos usos.....	47
IMG. 64 – Planta de implantação.....	48

1.Introdução

O trabalho consiste numa proposta de reabilitação da Quinta da Torre da Aguilha. Esta situa-se na freguesia de São Domingos de Rana e encontra-se em contínuo estado de degradação. Esta quinta corresponde às tipologias típicas das quintas de Recreio, com todas as suas especificidades. Neste projecto, de carácter único, competia-se valorizar e revitalizar a identidade do lugar, o seu significado, através de uma ideia que transmita a consciência da nossa contemporaneidade, resolvendo necessidades actuais.

Assim, iniciou-se um processo de pesquisa onde se desenvolve mais aprofundadamente o universo das Quintas de Recreio e o significado dos elementos que as compõem. São, também, demonstrados exemplos de reabilitações eficazes em casos idênticos ao do objecto de estudo, realçando os diferentes tipos de abordagem programática.

Uma vez que o tema do projecto consiste em “projectar com o lugar”, foi ainda explorado o entendimento de lugar, destacando as características que o tornam único e irrepetível e, por isso, deve ser pensado como um factor determinante no processo projectual.

Toda a pesquisa realizada resulta, por fim, na idealização de um programa considerado adequado ao problema e que vai ser desenvolvido e aplicado à medida que se desenrola a proposta de intervenção.

O trabalho está essencialmente organizado em duas partes. Na primeira é apresentada toda a pesquisa produzida relativamente às quintas de recreio assim como exemplos de reabilitações que serviram de premissa para o tipo de abordagem a adoptar. Na segunda parte são introduzidos conceitos como *Lugar* e Fenomenologia e o modo como intervêm no processo projectual. Neste capítulo é também contextualizado o objecto de estudo e apresentada a proposta de intervenção na Quinta da Torre da Aguilha na qual se procura relacionar o objectivo do trabalho com as soluções obtidas.

2. Primeira Parte: Estado da arte

*“A architectura é a expressão de um tempo, já que reproduz a essência física do homem e revela nas relações monumentais do corpo o sentido vital de uma época”*¹

No método projectual torna-se necessário o processamento da pesquisa e investigação, que veio servir de pressuposto à articulação morfológica de novas tipologias e relações espaciais, sobretudo quando se confrontam elementos pré-existentes, com importância histórica, com intervenções actuais.

2.1. As Quintas de Recreio

Pensa-se que estas tipologias tenham sofrido influências da cultura islâmica, sendo que as primeiras quintas tenham surgido logo aquando a dominação muçulmana e também de modelos provenientes de Itália, no entanto a arte das quintas de recreio começa a adquirir verdadeira importância a partir do século XVI.²

Inicialmente, estas construções eram concebidas de modo a fecharem-se sobre si próprias, com uma planta centralizada num pátio interior rodeado por arcadas à semelhança dum claustro conventual. Gradualmente esta concepção abriu-se para um ideal de construção mais livre e aberta com uma profunda relação com a natureza. As fachadas tornaram-se mais permeáveis, aumentando o número de aberturas através da utilização de varandas e «loggias», e a relação com a paisagem e o exterior é acentuada através dos jardins que se prolongam a partir da casa de forma espontânea.

¹ Heinrich Wölfflin, *Principles of history of art*, in Maria João Madeira Rodrigues, *o que é Architectura*, Quimera, p.17.

² Ilídio Alves de Araújo, *Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)*, in Amílcar de Gil e Pires, *Vilegiatura e Lugar na Architectura Portuguesa*, Doutoramento em Architectura. FA/UTL, 20 de Fevereiro de 2008, p.349.



IMG. 1 e 2 – Quinta da Bacalhoa

Os recursos hídricos existentes são acentuados através de lagos, de tanques revestidos de azulejos e espelhos de água que fazem a transição entre o construído e a natureza. Estes elementos de ligação servem também de pólos aglutinadores e decorativos.



IMG. 3 – Palácio dos Marquesses de Fronteira

“Chama-se Quinta de Recreio à propriedade rústica que, independentemente da dimensão, inclui terrenos de cultivo, hortas e pomares, edifícios de apoio à exploração agrícola e pecuária, habitações de trabalhadores rurais e, junto à residência do proprietário, zonas de lazer, designadamente jardins, pavilhões, fontes, lagoas, pombais e matas, variando em função do estatuto social dos moradores”³

Estas propriedades, pelas suas especificidades, foram apelidadas de quintas, independentemente da língua em que eram referidas. Podiam ter-se escolhido as palavras “chateau” (francês) ou “villa” (italiana), designações relativamente universais e aplicáveis a

³ Marieta Dá Mesquita, História da Arquitectura, *Uma Proposta de Investigação – O Palácio dos Marquesses de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1992 (Policopiado), p.241.

edifícios de outras regiões, mas estas não traduziam a particularidade do que se assistia em Portugal. O termo torna-se especialmente apropriado pois designa *“uma unidade rural de dimensão muito variável que inclui terrenos abertos de cultivo, outros delimitados, por vezes murados, para hortas e pomares, construções de apoio à agricultura e à criação de animais, moradias para caseiros ou outros trabalhadores e a casa do proprietário, anexa a esta, conforme a especificidade da sua utilização e o estatuto social dos seus habitantes, aparecem as zonas de recreio: jardins, pequenos lagos, fontes ou manchas de arvoredos.”*⁴



IMG. 4 – Quinta das Torres

Estas propriedades são, então, um todo organizado, sendo apreciadas não só pela excelência da sua arquitectura e exploração agrícola, mas sobretudo pela implantação, pelo bucolismo do ambiente em que se inserem, das oportunidades que oferecem através de agradáveis passeios pelos pomares, hortas, matas e jardins formais.⁵

A mata funciona como barreira protectora, tanto da envoltória exterior como dos ventos, fornecendo a amenidade climática essencial para a produção agrícola e ao ambiente recreativo. O jardim formal integra o espaço verde e jardins que rodeiam a casa, e é um complemento à própria arquitectura pois gera-se a partir de eixos lineares e é regado geometricamente. Este possui uma forma preferencialmente quadrada.⁶

⁴ João Vieira Caldas, A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII, s.n., 1999, p.18.

⁵ Idem.

⁶ Amílcar de Gil e Pires, *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*, Doutoramento em Arquitectura. FA/UTL, 20 de Fevereiro de 2008, p.367.



IMG. 5 – Quinta da Bacalhoa, jardim formal

O pomar/horta é o sustento económico da quinta e deviam situar-se nas encostas suaves. Além do seu óbvio contributo ambiental, o seu objectivo é a produção agrícola de produtos hortícolas e frutas para comercializar na cidade ou mesmo exportar.⁷

Na época de D. João V, as quintas eram usadas sobretudo como habitações secundárias, onde os seus proprietários se mudavam para desfrutar do ar mais saudável, dos passeios pelos jardins ou apenas para controlar a produção agrícola.⁸

A casa do proprietário, ou Palácio, funciona como o elemento centralizador da Quinta de Recreio possuindo um programa e arquitectura próprios. A entrada é, por vezes, antecedida por um terreiro, ou pátio que se apresenta como o momento de chegada e é normalmente fechado sendo que o seu interior era para ser visto mesmo com o portão fechado.⁹ Este espaço, estruturante de configuração geométrica e racional, tem a função de receber e desenvolve-se adjacente à casa, estando relacionado com a sua arquitectura.

A casa constituía o núcleo de uma propriedade de recreio, podendo agregar um conjunto de construções de apoio e arranjos paisagísticos, cujo ordenamento não é de todo indiferente ou aleatório.

As casas estavam organizadas em dois pisos, estando a habitação instalada no piso superior e os serviços no piso térreo. No interior, uma vez que os corredores eram quase inexistentes, a travessia de um compartimento para o seguinte é feita quase directamente. As escadas eram normalmente construídas no exterior como sinal da existência de outros pisos e consequentemente de riqueza.

⁷ Idem, p.366.

⁸ João Vieira Caldas, *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, s.n., 1999, p.18.

⁹ Idem, p.41.

Toda a propriedade rural exige a implantação de construções de apoio, como estábulos, celeiros, lagares e armazéns, assim como os serviços directamente ligados à casa como a cozinha, esta aparece no piso térreo encostada ao corpo do edifício em apêndice, sendo o forno, um corpo saliente da construção.¹⁰

A rodear a casa existem outras construções de apoio à agricultura, pátio, tanques, hortas e pomares. As fontes, além de embelezar, teriam de fornecer a água para a habitação e para os animais, os lagos seriam também tanques de rega, os jardins com espécies ornamentais não podiam ser plenamente usufruídos sem o complemento do pomar, da horta, da casa de prazer e dos caramanchões que os ligavam.



IMG. 6 – Quinta da Bacalhoa, Casa de Fresco

Embora em França, já se tivesse utilizado a configuração da planta em U axializada (Chateau de Villandry), é ao século XVII que se atribui a introdução desta nova e original estruturação arquitectónica à Quinta de Recreio em Portugal.¹¹

¹⁰ Ibidem, p.56.

¹¹ Ibidem, p.110.



IMG. 7 – Chateau Villandry

Este modelo, ao qual pertence a Quinta Torre da Aguilha – o principal objecto de estudo – é característico das casas que se organizam no todo ou em parte em volta de um terreiro, ou pátio, de modo a que uma frente e dois braços formem um U regular aberto, ou fechado por um muro e portão.¹²



IMG. 8 – Quinta dos Duques de Aveiro, planta em U

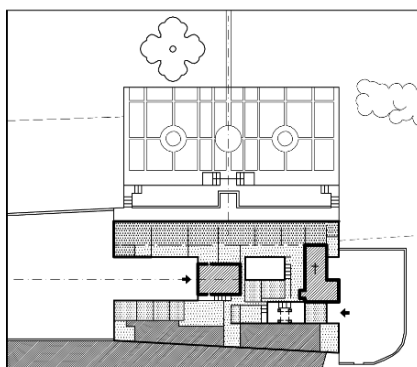
A Quinta do Calhariz, em Sesimbra, é também caracterizada por desenvolver uma planta em U. Crê-se que tenha sofrido algumas alterações ao longo dos tempos consoante a sua adaptação das necessidades que iam surgindo, possuindo actualmente um elevador. O piso nobre é térreo e uma vez que o terreno é em socalcos a entrada faz-se por um dos lados mais compridos da construção. Do lado oposto, há um terraço/varanda que acompanha as salas e que permite a contemplação do jardim formal, este acedido por umas escadarias. Para facilitar a iluminação da enorme massa construída até porque um dos lados encosta

¹² Ibidem, p.244.

directamente no terreno, são criados alguns pátios. A cozinha encontra-se junto à “casa de fora” e possui uma grande chaminé central.¹³



IMG. 9 – Quinta do Calhariz, planta em U

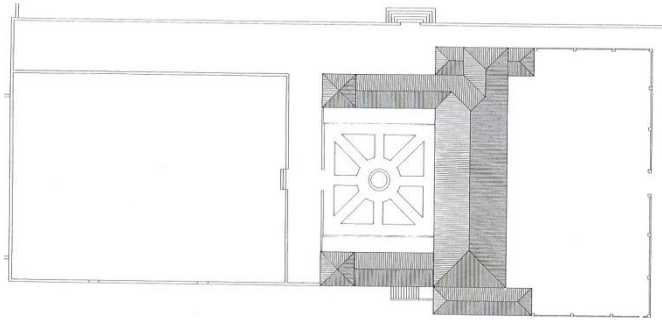


IMG. 10 – Quinta do Calhariz, planta da casa

A Quinta do Cabeço, Moscovide, pertence também a este grupo inovador. Pelas sucessivas modificações é difícil perceber o que resta da antiga edificação, no entanto, o tratamento uniforme do exterior unificou as diferentes alterações. A construção forma um U, virado para as traseiras, no qual alberga um jardim formal. Curiosamente a entrada faz-se pelo lado oposto ao U, cuja fachada apresenta várias varandas cobertas por alpendres.¹⁴

¹³ Ibidem, p.249.

¹⁴ Ibidem, p.254.



IMG. 11 e 12– Quinta do Cabeço, Planta geral

Actualmente tem-se assistido à recuperação de várias propriedades, como as quintas de recreio, na tentativa de reinserir estes elementos de carácter histórico na vida e realidade actuais, atribuindo-lhes programas contemporâneos e adequados às necessidades existentes.

2.2.Referências

“A arquitectura é a arte de construir. Compõe-se de duas partes: teoria e prática. A prática é a construção efectiva, a teoria é o conjunto das regras derivadas da Tradição, das Técnicas, da Ciência, da Sociedade e da História.”¹⁵

Para a concepção do projecto, tornou-se necessário criar um suporte conceptual de modo a conseguir manipular a relação entre o edifício pré-existente e a nova identidade programática.

Seguem-se alguns exemplos de como um espaço único, dotado de um forte carácter histórico-cultural mas despojado de qualquer função, pode ser apropriado e adequado aos usos e habitar contemporâneos:

¹⁵ Viollet-le-Duc, *Entretiens sur L'architecture*, in Maria João Madeira Rodrigues, *O que é Arquitectura*, Quimera, p.13.

- Quinta das Lapas



IMG. 13 e 14– Quinta das Lapas

Situada em Torres Vedras, esta construção de finais do século XVI constituía uma casa típica da arquitectura civil residencial, de estilos barrocos e neoclássicos. A entrada é feita através de um pátio de chegada que é envolvido pela implantação em U da quinta. O edifício assume grande relevância no terreno que o envolve estando rodeado por jardins e um lago. A quinta está organizada em patamares, distinguindo-se perfeitamente as funções dos diferentes espaços: jardim, mata, pomar e zona desportiva. Actualmente a construção foi convertida nas instalações d'A Comunidade Terapêutica, especializada em tratamentos de toxicod dependência de longa duração contendo também uma componente voltada para a habitação.¹⁶

- Quinta da Gruta



IMG. 15 e 16– Quinta da Gruta

¹⁶ http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1

Situada na Maia, esta quinta engloba um palacete do início do século XX cuja construção remonta à tradição brasileira do século XIX já com influências da Art Nouveau. Hoje em dia esta propriedade foi transformada num Complexo de Educação Ambiental que oferece uma grande variedade de actividades para toda a comunidade e em especial para estabelecimentos de ensino e sempre relacionadas com a educação ambiental. A estrutura proporciona ainda espaços lúdicos para a realização de actividades, restaurante, café, auditório, biblioteca, etc.¹⁷

- Convento de Nossa Senhora da Saudação



IMG. 17 – Convento de Nossa Senhora da Saudação



IMG. 18, 19 e 20 – Interiores

Situado em Montemor-o-Novo, esta construção foi iniciada em 1502 e terminada no século XVII e foi criado quando um grupo de mulheres decidiram dedicar-se a uma vida de devoção e recolhimento, indiferentes a qualquer ordem religiosa. O convento tem sido submetido a diversas recuperações, algumas dirigidas pela D.G.E.M.N. que impediu a total degradação deste valioso conjunto monumental. Actualmente, este convento foi convertido no centro transdisciplinar «O espaço do tempo e a oficina de arqueologia» do programa do castelo da câmara municipal de Montemor-o-Novo.¹⁸

¹⁷ <http://www.quintadagruta.cm-maia.pt/>

¹⁸ http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1

- Convento do Espinheiro

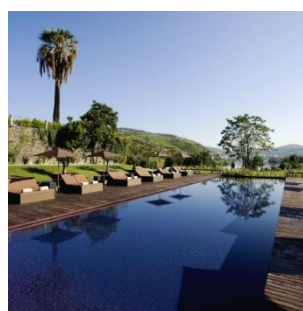


IMG. 21 e 22 – Convento do Espinheiro

Este convento do século XV, situado perto de Évora, foi classificado como Património Mundial da Humanidade. O convento era um ponto de referência para a visita e até permanência fugaz dos nossos reis. ¹⁹

Actualmente foi transformado num luxuoso hotel, rodeado por 80 000m² de maravilhosos jardins. O Convento do Espinheiro Heritage Hotel & Spa além das habituais funcionalidades, oferece uma multiplicidade de actividades incluindo a possibilidade de saborear a cozinha regional no restaurante ou celebrar eventos especiais na magnífica igreja restaurada. ²⁰

- Hotel Aquapura Douro Valley



IMG. 23 e 24 – Hotel Aquapura Douro Valley

¹⁹ <http://www.starwoodhotels.com/luxury/property/overview/index.html?propertyID=1553>

²⁰ <http://www.maisturismo.pt/4/284.html>

Próxima do Peso da Régua, esta casa senhorial do século XIX, constitui a «Quinta de Vale Abraão». Esta foi construída por um produtor de vinho do Porto neste local privilegiado e dotado do clima ideal para esta actividade.²¹

Actualmente, foi transformado no Hotel Aquapura Douro Valley, exemplo notável da combinação e respeito da arquitectura tradicional com os elementos contemporâneos. Esta construção integra-se numa magnífica paisagem de vinhas rodeadas pelo rio onde a beleza de um edifício de tempos antigos se combina com a arte da arquitectura moderna.

- Mosteiro de Santa Marinha da Costa



IMG. 25 e 26 – Mosteiro de Santa Marinha da Costa e a nova intervenção

Situa-se na encosta da Penha, perto da cidade de Guimarães e foi construído sobre um pequeno templo do século IX, passando a mosteiro nos finais do século XI. No século XVI foi lá instituído um colégio instalado pela ordem de São Jerónimo que equivalia a uma escola superior. O edifício sofreu algumas modificações e ampliações ao longo dos tempos. Actualmente o mosteiro passou a pousada e integra a rede Pousadas de Portugal com a classificação de Pousada Histórica. Para além das construções existentes foi acrescentado um corpo novo rebaixado contrastando com o restante edifício pelo seu despojamento de decoração. Além do jardim é possível ver a descoberto vestígios arqueológicos das ocupações pré-românicas e românticas.²²

²¹ <http://www.sw-hotelguide.com/portugal/douro/aquapura/pt/index.html>

²² http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1

3. Segunda Parte: Desenvolvimento

O tema a ser desenvolvido, parte da necessidade de compreender as relações que se podem estabelecer entre um determinado lugar, uma intervenção e o indivíduo enquanto fruidor do espaço. Uma vez que a minha proposta de projecto engloba a reabilitação de um elemento arquitectónico pré-existente num contexto específico, torna-se importante uma fundação teórica a partir da qual se torne possível o reconhecimento dos elementos identificativos do lugar de modo a adequar o tipo de abordagem.

A análise fenomenológica, surge então como um meio de interpretação das características sensíveis do lugar, permitindo reconhecer não só as características que se apreendem de forma imediata, mas a sua essência.

É também valorizada a relação Homem-Lugar na medida em que o homem, enquanto “ser” que habita, para reconhecer a sua própria identidade, tem primeiro de se identificar com o ambiente que o rodeia, criando uma ligação recíproca.

3.1. “Projectar com o Lugar”

3.1.1. O conceito de Lugar

*“Sem a representação de lugares, a arquitectura teria sido impossível em qualquer cultura”*¹
Josep Muntanola²³

Projectar com o Lugar não se resume a inserir um qualquer elemento novo num determinado contexto. Qualquer acontecimento deverá estar, obrigatoriamente, relacionado com a sua localização específica. Esta relação não compreende apenas os factores físicos (como a topografia, a exposição solar, geografia) normalmente associados àquilo que pode ser facilmente apreendido através da visão; porém todas as relações sensíveis proporcionadas pelo lugar, a sua natureza concreta, existencial, e cultural. Assim, há que salientar que a diferença entre “sítio” e “lugar” traduz-se não em valores quantitativos, mas qualitativos.²⁴

²³ Josep Muntanola, in, *Arquitectura e Vida*, April 2002, p.66.

²⁴ Rui Barreiros Duarte, *Arquitectura e Vida*, April 2002, p.69.

“(…) os valores básicos que interagem com o lugar estão muito para além das circunstâncias do momento, pois o modo de questionar qual o seu sentido mais profundo e o que é que permanece como identidade peculiar de cada lugar é o que os torna diferentes, constituindo uma entidade única e irrepetível, potencializando uma experiência que só a verdadeira arquitectura é capaz de transmitir.”²⁵

O Lugar pressupõe a afirmação de um determinado *carácter* ou atmosfera, e enquanto fenómeno qualitativo, tem uma abrangência que extravasa as meras relações espaciais, que embora muito significativas não são determinantes para a caracterização e interpretação da essência e natureza concreta do Lugar. O carácter é determinado pelas especificidades próprias que constituem o Lugar, pelos fenómenos concretos que possibilitam e condicionam o habitar e a identificação do Homem com um determinado ambiente espacial.²⁶

A definição de carácter por Jacques-François Blondel (1705-1774) ultrapassa a composição volumétrica e a escolha das formas em harmonia espacial, procurando o próprio modo de ser do edifício, cuja manifestação pode, inclusive, englobar vários simbolismos na sua composição, mas que surge à partida na própria concepção. O carácter expresso pelo exterior do edifício deixará bem esclarecido o seu uso específico.²⁷ Estes valores complementam-se e surgem como resultado óbvio um do outro, o interior transporta-se para o exterior que, por sua vez, se reflecte no interior.

Aparentemente e de uma forma pragmática, toda a produção arquitectónica tem um propósito imediato, relacionado com um determinado programa que procura desempenhar uma função. Mas mais do que funcionalidade, é no modo como questionam e estabelecem a articulação com o lugar que os edifícios revelam o seu próprio carácter, determinante da sua forma geral que por sua vez é objectivamente indicativa da sua própria identidade.²⁸

Este modo de abordar a Arquitectura, ao não estar directa e unicamente relacionado com a estrutura e o cumprimento das obrigações relacionadas com a funcionalidade, não ia de encontro aos princípios apreciados pelo Movimento Moderno que celebrava a racionalidade e a função como as bases da concepção de uma *arquitectura autêntica*. Este considerava que havia uma preocupação excessiva com os problemas formais da arquitectura que, no

²⁵ Idem.

²⁶ Amílcar de Gil e Pires, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, ARTITEXTOS06. JULHO 08, p.116.

²⁷ Werner Szambien, *Symetrie, Goût, Caractère – Théorie et Terminologie de L'Architecture À L'Âge Classique 1550-1800*, in *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, Amílcar de Gil e Pires, ARTITEXTOS06. JULHO 08, p.108.

²⁸ Anthony Vidler, *Ledoux*, Ediciones Akal, in, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, Amílcar de Gil e Pires, ARTITEXTOS06. JULHO 08, p.109.

contexto cultural em que se vivia, teria de ser substituída por uma maior dedicação aos problemas de carácter construtivo.

Para Norberg-Schulz (1926 - 2000), a abordagem da Arquitectura, de alguma forma analítica e científica, do Movimento Moderno, leva à privação do carácter concreto da envolvente do edifício, dos seus valores e das qualidades de identificação do Homem com o Lugar. O carácter do ambiente urbano produzido destacava-se pela sua monotonia. Os edifícios não afirmavam a sua presença de carácter, de um modo intencional, e recorriam às novas tecnologias de construção para aparentar um carácter *abstracto, insubstancial* ou até mesmo uma *falta de carácter*. Como oposição ao Movimento Moderno, que revelava poucas surpresas ou descobertas, este cria o conceito de “Espaço Existencial”, uma designação que compreende as relações básicas entre o Homem e o seu meio envolvente, realçando a importância da experiência das cidades antigas e da História como património indispensável na afirmação do carácter e consolidação do Lugar.²⁹

Face a um problema, ou um programa específico, a arquitectura procura sempre oferecer a resposta mais sublime, encerrando nela, conjuntos de relações e significados que suscitem em nós as mais variadas emoções; ela trata de adequar situações a realidades específicas, onde quer a noção de identidade pessoal quer do “lugar” serão sempre únicas e irrepetíveis.

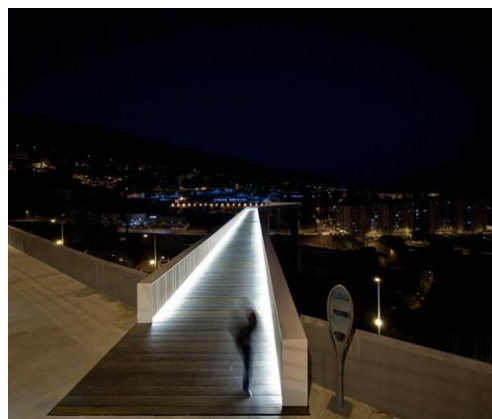
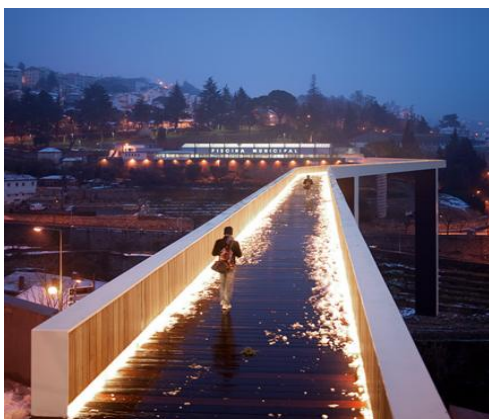
“O arquitecto exerce o ofício mais belo do mundo. Porque num pequeno planeta onde tudo está já descoberto, projectar é todavia uma das maiores aventuras possíveis” (Renzo Piano, *Giornale di bordo*, 1997)³⁰

A arquitectura encerra um número ilimitado de possibilidades, abre novos caminhos e oferece respostas inovadoras às mesmas questões de sempre. É um processo em constante evolução, que reflecte sobre as necessidades actuais apoiando-se sempre nos conhecimentos e experiências legadas pela tradição, mas transmitindo a consciência da nossa contemporaneidade. Existem sempre novos desafios, e a possibilidade de recriar relações entre o Homem e o Lugar.

A ponte pedonal do Carrilho da Graça na Covilhã que faz a travessia sobre a Ribeira da Carpinteira entre dois pontos separados por um vale profundamente esculpido na paisagem tinha como pressupostos: aproximar os bairros residenciais que compõem o núcleo urbano e facilitar a circulação, através de espaços pedonais.

²⁹ Christian Norberg-Schulz, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975, p.33., in *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, Amílcar de Gil e Pires, ARTITEXTOS06. JULHO 08, p.115.

³⁰ Renzo Piano, *Giornale di bordo*, 1997, in, Alfonso Muñoz Cosme, *Concepto proceso y representación*, Editorial Reverté, p.177.



IMG. 27 e 28 – Ponte pedonal da Covilhã, tabuleiro

Esta ponte poderia ser igual ou semelhante a muitas outras, ou poderia servir-se apenas de um tabuleiro suportado por pilares, constituindo um plano recto e relativamente horizontal que permitisse a circulação da população. No entanto, há uma preocupação no modo como se insere este elemento novo numa paisagem pré-existente, um elemento específico num “lugar” singular.

“..As relações de conveniência prática, temporal e mediata são determinantes, e desde os primórdios, a ordem útil é necessária mas não suficiente; a arquitectura cedo ultrapassa o nível utilitarista”³¹

O desafio estará, então, em relacionar e integrar a intervenção com a envolvente e não em possibilitar a comunicação entre dois pontos, uma vez que a funcionalidade do objecto arquitectónico, é uma questão que terá de estar assegurada desde o início. A ponte de 52 metros de altura, que poderia apenas desenhar uma linha recta entre as duas margens, opta antes, por uma configuração mais sinuosa, como que «serpenteante», acompanhando o perfil recortado do vale. A escala, os pontos de vista, os silêncios, as distâncias, as articulações, constituem estruturas organizativas, algumas não construídas, mas que têm uma relevância decisiva nas correlações que estabelecem com o Lugar. Numa análise mais detalhada, apesar da geografia acidentada o modo como esta ponte foi concebida permite a sua total integração na paisagem, a sua estrutura fina e delicada quase que se confunde com o céu, que serve de fundo. O contraste do branco com o preto das faces opostas atribui-lhe uma leveza sem igual, como se tivesse a espessura de uma folha de papel a diluir-se no ar.

³¹ Maria João Madeira Rodrigues, *O que é a Arquitectura* (2. Sociedade e arquitectura), 2002, p.33.



IMG. 29 e 30 – Ponte pedonal da Covilhã, perfil

Os próprios pilares foram pensados de modo a permitir o seu envolvimento pela vegetação predominante, acentuando assim a sua relação e respeito para com a envolvente.



IMG. 31 – Ponte pedonal da Covilhã, pilar

*"A primeira vez que olhei para o vale fiquei maravilhado. Depois, uma vez que tem uma grande altura e ainda é longo, fiquei arrepiado", "Por isso é que as guardas da ponte são altas e largas, para que quem passa se sinta confortável, num tabuleiro igualmente espaçoso, sem perder as vistas."*³² Carrilho da Graça

Numa entrevista relacionada com o exemplo explorado anteriormente, sobre a ponte pedonal de Covilhã, um membro da população local afirma: *"Agora é um instante chegar ao*

³² <http://www.arquitectura.pt/forum/f29/covilh-ponte-pedonal-carrilho-da-gra-a-14009.html>

centro da cidade", descreve, "O caminho é mais curto, mais rápido e a ponte está bonita. É um monumento", refere.³³

Para além de valorizar o óbvio contributo prático da obra, o indivíduo, de uma forma quase inconsciente, tem a percepção do seu valor simbólico. O significado do objecto arquitectónico vai para além da função objectiva e é-lhe atribuído, através de uma interpretação individualizada, um valor intrínseco de carácter cultural. A arquitectura é mais do que cumprir a função, é atribuir significado.

O processo criativo é impulsionado pelo conhecimento e entendimento dos valores do Lugar e da sua envolvente: "*A paisagem e o ambiente também interferem com a arquitectura. Cada cidade tem uma atmosfera própria e quem projecta deve entendê-la*" (...) "*É algo que exige muito estudo, concentração, mas que, por outro lado, incentiva a criatividade, a emoção, a vontade de encontrar coisas novas*"³⁴

3.1.2. O Entendimento Fenomenológico na Arquitectura

Segundo Álvaro Siza, o projecto e o processo conceptual iniciam-se sempre com uma visita ao local de intervenção, de onde se retira a inspiração e o impulso decisivo para a arquitectura: "*Começo um projecto quando vou ver o terreno (há sempre um programa e uns factores determinantes, ainda que sejam ambíguos). Às vezes faço-o a partir da ideia que tenho do lugar (graças a uma descrição, uma fotografia, algo que leia ou a qualquer tipo de indício)*"³⁵

"Projectar com o lugar", requer por isso a combinação de diferentes factores, não só inerentes ao estudo da arquitectura como o reconhecimento de símbolos, arquétipos e a percepção do sistema de relações visuais entre os elementos em presença, como também factores intrínsecos ao próprio indivíduo como a sensibilidade e a imaginação, provenientes da fenomenologia.

³³ <http://www.arquitectura.pt/forum/f29/covilh-ponte-pedonal-carrilho-da-gra-a-14009.html>

³⁴ Valdemar Cruz, *Álvaro Siza: conversaciones con Valdemar Cruz*, in Alfonso Muñoz Cosme, *Concepto proceso y representación*, Editorial Reverté, p.175.

³⁵ Aa Vv, *Álvaro Siza: profesión poética*, in, *Concepto, proceso y representación*, Alfonso Muñoz Cosme?, Editorial Reverté, pp.174,175.

O termo “Fenomenologia” deriva das palavras gregas *phainesthai* que significa aquilo que se mostra, e *logos* que significa estudo, sendo etimologicamente então “o estudo do que se mostra”.³⁶

No quotidiano, somos confrontados com os mais variados fenómenos, sobre os quais temos percepções espontâneas sem nos dedicarmos à sua classificação ou análise específica. O facto de estes se apresentarem como formas, facilitam a sua apreensão e são instantaneamente identificados pelos indivíduos de modo a adequar o comportamento a adoptar. O objectivo é fornecer-nos informação que nos capacite para actuar de modo correcto relativamente à relação sujeito-objecto que se pretende estabelecer, quer seja funcional ou outra.

É com Edmund Husserl (1859-1938) que o termo toma a sua acepção moderna como a “*ciência das estruturas essenciais da consciência pura*”³⁷, reclamando “O regresso às próprias coisas” – “*que manifesta a vontade de descrever simplesmente – antes de qualquer tentativa de explicação – a forma como uma coisa se apresenta à consciência, o modo como as coisas se manifestam*”.³⁸ Trata-se portanto da apreensão da essência absoluta das coisas, procurando captar, de uma forma imediata, o seu conteúdo inteligível e ideal e não simplesmente as aparências.

Segundo Heidegger podemos ter o seguinte entendimento da Fenomenologia: “*permitir ver o que se mostra, tal como se mostra por si mesmo*”³⁹, conceito complementar ao de Husserl – “às próprias coisas”.

A fenomenologia tem como objecto de estudo o próprio fenómeno e é entendida com a disciplina que descreve e interpreta os fenómenos que se apresentam à percepção, isto é, as coisas em si mesmas – “*é a forma pela qual o conhecimento do mundo se revela*”.⁴⁰ O processo fenomenológico procura a interpretação do que nos rodeia através da consciência do indivíduo – está formulada com base nas suas experiências pessoais – tornando o “sujeito” e o “objecto” indissociáveis.

³⁶ <http://www.euniverso.com.br/Oque/fenomenologia.htm>

³⁷ Daniel Augusto Moreira, *O Método Fenomenológico na Pesquisa*, Thomson Pioneira, p.73.

³⁸ Dicionário Prático de Filosofia, Ed. Terramar, p.185.

³⁹ Martin Heidegger, *El Ser y el Tiempo*, in, Amílcar de Gil e Pires, *Doutoramento em arquitectura, “Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa”*, Out. 2007, (Cap.Fenomenologia da Arquitectura), p.4.

⁴⁰ Daniel Augusto Moreira, *O Método Fenomenológico na Pesquisa*, Thomson Pioneira, p.88.

A “Fenomenologia” contribuiu para o estudo da Arquitectura na medida que, enquanto método de análise crítica é fundamental para a compreensão do *Genius Loci* ou *espírito do lugar*, que por sua vez nos permite reconhecer a realidade concreta com que somos confrontados. Através da Arquitectura, cumpre-se a tarefa fundamental que é a criação das condições essenciais para habitar por meio da consolidação de lugares significativos.⁴¹

A percepção de determinado objecto arquitectónico consiste em mais do que assimilar visualmente o conjunto formado por uma associação de formas, numa atitude fenomenológica o objecto é constituído na consciência.⁴²

*“Na questão da experiência que o homem tem do ambiente que o rodeia está comprovado que a percepção do espaço é um processo complexo em que estão implicadas muitas variáveis. Não percebemos simplesmente um mundo comum a todos nós, como defendem alguns homens ingênuos, práticos e realistas, mas sim mundos diferentes que são produto das nossas motivações e experiências anteriores. Em geral, a percepção destaca suposições válidas acerca do meio ambiente que nos rodeia e tais suposições variam em função das situações em que participamos. A percepção interfere num mundo que poderia ser descrito, também, perfeitamente, como acontecimentos num espaço-tempo de quatro dimensões.”*⁴³

A Fenomenologia relaciona a essência da consciência com o chamado processo de Intencionalidade, isto é, tudo parte de uma intenção, de uma vontade. É uma investigação que busca a essência inerente à aparência. Essa procura promove o estreitamento da relação sujeito-objecto, em que perante uma determinada realidade, o *sujeito* – munido com o conhecimento proveniente das suas experiências – tenta obter uma compreensão mais clara do seu significado, a sua identidade. Este processo desenrola-se de acordo com o grau de acuidade, percepção e contexto histórico de cada sujeito que aliados à sua total individualidade tem como resultado final várias possibilidades de interpretações, intuições, significações e percepções.

Raymond Bayer (1898-1969) desenvolve, no seu *Traité D’Estétique* (Paris, 1956), o “*método para a experiência do belo*” através da qual se pode proceder à análise de uma obra arquitectónica. Este é definido por quatro fases: “*experiência aberta, intuição sensível, organização estética do espaço e do tempo, intuição intelectual*”. Assim, a arquitectura

⁴¹ Amílcar de Gil e Pires, Carácter da Arquitectura e do Lugar, *ARTITEXTOS06. JULHO 08*, p.117.

⁴² Daniel Augusto Moreira, O Método Fenomenológico na Pesquisa, Thomson Pioneira p.85.

⁴³ Cristian Norberg-Schulz, Existencia, Espacio Y Arquitectura, Ed. Blume, Barcelona, 1975, p.10.

deixa de ser um aglomerado de formas que servem apenas um propósito, mas está dotada de uma “*profundidade simbólica*” que lhe é inerente e faz com que seja entendida como uma “*obra completa*” que encerra uma mensagem, um significado. Este procura suscitar em nós imagens e emoções, sentimentos esses que serão interpretados de acordo com as nossas experiências individuais.⁴⁴

Os símbolos são imprescindíveis ao conhecimento, à ciência e a todo o tipo de conhecimento reflexivo. Husserl define-os como uma “*referência física usada nas relações e diferenciação de conteúdos*”.⁴⁵

3.1.3. O Lugar como espaço de *Habitar*

O entendimento das especificidades da arquitectura faz com que esta estabeleça uma relação de afinidade não só com o “lugar” mas com o indivíduo.

*“A mais compreensiva e talvez a maior experiência arquitectónica é o sentido de estar num Lugar único. Parte desta intensa experiência do Lugar é sempre uma impressão de algo sagrado: este Lugar é para seres especiais. Uma casa pode ser construída para propósitos práticos mas, de facto, é um instrumento metafísico, uma ferramenta mítica com a qual nós tentamos introduzir uma reflexão de eternidade na nossa momentânea existência.”*⁴⁶

A casa não é apenas um objecto arquitectónico concebido unicamente com a função de nos proteger e resguardar dos elementos exteriores, ela desenvolve uma estreita relação com o “eu” enquanto indivíduo que *habita*. Esta essência do habitar está relacionada com a apropriação do espaço, um lugar em que me sinta bem e a que possa chamar *meu*. Este sentimento de bem-estar e de paz, esta satisfação, resulta da relação entre a minha essência e a essência do sítio, e para que tal aconteça, tenho de me sentir protegida. Só me posso sentir em casa, num lugar onde me sinta resguardada e defendida do mundo exterior, um lugar onde o tempo pare para eu me encontrar comigo mesma e ter tempo para mim, para me conhecer.

⁴⁴ Amílcar de Gil e Pires, *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*, Doutoramento em Arquitectura. FA/UTL, 20 de Fevereiro de 2008, pp.228-241.

⁴⁵ Ricardo Timm de Souza, Nytharmar Fernandes de Oliveira, *Fenomenologia Hoje II: Significado e Linguagem*, EDIPUCRS, p.256.

⁴⁶ Juhani Pallasmaa, *The Geometry of Feeling, A Look at the Phenomenology of Architecture*, in Kate Nesbitt, *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory: 1965-1995*, Ed. Princeton Architectural, New York, 1996, p.452.

*“A casa é o lugar com o qual me identifico, aquele que assimilei a mim e que, reciprocamente, me assimilou a si.” “Para que eu me possa reconhecer num determinado ambiente é preciso que ele possa acolher as dimensões que caracterizam a minha pessoa.”*⁴⁷

A identidade do Homem depende directamente da sua pertença a um Lugar e este é, por sua vez, a manifestação concreta do habitar do Homem. A casa, não só me acolhe, como também me identifica.

E habitar não é construir sem critério, o aumento de construções não significa obrigatoriamente um aumento de habitações. Construir é sem dúvida um meio para se habitar, contudo é impossível construir se já não tivermos habitado primeiro. *“Então, o Habitar seria, em todo o caso, o fim que precede o Construir. Habitar e Construir estão na relação de fim e meio”.*⁴⁸ *“Habita-se não porque se construiu, mas antes constrói-se e construiu-se, na medida em que se habita”*⁴⁹ *“A relação do homem com os lugares e, por meio dos lugares, com os espaços, assenta no Habitar. O relacionamento entre homem e espaço não é outra coisa senão o Habitar pensado essencialmente”*⁵⁰

Para que esta relação seja permitida é necessário aceitar o espaço para que este seja passível de ser habitado, e assim adquirirmos aquilo que nos distingue de todas as espécies: uma morada. É aqui onde me é possível revelar, onde sou igual a mim mesma e onde irei depositar todas as minhas experiências, sonhos e expectativas e é a partir daqui que me relaciono com o resto do mundo, é em casa que me preparo para enfrentar a realidade o ponto de referência do qual parto e ao qual chego. *“A bela arquitectura será a arquitectura que tem um espaço interior que nos atrai, nos eleva, nos subjuga espiritualmente”*⁵¹

É esta estreita relação entre o «eu» e o habitar que torna possível o armazenar de *memórias*. Sem a capacidade de satisfazer esta ligação, a Arquitectura não permite que o homem se relacione com ela de maneira conforme às exigências deste e às potencialidades daquela. As nossas memórias residem na nossa casa, onde decorrem as nossas vivências,

⁴⁷ Pedro Marques de Abreu, ARQUITECTURA: MONUMENTO E MORADA , Investigação do pensamento de Ruskin sobre o Património, Faculdade de Arquitectura UTL, 12 de Maio de 2005 ,p.14.

⁴⁸ Martin Heidegger, Vorträge und Aufsätze, Günther Neske Pfullingen, 1954, pp. 145-162 (Conferência dada a 5 de Agosto de 1951 no âmbito do «Colóquio de Darmstadt II» sobre «Homem e Espaço»; impresso na publicação deste colóquio, Neue Darmstädter Verlagsanstalt, 1952, p. 72ff.).

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Bruno Zevi, *Saber ver a Arquitectura* (Capítulo 2, O espaço, protagonista da arquitectura), São Paulo, 2002, p.24.

onde me revejo e identifico. É a arquitectura que por marcar e preencher toda a nossa existência, encerra também a nossa identidade e origem.

A memória representa um grande valor na existência humana. As recordações de infância, constituem uma componente importante na análise fenomenológica da Arquitectura, uma vez que as imagens e sentimentos despertados são os que talvez mais se aproximam do verdadeiro entendimento da percepção espacial. Quando reflectimos sobre as nossas memórias, não temos consciência das janelas, das portas e dos espaços que habitámos como elementos determinantes da composição arquitectónica mas sim, como símbolos de referência das sensações que nos despertaram pela sua transposição.⁵² *“não se trata de fazer verificar, de fornecer uma informação neutra, mas de excitar, pela emoção, uma memória viva.”*⁵³

A memória está intrinsecamente ligada à Arquitectura, na medida em que é o mecanismo através do qual se processa a retenção dos arquétipos e modelos que constituirão os “exemplos tipo” pelos quais avaliaremos situações análogas. “ *A riqueza de uma obra de arte reside na vitalidade das imagens que desperta e, paradoxalmente, as imagens que dão origem à maioria das interpretações surgem das formas arquetípicas mais simples.*”⁵⁴

Cada sítio é um Lugar novo e é preciso encará-lo e percebê-lo com todas as especificidades que lhe são inerentes. O processo de composição parte de uma clarificação dos valores existentes no lugar conjugados com fragmentos da memória, reorganizando-as dentro de uma lógica integradora de princípios ordenadores do espírito do lugar.

A arquitectura não é uma simples representação de dados do passado, pelo contrário, ela insere-nos e transporta-nos a um contexto, é uma viagem no tempo que faz introdução à história sendo por isso a entidade que melhor conserva e defende a memória.

O Museu da Luz, da autoria dos arquitectos Pedro Pacheco e Marie Clément, é um modelo exemplar de que a memória pressupõe a evocação de referências do passado no presente.

⁵² Juhani Pallasmaa, *The Geometry of Feeling, A Look at the Phenomenology of Architecture*, in Kate Nesbitt, *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory: 1965-1995*, Ed. Princeton Architectural, New York, 1996, p.450.

⁵³ - Françoise Choay, *A Alegoria do Património* (Monumento e Monumento Histórico), Maio 2006, p.16.

⁵⁴ Juhani Pallasmaa, *The Geometry of Feeling, A Look at the Phenomenology of Architecture*, in Kate Nesbitt, *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory: 1965-1995*, Ed. Princeton Architectural, New York, 1996, p.449.

Embora os referentes da Memória estejam situados no Passado, a Memória é coisa do Presente – caso o não fosse estaria condenada à inactividade. A Memória é sempre, de algum modo, o *re-acontecimento* do referente ao Passado.⁵⁵

Esta obra está irrefutavelmente ligada ao projecto de Alqueva, que por sua vez tinha como objectivo a construção de uma reserva de água vital na luta contra a seca, garantindo o abastecimento regular de água às populações, para consumo e para rega. A este projecto está ligada a submersão da aldeia da Luz, cujos habitantes foram depois realojados numa nova aldeia, projectada e construída para esse mesmo efeito.



IMG. 32 e 33 – Aldeia da Luz, Museu da Luz

O programa de intervenção consistiu em criar um novo lugar que evocasse a memória da aldeia que deixou de existir, mantendo os vínculos de identidade entre a nova e a velha aldeia, sendo a última como um *modelo conceptual*.

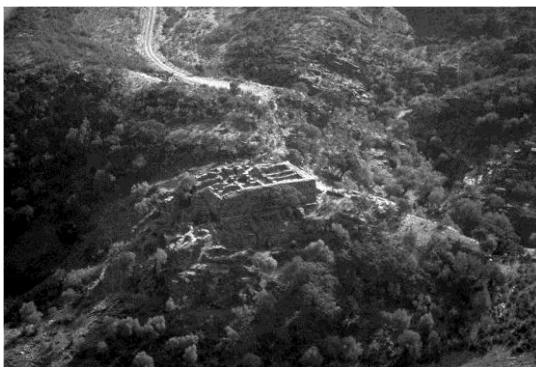
Deste modo, a nova aldeia foi recriada como uma nova identidade tendo como base a organização espacial pré-existente. Assim procedeu-se à reconstrução da Igreja N^a S^a da Luz (do século XV) e à transladação do cemitério (dois fortes elementos identitários) procurando absorver numa nova situação (topografia e geográfica) as analogias ao lugar das suas antigas implantações.⁵⁶ O museu surgiria então, como um importante testemunho da relação com o passado mas também como um elemento estruturante do novo lugar.

O museu estabelece uma ligação com o lugar através das relações que cria com a envolvente, com a paisagem, com as características das construções típicas, com a capacidade de valorizar o lugar, conjugando as transformações do território com a

⁵⁵ Pedro Marques de Abreu, *Arquitectura: Monumento e Morada*, Investigação do pensamento de Ruskin sobre o Património, Faculdade de Arquitectura UTL, 12 de Maio de 2005, p.6.

⁵⁶ Ar Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, n.6, Julho 2006, p.152.

articulação das pré-existências e até mesmo com os materiais existentes, neste caso o xisto, utilizado tanto no revestimento exterior como interior. O museu contém no seu próprio desenho e construção a memória do já submerso Castelo da Lousa ((Monumento Nacional: século I a.C.). ⁵⁷A sua perfeita relação com o sítio e o programa é de tal forma indiscutível que se torna impossível imaginar este edifício num outro lugar distinto.



IMG. 34 – Ruína do Castelo da Lousa

O Museu da Luz tem como missão a interpretação, o estudo, o debate e a divulgação dos inéditos processos de transferência da Aldeia da Luz e de implementação do empreendimento de Alqueva assim como a divulgação do património associado ao seu território, numa tentativa de consciencializar o público para a identidade cultural através da fruição do seu património cultural. A sua função só por si constitui um tributo à própria memória do Lugar.

O Museu é assim um espaço único evocativo da identidade e memória colectivas e é, simultaneamente, potenciador dos tempos futuros, que sendo dotado de um forte carácter histórico-cultural está adequado aos usos e habitar contemporâneos.



IMG. 35 e 36 – Museu da Luz, pormenor interior

⁵⁷ Idem, p.154.

Além de ter o poder de nos abrigar e acolher, a arquitectura tem também uma dimensão pública, uma vez que ela nos rodeia e é o primeiro contacto com o exterior. Não tem que haver pré disposição nem intenção de a consultar ou frequentar intencionalmente uma vez que ela nos assalta constantemente.⁵⁸ A arquitectura é a nossa identidade pessoal e colectiva. Esta pode ser revista e expressa através do conceito *monumento*, pois remete-nos a uma pré-existência que retém a memória daquilo que somos. “O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, ele próprio derivado de *monere* (advertir, recordar), o que interpela a memória”⁵⁹

A Arquitectura funciona como a principal defensora da memória/identidade sendo capaz de num contexto actual, trazer-nos memórias referentes ao passado cujo valor é aferido pela vivacidade que o passado tem no presente, influenciando mentalidades, estilos de vida e de estar através dos vários mas subjectivos significados inerentes à sua existência. Esta realidade confere grande poder à arquitectura, pois ela é a essência a partir da qual toda a vida se gera.

*“Não há senão dois fortes vencedores do esquecimento dos homens, Poesia e Arquitectura. E a última de algum modo inclui a primeira e é mais forte na sua realidade”*⁶⁰

Esta citação encerra um significado muito abrangente, mas pretende essencialmente destacar a Arquitectura como um dos repositórios de eleição, senão o mais importante pelo seu carácter permanente e omnipresente, para a Memória, sendo que esta coincide, do ponto de vista do indivíduo, com a sua própria identidade e, do ponto de vista da sociedade, como o depósito da qualidade humana.⁶¹

Desde cedo que o homem sente necessidade de conservar a sua memória em algo mais resistente do que a sua própria memória sendo a Arquitectura o mecanismo ideal para essa finalidade uma vez que é mais *pública* que as outras artes e porque tende a ser mais *durável*.

⁵⁸ Pedro Marques de Abreu, *Arquitectura: Monumento e Morada*, Investigação do pensamento de Ruskin sobre o Património, Faculdade de Arquitectura UTL, 12 de Maio de 2005 ,p.11.

⁵⁹ Françoise Choay, *A Alegoria do Património (Monumento e Monumento Histórico)*, Maio 2006, p.16.

⁶⁰ Pedro Marques de Abreu, *Arquitectura: Monumento e Morada*, Investigação do pensamento de Ruskin sobre o Património, Faculdade de Arquitectura UTL, 12 de Maio de 2005 ,p.1.

⁶¹ Idem, p.3.

Para que se pratique boa arquitectura esta não deverá ser indiferente a memórias passadas, à tradição, uma vez que foi através destas premissas que se construiu toda a realidade actual.

“É a tradição, conscientemente abraçada, que oferece uma totalidade de visão sobre a realidade, oferece uma hipótese de significado, uma imagem do destino”.⁶² A tradição é a origem do nosso conhecimento e o filtro com o qual avaliamos o que nos rodeia, são estas memórias passadas que dão significado às nossas experiências e que ao fazerem parte da nossa memória e identidade colectiva, nos inserem num determinado contexto. “O Homem habita quando se consegue orientar ‘em’ e ‘identificar-se’ a si próprio com o meio envolvente ou, quando experimenta a envolvente como significativa”.⁶³

Em qualquer intervenção, o lugar é dos factores mais determinantes, são as relações que se estabelecem no lugar que, conjugadas com a intenção de projecto, vão atribuir significado ao complexo arquitectónico. No entanto, o seu valor e simbologia ultrapassam as meras características físicas, logo há que salientar que o lugar traduz-se não só em valores quantitativos, mas sobretudo, em qualitativos.⁶⁴

⁶² Giussani, *Tradição, Presente e Crítica*.

⁶³ Christian Norberg-Schulz, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, in, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, Amílcar de Gil e Pires, ARTITEXTOS06. JULHO 08, p.116.

⁶⁴ Rui Barreiros Duarte, *Arquitectura e Vida*, April 2002, p.69.

3.2. Apresentação do objecto de estudo

3.2.1. Análise histórica



IMG. 37 – Azulejo da Quinta da Torre da Aguilha

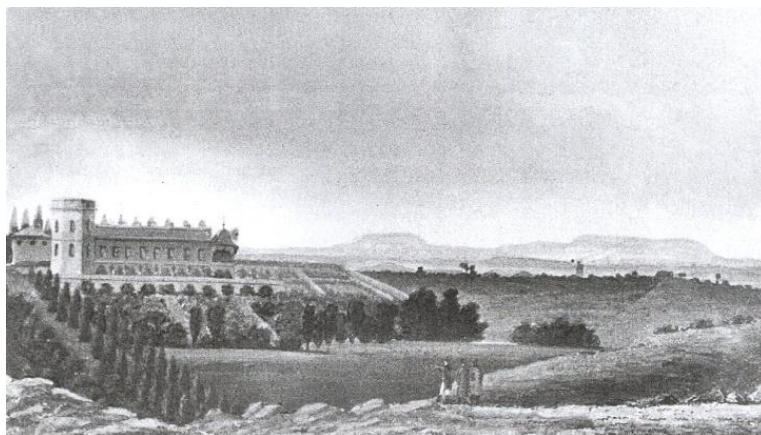
O topónimo Torre da Guilha, mais conhecido por Torre da Aguilha, pertence à freguesia São Domingos de Rana. Não existem registos acerca da origem do nome desta localidade, mas conclui-se que derive do facto de ter sido ali construída a igreja São Domingos de Gusmão, que gradualmente se transformou em São Domingos de Rana, uma vez que Rana era então a povoação mais antiga. Guilha, é um nome há muito posto fora de circulação, mas significa “colheita abundante de cereais”. Neste caso, terreno próprio para a cultura de trigo.⁶⁵

Actualmente existem grandes dificuldades na obtenção de datações e autorias, pois houve tempos em que não seria necessário o requerimento de licenças a entidades públicas que permitissem construir livremente na própria propriedade. Por vezes são nos arquivos paroquiais, onde se encontra alguma informação através da relação entre pessoas, datas e locais aquando a realização de baptizados, casamentos e enterros.⁶⁶ O estabelecimento preciso de cronologias é também dificultado pelas sucessivas vendas e sistemática construção de novas edificações sobre outras mais antigas, sofrendo acrescentos e remodelações feitas conforme o actual proprietário.

⁶⁵ Prof. J. Diogo Correia, *Notas Toponímicas – Jornal A Nossa Terra*, in Carlos A. Teixeira, Guilherme Cardoso, Jorge Miranda, *Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos*, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003, p.258.

⁶⁶ João Vieira Caldas, *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, s.n., 1999, p.18.

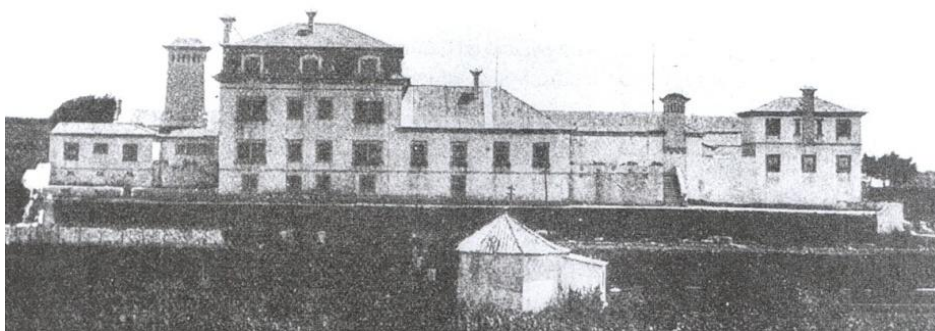
Segundo os livros de registo da igreja de S. Domingos de Rana, há notícias da Quinta Torre da Aguilha a partir dos finais do século XVI e a primeira imagem conhecida é datada de 1804, quando o proprietário era Souza de Falcon.⁶⁷



IMG. 38– Fotografia de um quadro pertencente à colecção particular do Sr. Conde de Almerjão, retratando a Quinta da Torre da Aguilha no início do século XX

A quinta pertenceu, à condessa de Camarido Maria Isabel Freire de Andrade e Castro, que a vendeu a uma família inglesa, os Norton, os quais a transformaram numa quinta.⁶⁸

Actualmente encontra-se em mau estado e degradada pela falta de manutenção, e apesar de um incêndio ter devastado a ala norte do palácio, a fachada sul encontra-se em bom estado de conservação.



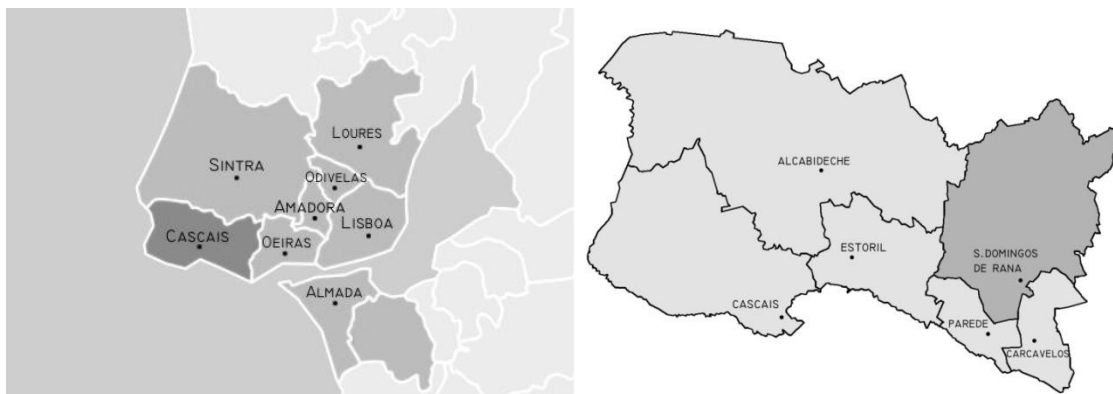
IMG. 39 – Aspecto da quinta antes do incêndio

⁶⁷ Carlos A. Teixeira, Guilherme Cardoso, Jorge Miranda, *Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos*, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003, p.259.

⁶⁸ <http://ruinarte.blogspot.com/2009/11/ruinas-de-aguilha-s-domingos-de-rana.html>

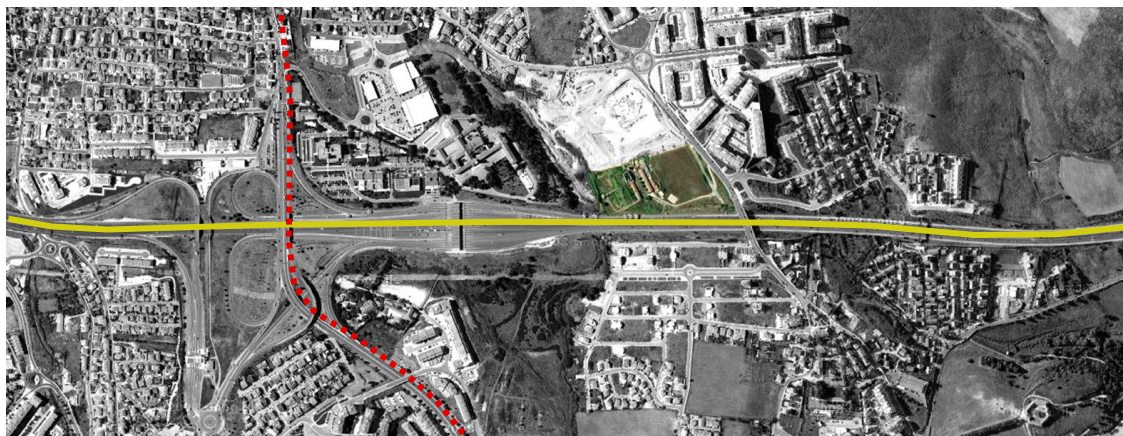
3.2.2. Análise física

- Localização e acessibilidades



IMG. 40 e 41 – Mapas de localização da Quinta

A Quinta Torre da Aguilha situa-se na freguesia São Domingos de Rana no concelho de Cascais.



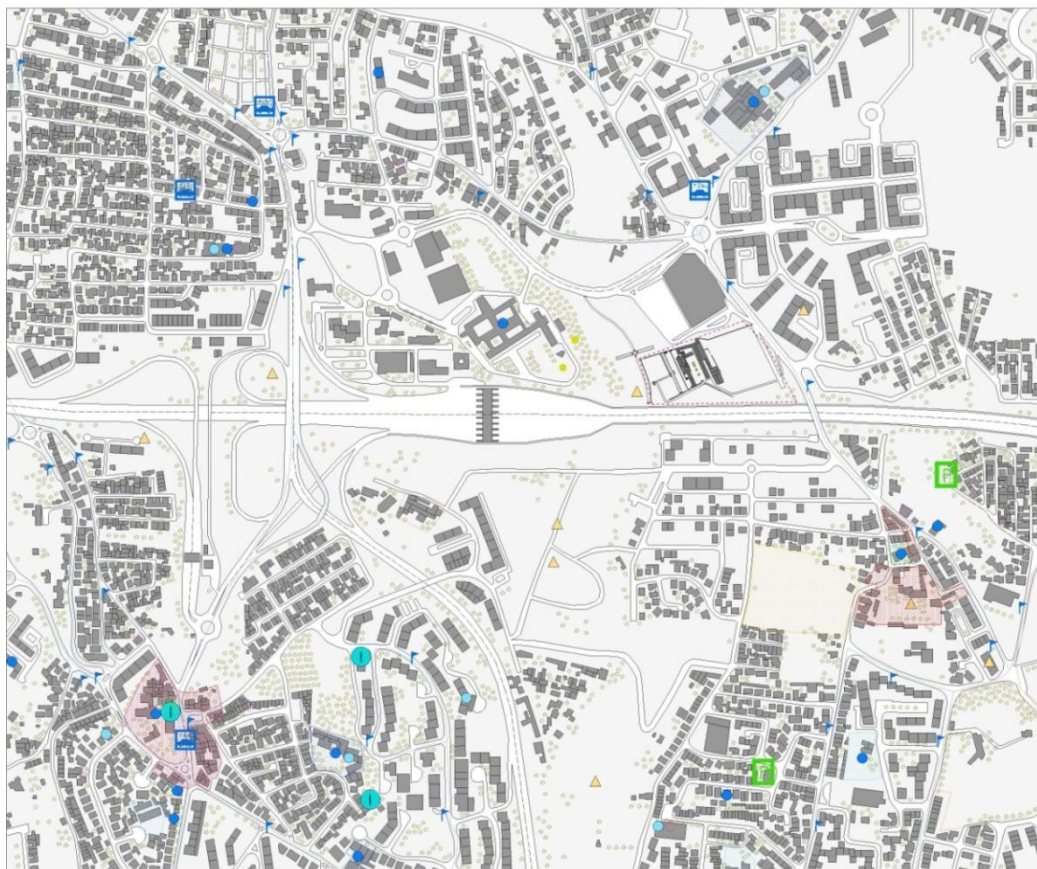
IMG. 42 – Mapa de acessibilidades

As principais vias de acesso são a A5, IC15 e a Estrada Nacional.

A5, IC15 —————



















Estrada Nacional

- Envolvente



IMG. 43 – Equipamentos e estruturas de apoio existentes na área que envolve a Zona de intervenção

Legenda:

	Implantação	<u>DESPORTO:</u>	
	Zona de intervenção		Equipamento desportivo
	Parques e jardins	<u>EDUCAÇÃO E JUVENTUDE:</u>	
	Parque infantil		Estabelecimento escolar- Natureza Institucional: Público
<u>CULTURA:</u>			Estabelecimento escolar- Natureza Institucional: Privado
	Associação cultural		Estabelecimento escolar- Natureza Institucional: IPSS
	Património Cultural Imóvel- Núcleo urbano de valor patrimonial		Associação Juvenil e Posto de Informação
	Património Cultural Imóvel- Património arquitectónico	<u>MOBILIDADE E ESPAÇO PÚBLICO:</u>	
	Património Cultural Imóvel- Sítio arqueológico		Paragem de autocarros
	Património Cultural Imóvel- Sítio arqueológico		Carreira
<u>DESENVOLVIMENTO SOCIAL:</u>			Praça de Táxis
	Equipamento social		



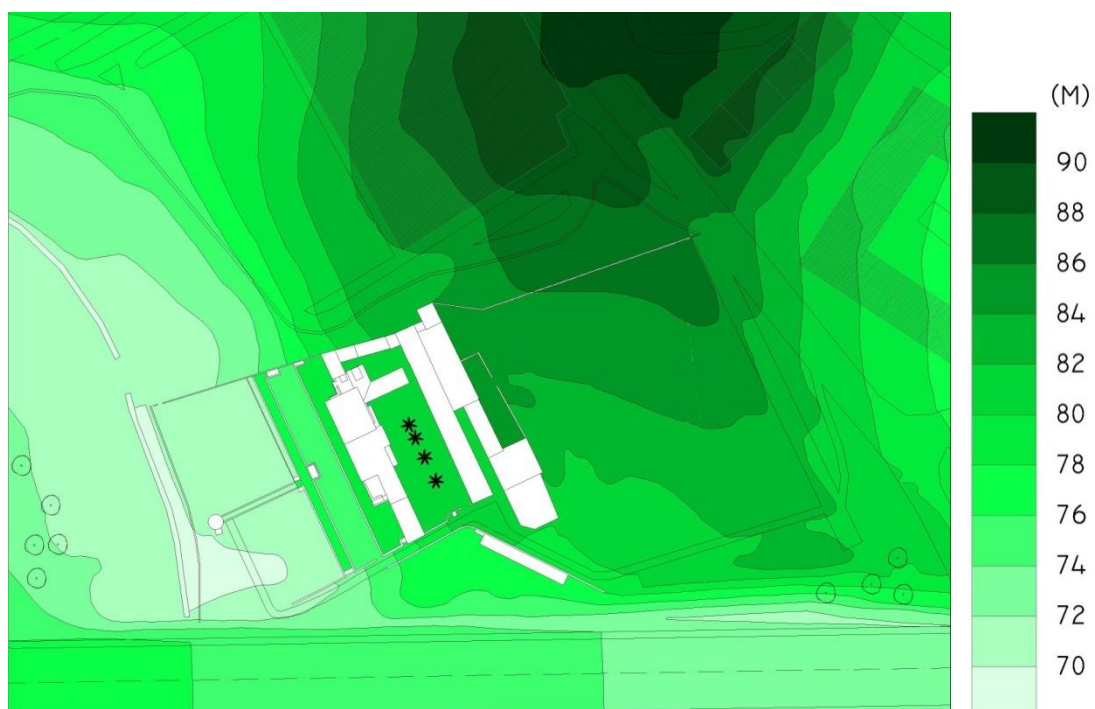
IMG. 44 – Concentração do edificado através da diferenciação entre cheios e vazios



IMG. 45 – Estrutura viária que envolve a área de investigação



IMG. 46 – Zonas verdes e arborização presentes na área envolvente



IMG. 47 – Topografia da área de intervenção. Declive acentua-se de Norte para Sul

- Contexto



IMG. 48 – Elementos que rodeiam a área de intervenção

A Seminário da Torre da Aguilha

B Área arborizada

C Hipermercado E.Leclerc

D Quarteirão de habitação colectiva

A5 | IC15 —————

Estrada Principal do Ameiro

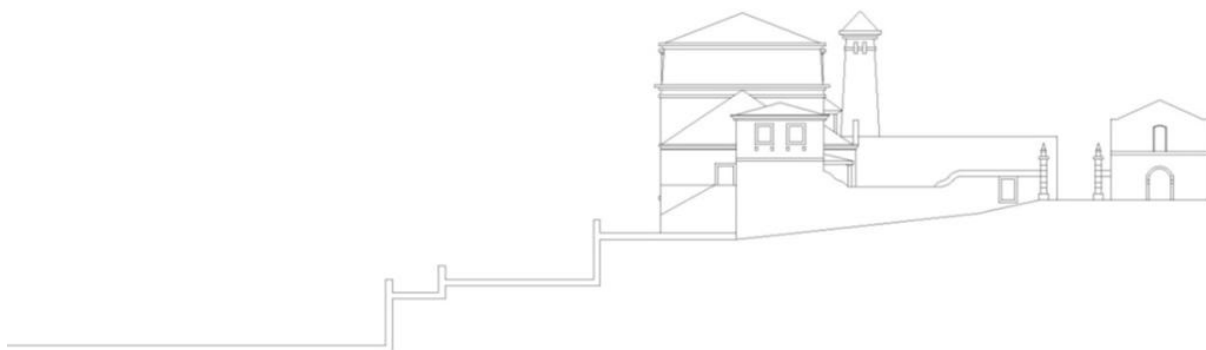
3.2.3. Análise e estruturação espacial

A Quinta Torre da Aguilha implanta-se numa encosta suave voltada a poente paralelamente à ribeira existente (ribeira de Abóboda). O núcleo da quinta estrutura-se a partir de um terreiro rectangular contido a Poente pela casa e pelas dependências agrícolas a Nascente. A Norte, do lado oposto à sua entrada, localiza-se a cozinha e outros espaços de serviço. Apesar de a casa ser constituída por diferentes volumes, provavelmente edificados em períodos distintos, a fachada apresenta-se como um plano único, onde se destaca a entrada principal. Paralelamente à casa, na direcção oposta à entrada e delimitando o outro lado do terreiro, desenvolvem-se as dependências agrícolas e pecuárias. Estas organizam-se num volume de dois pisos e são de construção mais recente.



IMG. 49 – Vacarias

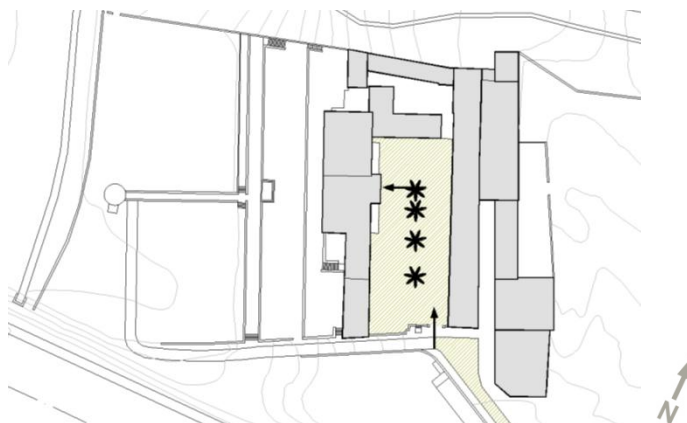
A poente localizam-se os jardins. Estes organizam-se em socalcos paralelos à casa e ocupam a superfície mais inclinada do terreno. Junto à ribeira, em situação mais plana, estariam as hortas e pomares e, do outro lado do vale a Norte, o bosque. A zona edificada da quinta e os jardins encontram-se murados assegurando a intimidade dos seus habitantes.⁶⁹



IMG. 50 – Jardins organizados em patamares que servem também de mirantes e zonas de estar

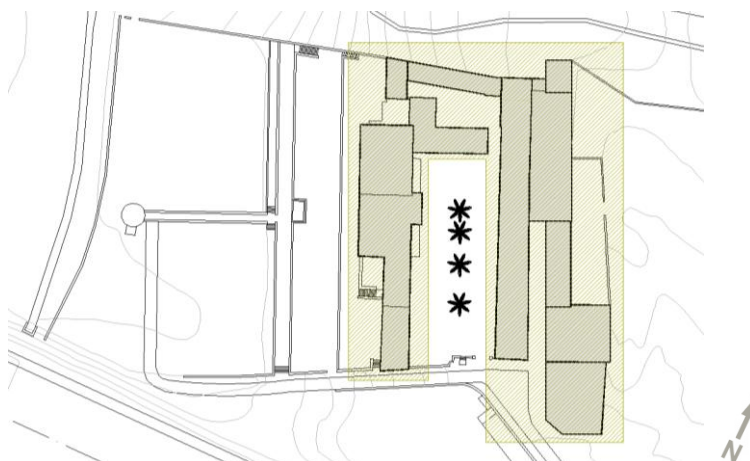
A Quinta está ordenada por um eixo principal de composição, em que o acesso à casa é feito em profundidade através de um pátio de chegada.

⁶⁹ Amílcar de Gil e Pires, *Prova de aptidão pedagógica e capacidade científica - A Quinta o lugar, o território*, p.85.



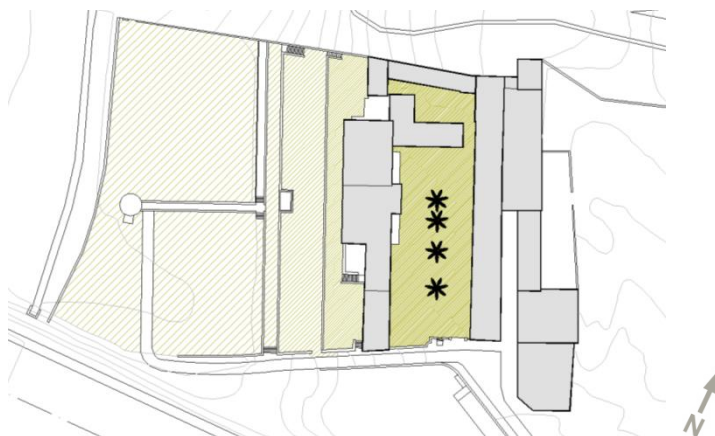
IMG. 51 – Pátio de chegada

As construções assumem em planta a forma de U e uma das suas fachadas laterais assume-se como dominante quer no seu tratamento arquitectónico como na forma como se relaciona com os espaços da quinta e com a paisagem.



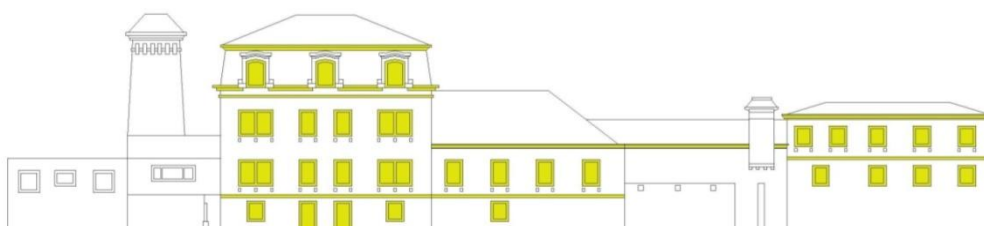
IMG. 52 – Planta organizada em U

A construção está directamente relacionada com a topografia original, sendo que os diversos espaços, como o pátio de chegada e os jardins, estão organizados em várias plataformas de cotas distintas acompanhando o declive natural. A comunicação entre eles é feita através de várias escadas.



IMG. 53 – Topografia natural origina socalcos

A horizontalidade predomina como eixo estruturante através da utilização de toda uma trama de faixas horizontais e verticais que marcam a fachada. Os ritmos das janelas não só reflectem a horizontalidade da progressão espacial do todo construído como evidenciam a estruturação modular dos seus espaços. A repetição, dos elementos que compõem a fachada dominante, destaca também o relevo dado à simetria.



IMG. 54 – Horizontalidade presente na composição da fachada

3.3. Proposta de intervenção na Quinta Torre da Aguilha

O objectivo deste trabalho seria «projectar com o lugar», este constituído por elementos e pré-existências de carácter único e singular, analisados anteriormente.

Deste modo, o projecto consiste numa proposta de intervenção na Quinta Torre da Aguilha, na qual se enquadra uma ruína de um edifício preexistente e todo um conjunto de relações com a área envolvente. O edifício está neste momento despojado de qualquer função e *“inadequado aos usos e habitar contemporâneos”*. Deveriam portanto, ser reconhecidos no

objecto de estudo, “as relações espaciais, morfológicas e ambientais com o sítio” de maneira a permitir criar uma base para a elaboração de um programa arquitectónico formal que esteja em sintonia com o lugar.⁷⁰



IMG. 55 – Fotografia actual da Quinta

3.3.1. Programa

Dada a extensão da área a intervir, o objectivo seria propor um programa que usufruísse do espaço disponível de uma forma sustentável. Um programa relacionado com as artes performativas, sugeria a oportunidade de criar espaços diferenciados e originais. Assim, após uma pesquisa sobre o universo das artes, surgiu a ideia de projectar algo que envolvesse o circo, uma “Escola Profissional de Artes Circenses e Ofícios do Espectáculo”.

As artes circenses estão presentes na cultura mundial desde as civilizações mais antigas. Foi, no entanto no Império Romano que o circo como o conhecemos hoje começou a tomar forma. O Circus Maximus, mais tarde substituído pelo Coliseu, foi o primeiro a tornar-se famoso e tinha como atracções as corridas de cavalos, as lutas de gladiadores e apresentações de animais selvagens e de pessoas com habilidades incomuns. Na era medieval eram artistas populares quem improvisava apresentações nas praças públicas e feiras. Contudo, foi só na Inglaterra do século XVIII que surgiu o circo moderno, com a plateia circular e as atracções que compõem o espectáculo ainda hoje.

O novo circo é um movimento recente que adiciona às técnicas de circo tradicionais a influência de outras linguagens artísticas como a dança e o teatro. Caracteriza-se pelo fio condutor que une todo o espectáculo. Em vez de apresentar apenas números separados, integra ainda a música, que sempre fez parte da tradição circense, cenários e figurinos como elementos importantes.

⁷⁰ Amílcar de Gil e Pires, *Disciplinas Curricula dos Cursos de Mestrado Integrado da FA/UTL*, 2010

*“Os figurinos, os cenários, as cores são pensados em conjunto, como elementos na produção dos significados. A iluminação deixa de ter uma função apenas instrumental (não deixar às escuras) e passa a construir atmosferas e climas. A música, antes um repertório fixo para cada número, passa a ser composta especialmente para cada espectáculo. Coreografias, maquilhagens, tudo passa a ser pensado como expressão artística, como peça fundamental para o funcionamento do conjunto.”*⁷¹

A ideia seria então criar uma escola de circo que reunisse os elementos necessários à renovação dessa linguagem e recriação do Novo Circo. Na escola, estariam englobadas actividades não só relacionadas com a representação, mas também com os mecanismos que a apoiam como a construção de cenários e vestuário.

“Fugir” com o circo foi em tempos uma forma de fazer parte daquele mundo. A criação de estratégias como a fundação de uma escola de artes circenses é um modo de assegurar esta forma de arte contribuindo também a nível social uma vez que oferece formação, trabalho e cativa diferentes tipos de público sendo positivo a nível económico, como acontece no *Chapitô* (EPADE).

Assim foi construído um programa que consegue reunir os aspectos necessários à ideia de sustentabilidade, pois oferece abrigo, trabalho, conforto e qualidade de vida.

Foi então, elaborado um programa que organizasse a Escola segundo várias áreas funcionais:

- cultural – sala de leitura, sala de exposições e auditório;
- trabalho/ensino – sala de dança e ateliers, cafetaria, sala dos professores, salas de formação e ensino, salas de treino;
- habitação – dormitórios;
- zona administrativa – arquivo, gabinetes;
- espaço público – composta por zonas acessíveis ao público como restaurante, bar, uma zona de espectáculos ao ar livre, zonas de permanência, jardim formal e percursos que ligam todos os espaços ao edifício.

Deste modo, a dualidade entre a privacidade e lazer, muitas vezes, características das *villas* e quintas de recreio, seria não só preservada como também cultivada através de um

⁷¹ Rodrigo Dourado, *in* http://www.revistacontinente.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2497&Itemid=62

programa que para além de atender à realidade actual, procura assegurar a identidade do lugar.

“Desde sempre que as pessoas sentiram a necessidade de anexar às suas habitações familiares, recintos limitados por meio de vedação, onde pudessem não só praticar actividades lúdicas ao ar livre como também assegurar neste espaço a vegetação de algumas plantas”...“ A qualidade artística de um horto, jardim, parque ou quinta deverá avaliar-se conjuntamente, pelo grau da sua adequação aos múltiplos usos que dele se possa fazer e pela satisfação que o seu uso possa proporcionar aos respectivos utentes”...“Porque os hortos e as quintas tal como as casas, são susceptíveis de um uso interno (pelos que se movem no seu interior) e de um uso externo (pelos que se movem à sua volta), na crítica do seu mérito artístico não basta considerar as virtudes do seu ordenamento ou arquitectura interna, porque também a qualidade da sua participação na paisagem global de que fazem parte, e que é usufruída por toda a comunidade, tem de ser considerada.”⁷²

3.3.2. Memória discritiva

A intervenção arquitectónica propõe uma abordagem contemporânea, definindo estratégias selectivas sobre o existente e propondo um edifício restaurado e reorganizado de forma a melhor responder às exigências funcionais do programa e a todas as necessidades e tecnologias inerentes a esse uso.

“O espaço é um campo dinâmico dotado de propriedades qualitativas e direcções dependentes das ‘coisas’ e das relações que aí se estabeleceram.”⁷³

O edifício existente teve múltiplas transformações ao longo dos tempos, apresentando-se hoje como um somatório de intervenções, muitas delas pouco qualificadas. Não obstante, existem elementos que devem ser restaurados e reequacionados a par da nova intervenção, devendo assim proceder-se a uma selecção do que se planeia manter.

⁷² Ilídio Alves de Araújo, *Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto*, Porto 1979, pp.5,6.

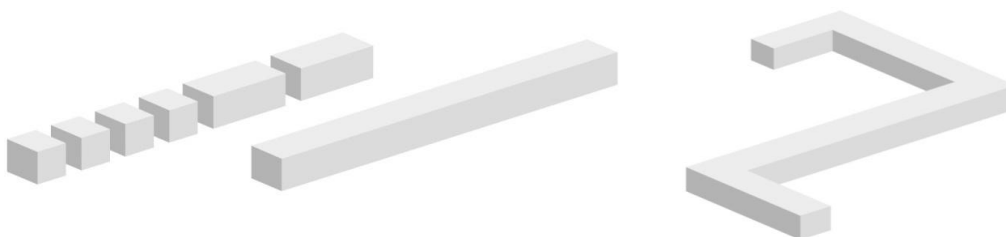
⁷³ Bruno Zevi, *Saber ver a Arquitectura*, Ed. Martins Fontes, São Paulo 2002.



IMG. 56 – Planta da Quinta, indicação dos elementos a preservar

Deste modo, foi preservada a casa do proprietário (a) uma vez que constitui o elemento nobre da quinta e é dotado de um simbolismo e arquitectura próprios. A parte da cozinha que contém a enorme chaminé (b) foi também mantida. Os volumes restantes constituem as construções de apoio (c) e foram erguidos de forma quase precária, sem uma preocupação especial no seu tratamento. Assim optei, por salvaguardar apenas o plano que está voltado para o terreiro, com o intuito de preservar os valores espaciais e volumétricos existentes. A quinta começa a ser reconhecida de modo detalhado quando se dá o primeiro passo para a sua apropriação espacial – quando se transpõe a entrada principal, que dá acesso ao pátio de entrada que antecede a casa. A tentativa de conservação da escala e dos valores simbólicos que a caracterizam faz com que a imagem que o indivíduo apreende no momento de chegada, consiga transpô-lo para uma reprodução do que a quinta teria sido outrora.

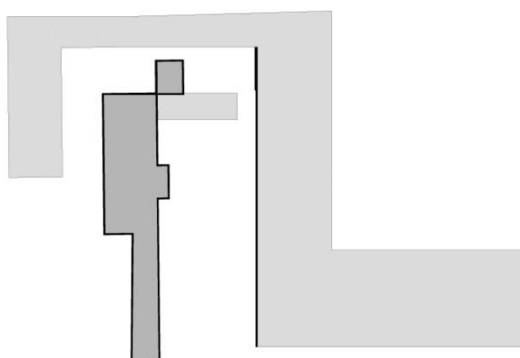
A definição precisa do programa torna-se então essencial para determinar não só a área das construções existentes mas também do que se pretende projectar.



IMG. 57 – Ideia parte de uma “forma” que sofre modificações de modo a corresponder às exigências do programa

Assim torna-se fundamental realizar uma pesquisa a nível programática tanto dos espaços como das relações necessários ao funcionamento e à valorização do programa. A soma de todos os factores forma uma ideia da área bruta indispensável assim como da configuração global dos edifícios.

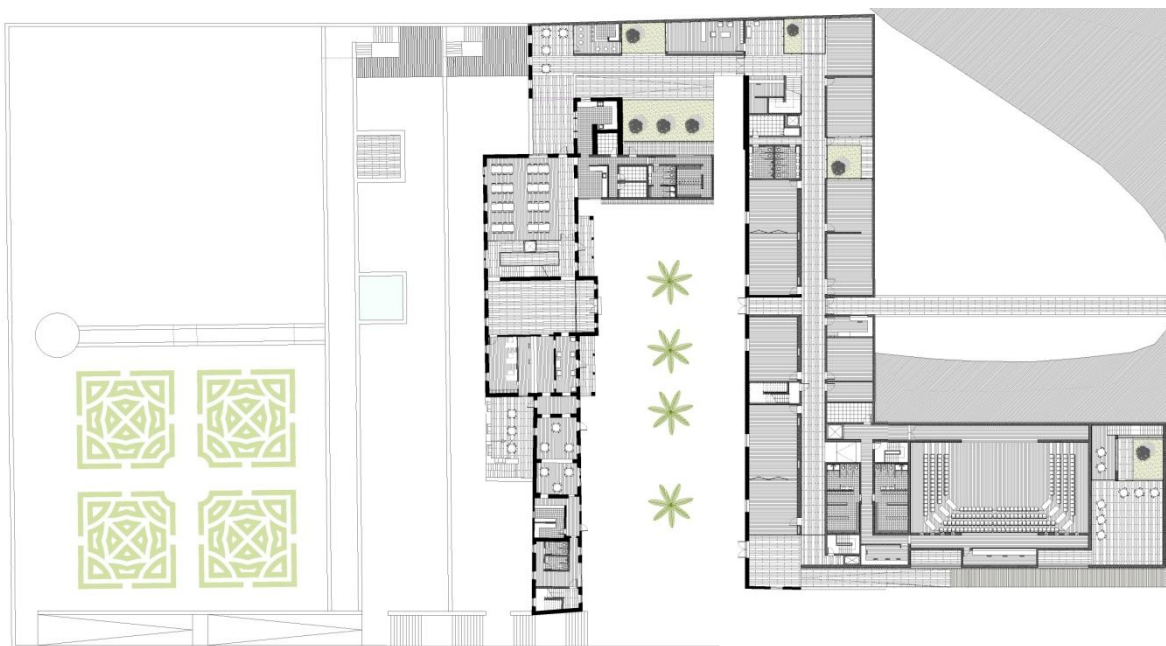
As construções de apoio são como acrescentos que foram construídos de modo aparentemente descomprometido. Contudo e de um modo quase ingénuo, respeitam as orientações e relações existentes entre o terreno e o edifício, unificando-os. A intervenção procura redefinir as zonas menos qualificadas, seguindo a matriz reguladora existente, de modo a suportar os novos usos.



IMG. 58 – Palácio é envolvido pelo volume da nova intervenção

A manipulação dos espaços forma um novo volume que envolve a casa, numa reinterpretação do pré-existente, acentuando o gesto inerente ao edificado principal.

Uma vez que a casa exerce um forte domínio sobre o território que a envolve devido à sua implantação e afirmação vertical, procurei que a intervenção se estabelecesse de forma subtil. Deste modo, a nova construção revela uma cécia consideravelmente inferior mantendo a integridade e a força da própria casa. O isolamento e a possibilidade de visão longínqua, chegam para obter uma definição da sua massa e do seu perfil.



IMG. 59 – Planta do projecto

A escola está dividida em vários blocos organizados por funções diferenciadas.

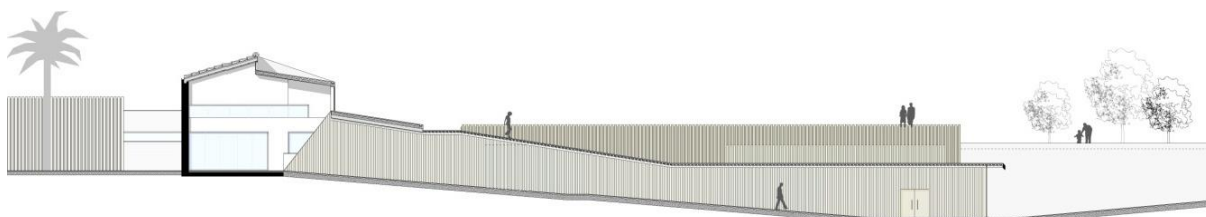
O edifício que se preservou, que corresponde à casa, possui vários andares e constitui a entrada principal. Este engloba espaços públicos como restaurante, bar, sala de leitura, uma explanada que se expande para o exterior, voltada para os jardins e ainda uma sala de conferências no último piso. A zona administrativa decorre no piso superior mais isolado. O edifício faz também a transição entre o pátio de chegada e as plataformas ajardinadas.

Estas tipologias são caracterizadas pelas suas escadarias exteriores, sinal de ostentação e riqueza,⁷⁴ contudo foi introduzida uma escadaria interior que não só facilita a comunicação entre os pisos como a iluminação dos espaços através da permeabilidade criada pelo vazio que as contém.

As antigas construções de apoio, foram transformadas em salas de formação e ensino servidas por balneários. Estas possuem aberturas para o pátio de chegada, contudo são fechadas. As salas estão dispostas ao longo de uma galeria iluminada por um lanternim. Este ilumina simultaneamente a galeria que serve de acesso aos dormitórios no segundo piso. Os quartos além das janelas voltadas para o pátio são iluminados também por pequenos lanternins que resultam da reconfiguração da cobertura.

⁷⁴ João Vieira Caldas, *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, s.n., 1999, p.48.

A sala de espectáculos funciona em conjunto com o bloco de ensino o qual serve de apoio e entrada aos artistas e é acedida a partir do pátio de chegada. Este percurso está envolto numa estrutura de madeira permeável que permite receber luz natural e antever a entrada de acesso à sala de espectáculos à medida que se encaminha para o foyer. A plateia, inspirada nos circos tradicionais, tem uma forma quase circular e reúne 200 pessoas criando um ambiente intimista como sucede no “*Cirque du Soleil*”. Contudo esta pode funcionar independentemente da escola tendo uma entrada relacionada directamente com o exterior.



IMG. 60 – Percurso pedonal que dá acesso ao foyer; acesso à cobertura percorrível da sala de espectáculos

A cozinha que serve de apoio ao restaurante, normalmente no piso térreo, mantém-se adjacente à casa. Esta está orientada paralelamente à entrada da Quinta tornando-se um volume de destaque. Assim, optei por envolvê-la numa estrutura, neste caso de madeira, transformando-a num elemento de transição entre o pátio de chegada principal e a entrada da escola. A organização do espaço fica marcada por uma circunscrição ou limite definidos por estreitamentos e alargamentos espaciais.

A entrada principal da escola desenvolve-se para lá dessa mesma estrutura, num pequeno pátio. Este é exclusivamente destinado aos membros da escola e é uma área de lazer com cafetaria própria e esplanada voltada para os jardins. Serve também de entrada privada à sala de refeições e às plataformas que dão acesso aos jardins.

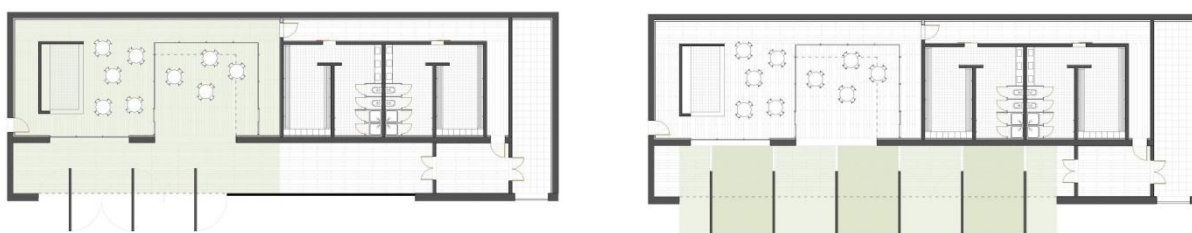


IMG. 61 – Ritmos criados pelos elementos das fachadas

Os ritmos das janelas da casa, não só reflectem a horizontalidade da progressão espacial do todo construído, como evidenciam a estruturação modular dos seus espaços. Estes

obedecem a uma geometrização com proporções pré-determinadas apreendidas naturalmente em quase todos os pontos de paragem ao longo dos percursos existentes.

Com o objectivo de dinamizar toda a zona inferior, correspondente às antigas hortas, foi criado um volume novo situado sob as plataformas e voltado para este mesmo espaço. Este desenvolve-se segundo uma organização modular, sugerida pela composição da fachada da própria casa. Quando observado, este novo volume constitui apenas um conjunto de planos que servem não só de muro de suporte, mas que podem ser abertos criando novos espaços. Esta estruturação confere-lhe várias funcionalidades: pode servir de apoio e bastidores no caso de ocorrerem espectáculos ao ar livre, como de zona de bar que se expande para o exterior e também de local de organização de outros acontecimentos (feiras artesanais) em que a cada módulo corresponderia uma actividade.

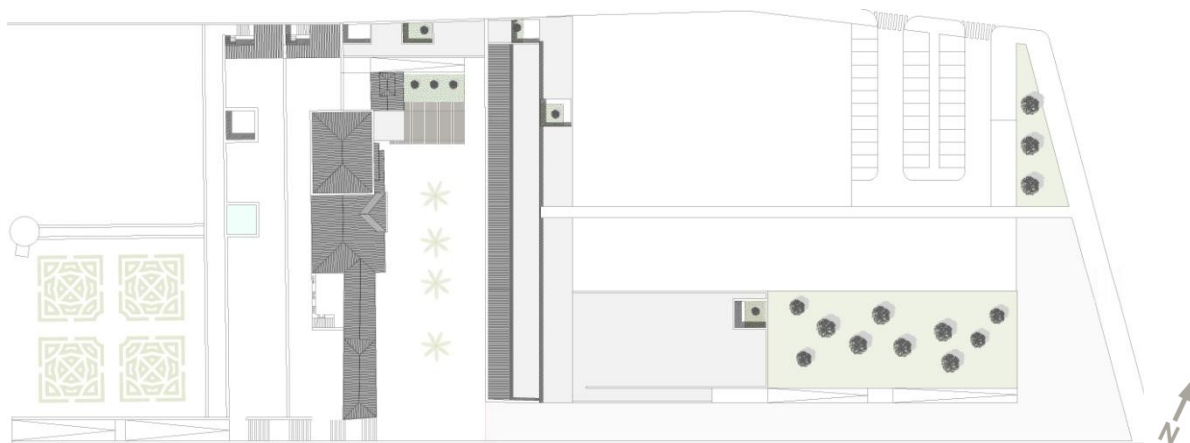


IMG. 62 e 63 – Multiplicidade de funções: na primeira, apenas o bar está aberto ao exterior, na segunda imagem, as próprias aberturas criam espaços que podem ter novos usos

A nova intervenção segue a linguagem ritmada usada no palácio, caracterizada pela repetição de elementos arquitectónicos. Esta repetição é o processo que configura tanto o espaço exterior como interior, criando percursos, espaços e ambiências através de deslocções axiais que formam um ritmo. Uma vez que a fachada da casa apresenta uma complexidade própria, característica do seu tempo, optei por atenuar o modo como a nova intervenção se apresenta. Assim, as suas fachadas constituem planos lisos sem aberturas, sendo a iluminação feita através de pátios. Estes mais uma vez seguem o processo de repetição e ajudam a configurar os espaços. Deste modo a nova intervenção assume-se pela diferença de materialidade em que é usado o betão e depois a madeira, unificando toda a construção.

Existem variados valores simbólicos associados a elementos da arquitectura deste tipo de tipologias (pórticos de entrada, tanques, etc.) cujos simbolismos estabelecem um diálogo intencional com os utilizadores do espaço e constroem a identidade cultural da obra. Neste caso específico, foi preservado um tanque existente, sob a forma de espelho de água. Este

elemento contribui para a valorização dos percursos e zonas de permanência e está integrado na linha de composição estruturante da nova intervenção. Foi também reproduzido um jardim formal, característica das quintas de recreio, inspirado nos jardins do *Chateau de Villandry*. Este além das funções intuitivas ornamental e recreativa, funciona como uma área de transição sendo parte integrante dos percursos da Quinta. O moinho e aqueduto existentes foram transformados num miradouro que acompanha o jardim proporcionando uma ampla vista do espaço exterior.



IMG. 64— Planta de implantação

Foi criado uma zona de estacionamento exterior e a área que rodeia a quinta foi redesenhada na tentativa de melhorar as acessibilidades e percursos pedonais que servem de acesso à propriedade. Do lado exterior do bloco de ensino foi configurado um espaço destinado à montagem e realização de espectáculos temporários. Esta área, assim como cargas e descargas, são asseguradas pelo bloco de ensino que serve de apoio através de uma entrada secundária segundo um eixo transversal ao pátio orientado para a entrada da casa. Foi desenhado um novo jardim, contemporâneo que acompanha o caminho de acesso à quinta e consequentemente ao pátio de chegada. A própria sala de espectáculos em conjunto com o jardim forma um alinhamento visual para o percurso sendo que este divide-se dando também acesso à cobertura da sala, que tem relação directa com o jardim. Este momento de chegada proporciona uma transição entre o contexto urbano existente e o palácio e serve como elemento unificador servindo-se para isso de diferentes materialidades.

A integração da nova construção é assim conseguida através da manipulando do terreno e das condições físicas presentes. As relações espaciais estabelecem-se através de percursos que ligam os espaços público e privado. A diversidade de espacialidades cativa diferentes tipos de público através da conjugação entre as preocupações lúdicas e

funcionais. O palácio torna-se assim, o pólo de ligação que cria a dinâmica entre o homem, a paisagem e o jardim.

4. Conclusão

Toda a pesquisa e investigação realizadas contribuíram para aprofundar tanto os meus conhecimentos neste assunto específico, das quintas de recreio, como também das noções gerais e base da arquitectura.

A percepção de um determinado objecto arquitectónico abrange mais do que um primeiro assimilar das formas que o compõem, numa atitude fenomenológica o objecto é constituído na consciência. A Fenomenologia teve um grande contributo no estudo da Arquitectura pois permite reconhecer a realidade concreta que nos é apresentada, e através da Arquitectura, assegurar a criação das condições essenciais para habitar por meio da consolidação de lugares significativos.

As quintas de recreio possuem especificidades únicas que as definem e as caracterizam estando presentes em várias referências, a solução projectual obtida, resultou da consideração de todos estes factores aliados ao entendimento das especificidades do lugar.

Depois de um levantamento e análise sensível do lugar, procurei valorizar a pré-existência restituindo-lhe, não só, a sua identidade enquanto Quinta de Recreio, como também uma função que estivesse adaptada às necessidades actuais.

Concluí assim, que a criação da “Escola Profissional de Artes Circenses e Ofícios do Espectáculo” seria um programa ideal para estabelecer novas vivências na quinta, tornando-a num “novo” ponto de encontro, um lugar de passagem e de convívio. Através da sua reinserção na malha urbana, as exigências funcionais são complementadas com a componente lúdica, formando um novo pólo aglutinador de “vida”.

Com o objectivo de manter a construção existente enquanto estrutura marcante na paisagem, procurei conservar as características e linguagem próprias do edifício apresentando a nova intervenção de modo subtil. Esta surge como o prolongamento das geometrias presentes através da valorização de caminhos pré-existentes, elementos fragmentários, árvores, locais de pausa e de encontro, tudo constituindo matéria de intervenção a ser tratada dentro de um princípio de clarificação do conjunto, onde se introduzem os novos elementos que reforçam a plasticidade e a modelação do terreno.

O acesso à Quinta é feito através da solidificação e conjugação entre os percursos novos e existentes, criando um caminho que promove a contemplação dos vários espaços. O espaço público é abordado como uma oportunidade de prolongar as actividades desenvolvidas no interior para o exterior, oferecendo assim, espaços diferenciados. Estes servem de fundo aos diversos espectáculos que, segundo os pressupostos do *novo circo*, exploram novas apropriações e estabelecem uma relação mais dinâmica entre as várias artes performativas.

A Quinta é então transformada num lugar versátil, onde recreio e produção compartilham o mesmo espaço, invadindo-se mutuamente, estabelecendo relações formais e funcionais. O reconhecimento qualitativo da intervenção parte da sucessiva relação que o indivíduo estabelece com os espaços, até serem apropriados na globalidade como uma entidade completa.

5. Bibliografia

Quintas de Recreio:

- ARAÚJO, Ilídio Alves, *Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto*, Porto 1979
- CALDAS, João Vieira, *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, s.n., 1999
- CORREIA, Fernando Rui de Alberto Rosado, *De conventos a pousadas (872-1997) : a requalificação da função através dos tempos: (estudo comparativo)*, [texto policopiado]
- MESQUITA, Marieta Dá, *História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação – O Palácio dos Marquês de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1992 (Policopiado)
- PIRES, Amílcar, *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*, Doutoramento em Arquitectura. FA/UTL, 20 de Fevereiro de 2008
- TEIXEIRA, Carlos A.; CARDOSO, Guilherme; MIRANDA, Jorge, *Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos*, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003
- <http://www.monumentos.pt/> , consulta: 5.06.2010
- <http://www.quintadagruta.cm-maia.pt/> , consulta: 5.06.2010
- <http://www.starwoodhotels.com/luxury/property/overview/index.html?propertyID=1553>, consulta: 5.06.2010
- <http://www.maisturismo.pt/4/284.html> , consulta: 5.06.2010
- <http://www.sw-hotelguide.com/portugal/douro/aquapura/pt/index.html> , consulta: 5.06.2010

Lugar:

- Dicionário Prático de Filosofia, Ed. Terramar
- DUARTE, Rui Barreiros, *A Poética do Lugar*, in *Arquitectura e Vida*, n.23, Janeiro 2002, p.44-49

- DUARTE, Rui Barreiros, *Os Valores do Lugar*, in *Arquitectura e Vida*, n.26, Abril 2002, p.66-69.
- HUSSERL, Edmund, *A ideia da Fenomenologia, Textos Filosóficos*, edições 70
- MOREIRA, Daniel Augusto, *O Método Fenomenológico na Pesquisa*, Thomson Pioneira
- MONTAÑOLA, Josep, *La Arquitectura como Lugar*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1974.
- NESBITT, Kate, *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory: 1965-1995*, Ed. Princeton Architectural, New York, 1996
- PIRES, Amílcar, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, ARTiTEXTOS06. JULHO 08
- SOUZA, Ricardo Timm; OLIVEIRA, Nytharmar Fernandes, *Fenomenologia Hoje II: Significado e Linguagem*, EDIPUCRS
- <http://www.euniverso.com.br/Oque/fenomenologia.htm>, consulta: 5.06.2010

Projecto:

- ABREU, Pedro Marques, *ARQUITECTURA: MONUMENTO E MORADA*, *Investigação do pensamento de Ruskin sobre o Património*, Faculdade de Arquitectura UTL, 12 de Maio de 2005
- *Ar Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*, n.6, Julho 2006
- CHOAY, Françoise, *A ALEGORIA DO PATRIMÓNIO*, Maio 2006
- COSME, Alfonso Muñoz, *Concepto proceso y representación*, Editorial Reverté
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Paesaggio, Ambiente, Architettura*, Electa, Milano, 1986
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Editorial Blume, Barcelona, 1975
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Intentions in Architecture*, Ninth printing, Massachusetts 1992
- RODRIGUES, Maria João Madeira, *o que é Arquitectura*, Quimera
- VENTURI, Robert, *Complexidade e Contradição em Arquitectura*, Martins Fontes, São Paulo 2004

- ZEVI, Bruno, *SABER VER A ARQUITECTURA*, São Paulo, 2002

- <http://www.museudaluz.org.pt/>, consulta: 5.06.2010

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Circo>, consulta: 11.10.2010

5.1. Lista de Imagens

- Imagem 1 – consulta: 21.07.2010

<http://www.bacalhoa.com/pt/conteudos/quintas/scripts/core.htm?p=conteudos&f=quintas&lang=pt&idcont=213>

- Imagem 2 – consulta: 21.07.2010

<http://www.bacalhoa.com/pt/conteudos/quintas/scripts/core.htm?p=conteudos&f=quintas&lang=pt&idcont=213>

- Imagem 3 – consulta: 21.07.2010

<http://www.guiadacidade.pt/portugal/poi/16629/11/palacio-dos-marqueses-de-fronteira>

- Imagem 4 – consulta: 21.07.2010

<http://www.azeitao.net/quintas/torres.htm>

- Imagem 5 – consulta: 21.07.2010

<http://www.bacalhoa.com/pt/galerias/show/scripts/core.htm?p=galerias&f=show&lang=pt&idcont=188>

- Imagem 6 – consulta: 21.07.2010

<http://www.bacalhoa.com/pt/galerias/show/scripts/core.htm?p=galerias&f=show&lang=pt&idcont=188>

- Imagem 7 – consulta: 21.07.2010

<http://testvillandry.ecritel.net/en/virtual-tour/>

- Imagem 8 – consulta: 21.07.2010

<http://ruinarte.blogspot.com/2010/05/o-palacio-dos-duques-de-aveiro-azeitao.html>

- Imagem 9 – consulta: 21.07.2010

<http://www.gabito grupos.com/AZEITAOPATRIMONIOEHISTORIA/template.php?nm=1272062513>

- Imagem 10 – *Quinta do Calhariz (planta da casa)*, Amílcar de Gil e Pires, *O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa*, in *Arte e Teoria* – Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa nº9, Ano 2007, p.94

- Imagem 11 – consulta: 22.07.2010

<http://www.cm-loures.pt/psp/img/monumentos/QuintaCabeco.jpg>

- Imagem 11 - João Vieira Caldas, *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, s.n., 1999, p.255

- Imagem 12 – consulta: 22.07.2010

<http://img.geocaching.com/cache/ceed576-955d-469b-9c09-5611ad88332c.jpg>

- Imagem 13 – consulta: 22.07.2010

http://2.bp.blogspot.com/_3n1nNXzWrU4/SPChjcz6RYI/AAAAAAAAABo/WSdLSQ7s4g/s400/Quinta+das+Lapas+-+Torres+Vedras+3.jpg

- Imagem 14 – consulta: 22.07.2010

http://www.quintadagruta.cm-maia.pt/copy_of_actividades-1/piscinas-do-complexo-de-educacao-ambiental-da-quinta-da-gruta

- Imagem 15 - consulta: 22.07.2010

<http://ambiente.maiadigital.pt/jardim-portal.jpg>

- Imagem 16 - consulta: 22.07.2010 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Conv.saudacao.jpg>

- Imagem 17 - consulta: 22.07.2010

<http://mjfs.wordpress.com/2007/10/14/convento-nossa-senhora-da-saudacao-montemor-o-novo/>

- Imagem 18 - consulta: 22.07.2010

<http://mjfs.wordpress.com/2007/10/14/convento-nossa-senhora-da-saudacao-montemor-o-novo/>

- Imagem 19 - consulta: 22.07.2010

<http://mjfs.wordpress.com/2007/10/14/convento-nossa-senhora-da-saudacao-montemor-o-novo/>

- Imagem 20 - consulta: 23.07.2010

<http://www.maisturismo.pt/4/284.html>

- Imagem 21 - consulta: 23.07.2010

http://conventodoespinheiro.artehhotels.com/galeria_popup.php?idioma=1&idUnidade=80&ndice=12

- Imagem 22 - consulta: 23.07.2010

http://aquapuradourovalley.artehhotels.com/galeria_popup.php?idioma=1&idUnidade=127&ndice=17

- Imagem 23 - consulta: 23.07.2010

<http://www.sw-hotelguide.com/portugal/douro/aquapura/pt/index.html>

- Imagem 24 - consulta: 23.07.2010

<http://www.g-sat.net/mosteiros-e-conventos-de-portugal-1510/mosteiro-de-santa-marinha-da-costa-quimaraes-164648.html>

- Imagem 25 - consulta: 23.07.2010

<http://www.g-sat.net/mosteiros-e-conventos-de-portugal-1510/mosteiro-de-santa-marinha-da-costa-quimaraes-164648.html>

- Imagem 26 - consulta: 10.06.2010

<http://www.ultimasreportagens.com/403.php>

- Imagem 27 - consulta: 10.06.2010

<http://www.ultimasreportagens.com/403.php>

- Imagem 28 - consulta: 10.06.2010

<http://www.ultimasreportagens.com/403.php>

- Imagem 29 - consulta: 10.06.2010

<http://www.ultimasreportagens.com/403.php>

- Imagem 30 - consulta: 10.06.2010

<http://www.ultimasreportagens.com/403.php>

- Imagem 31 - consulta: 10.08.2010

<http://www.museudaluz.org.pt/index.htm?no=1010001>

- Imagem 32 - consulta: 10.08.2010

http://farm3.static.flickr.com/2363/2295039324_22f0babee4.jpg?v=0

- Imagem 33 - Pedro Pacheco, Documento apresentado num Seminário na FA-UTL

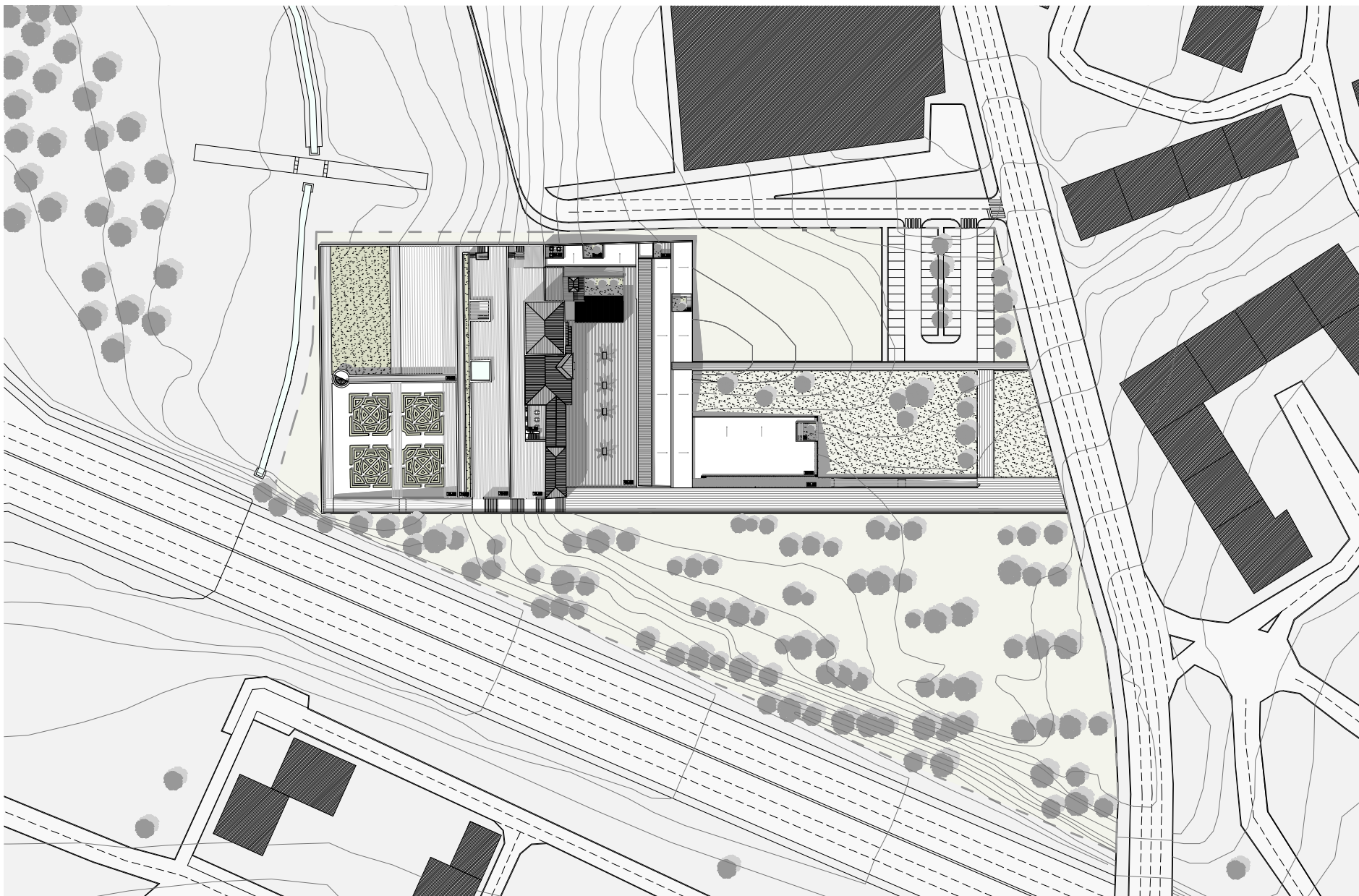
- Imagem 34 - Pedro Pacheco, Documento apresentado num Seminário na FA-UTL
- Imagem 35 - Pedro Pacheco, Documento apresentado num Seminário na FA-UTL
- Imagem 36 - Carlos A. Teixeira, Guilherme Cardoso, Jorge Miranda, *Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos*, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003, p.259
- Imagem 37 - Carlos A. Teixeira, Guilherme Cardoso, Jorge Miranda, *Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos*, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003, p.259
- Imagem 38 - Carlos A. Teixeira, Guilherme Cardoso, Jorge Miranda, *Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos*, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003, p.260
- Imagem 41 – Google Maps - <http://maps.google.pt/>
- Imagem 47 – Google Maps - <http://maps.google.pt/>
- Imagem 48 - Carlos A. Teixeira, Guilherme Cardoso, Jorge Miranda, *Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos*, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003, p.262

6. Anexos

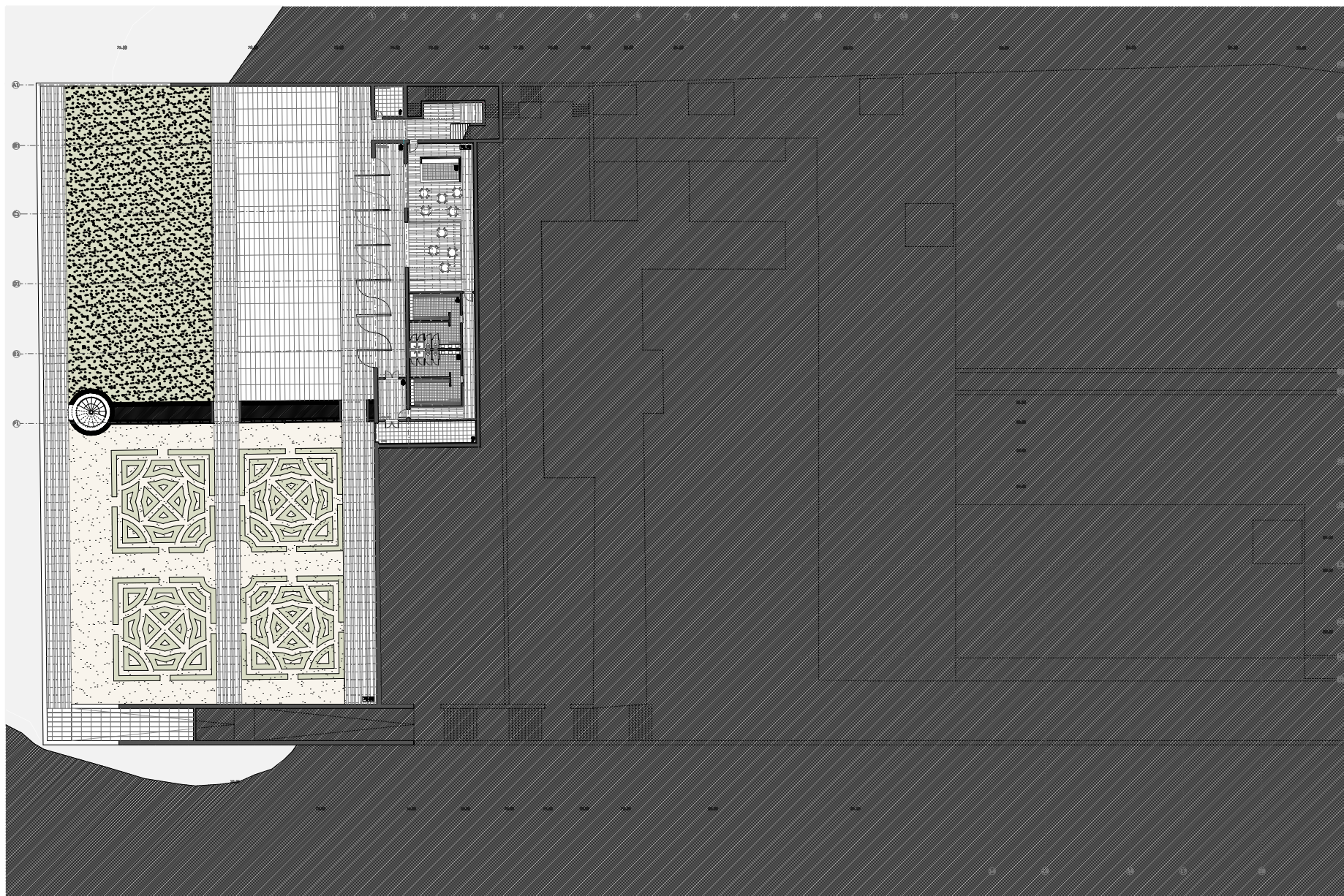
6.1. Lista das peças desenhadas

- Planta de implantação – escala 1:500
- Perfis do terreno – escala 1:500
- Planta piso -3 – escala 1:200
- Planta piso -2 – escala 1:200
- Planta piso -1 – escala 1:200
- Planta piso 0 – escala 1:200
- Planta piso 1 – escala 1:200
- Planta piso 2 – escala 1:200
- Corte A e B – escala 1:200
- Corte C e D – escala 1:200
- Corte E e F – escala 1:200
- Corte G e H – escala 1:200
- Corte I e J – escala 1:200
- Corte K e L – escala 1:200
- Corte M e N – escala 1:200
- Corte O e P – escala 1:200
- Planta de pormenor _ escala 1:50
- Corte A1 e B1 _ escala 1:50
- Desenho de pormenor P1 _ escala 1:20

6.2. Desenhos finais do projecto







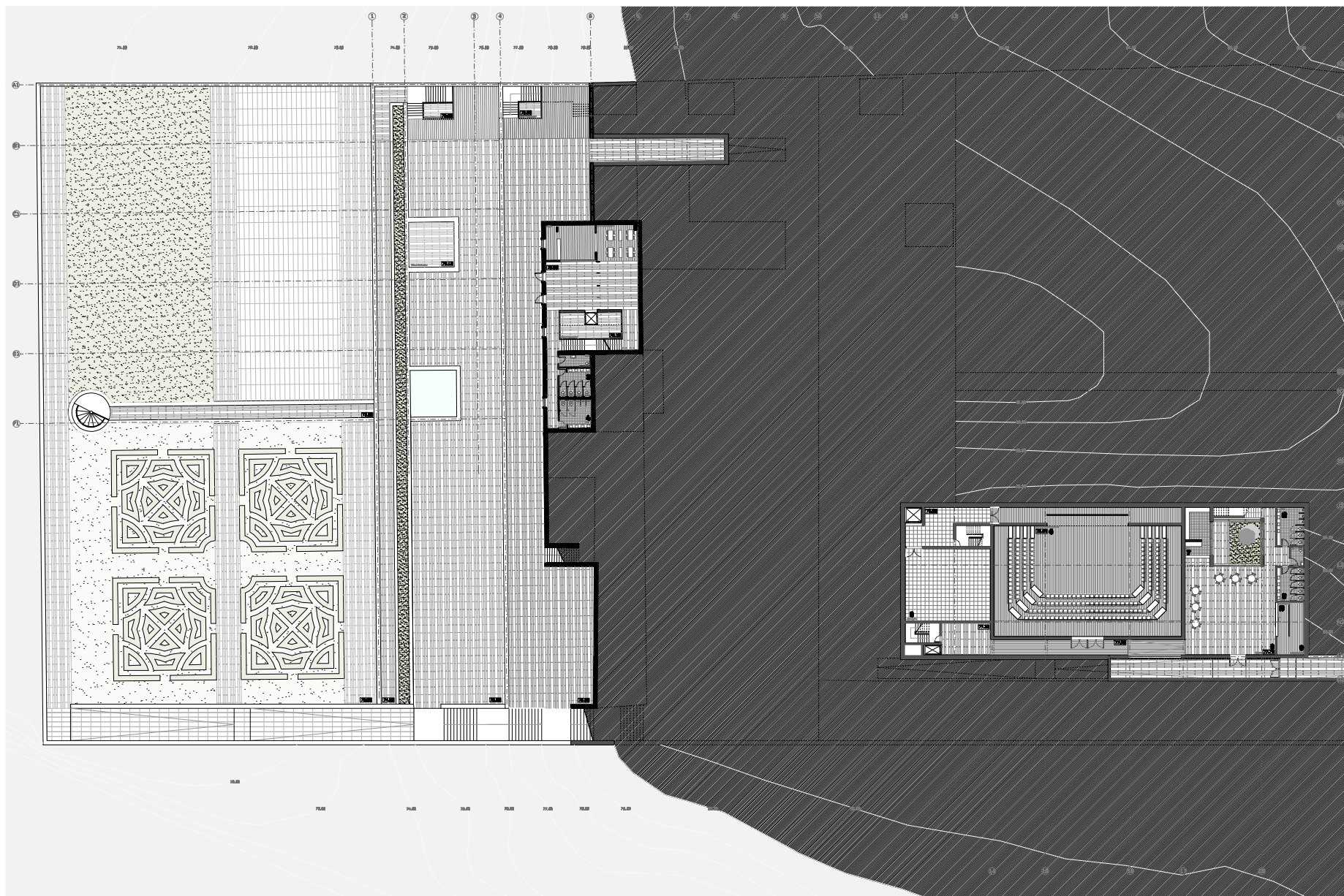
LEGENDA
 - PAREDE
 - PORTA
 - JANELA
 - ESCADA
 - PLATAFORMA
 - PAVIMENTO
 - TETO



PLANTA COTA +73.80
 ESCALA DE ARTES CIRCENSES E OFICINA DO ESPETÁCULO
 PROPOSTA DE PLANO DE RECONSTRUÇÃO DA ZONA DA TORRE DA JARDIM
 INTERIORES TUBOS DE LUMIN. - PAREDES E ARMATURAS, 000/1000 - PAREDES E ARMATURAS, 000/1000 - PAREDES E ARMATURAS, 000/1000

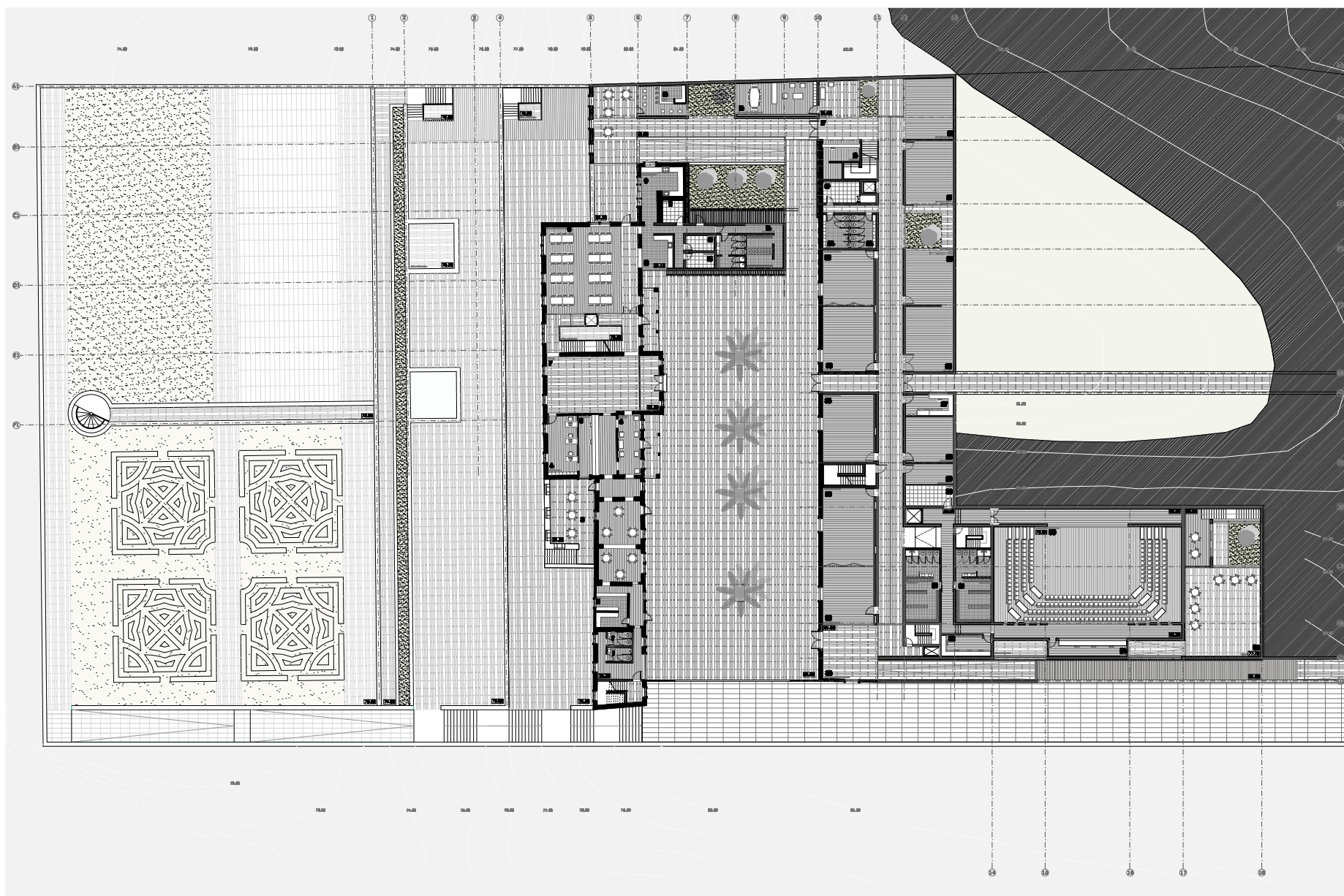
1/11 ESCALA (M) 1:100





LEGENDA
 1-100 1-100 1-100 1-100
 2-200 2-200 2-200 2-200
 3-300 3-300 3-300 3-300
 4-400 4-400 4-400 4-400
 5-500 5-500 5-500 5-500
 6-600 6-600 6-600 6-600
 7-700 7-700 7-700 7-700
 8-800 8-800 8-800 8-800
 9-900 9-900 9-900 9-900
 10-1000 10-1000 10-1000 10-1000

PLANTA COTA +79.50
 ESCALA DE ARTES CENICAS E OPICO DO ESPETACULO
 PROPOSTA DE PLANO DE TRABALHO DA ESCOLA DE ARTE E ARQUITETURA
 INVENIR THERIA DE LIMA - FUNDADOR DE ARQUITETURA, 2007/2008 - PIANO 10 - 1000 THERIA - 2008



LEGENDA

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

1-13
A-E

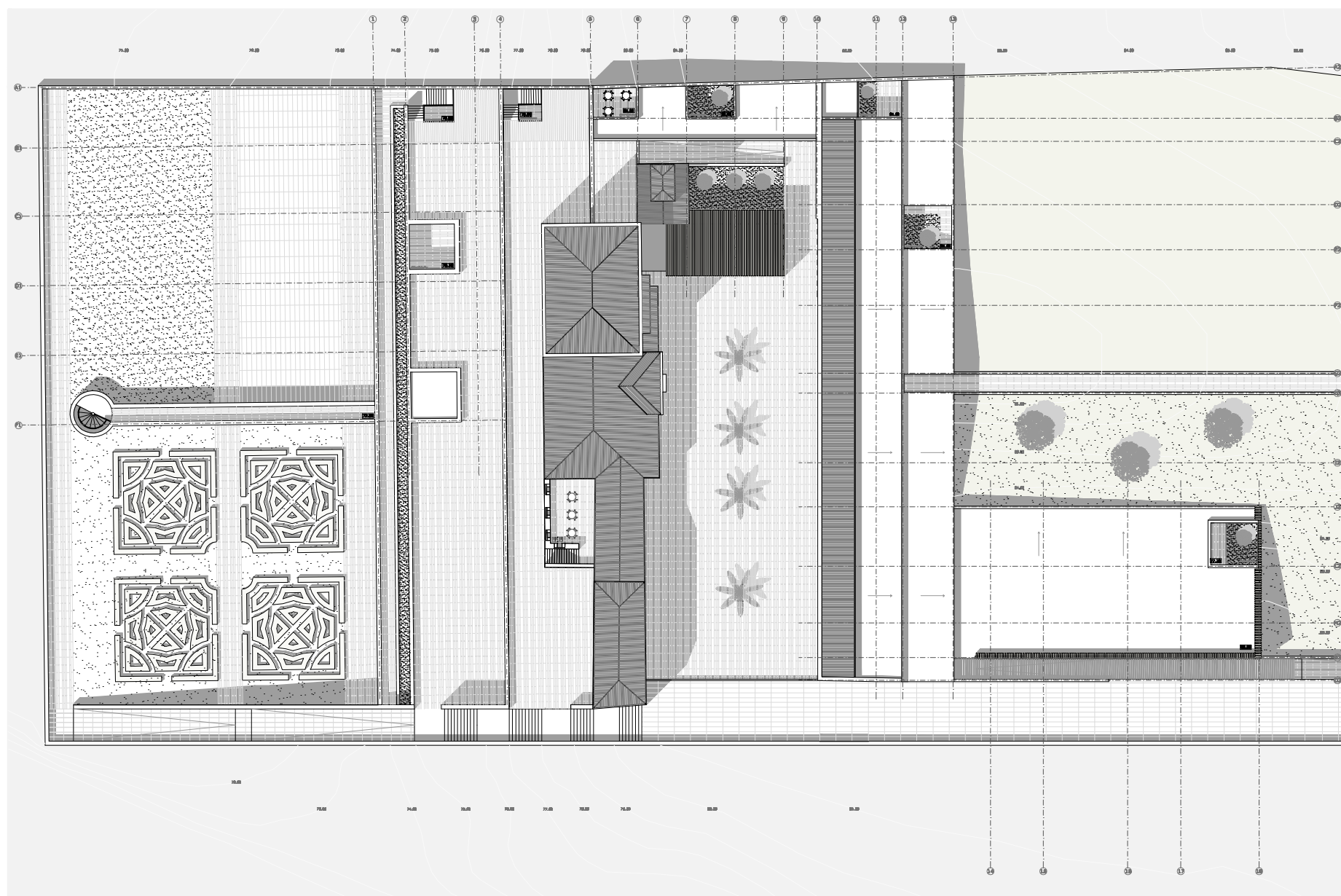
1-13
A-E

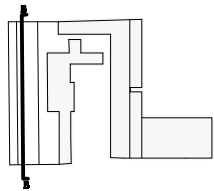
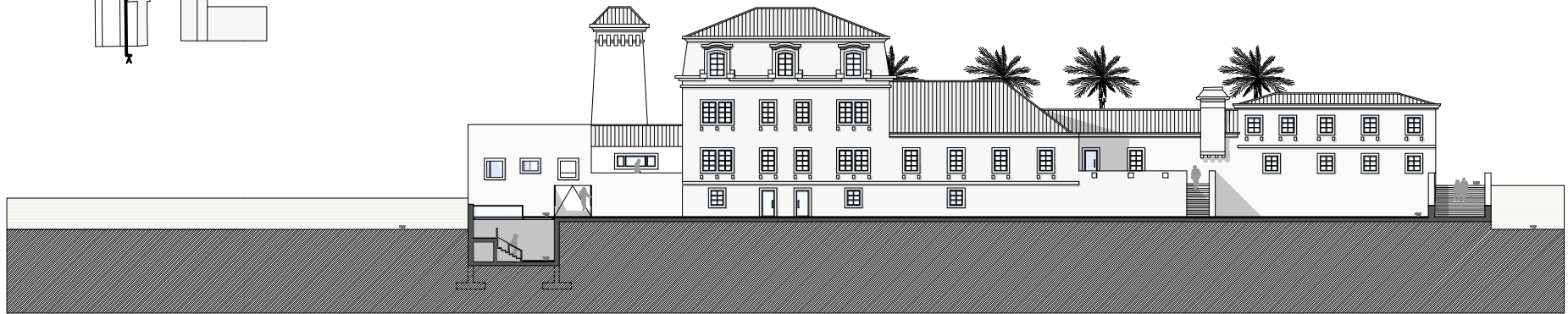
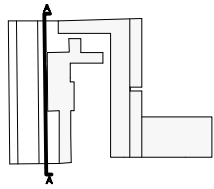
PLANTA COTA +83.00
ESCALA DE ARTES CIRCENSES E OFICINA DO ESPETÁCULO
PROPOSTA DE PLANO DE IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES CIRCENSES
INSTITUTO TECNOLÓGICO DE LULA - PARQUE DE ARQUITETURA, 080/100 - PAVILÃO DE ARQUITETURA

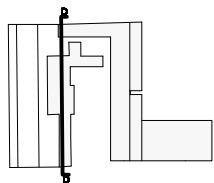
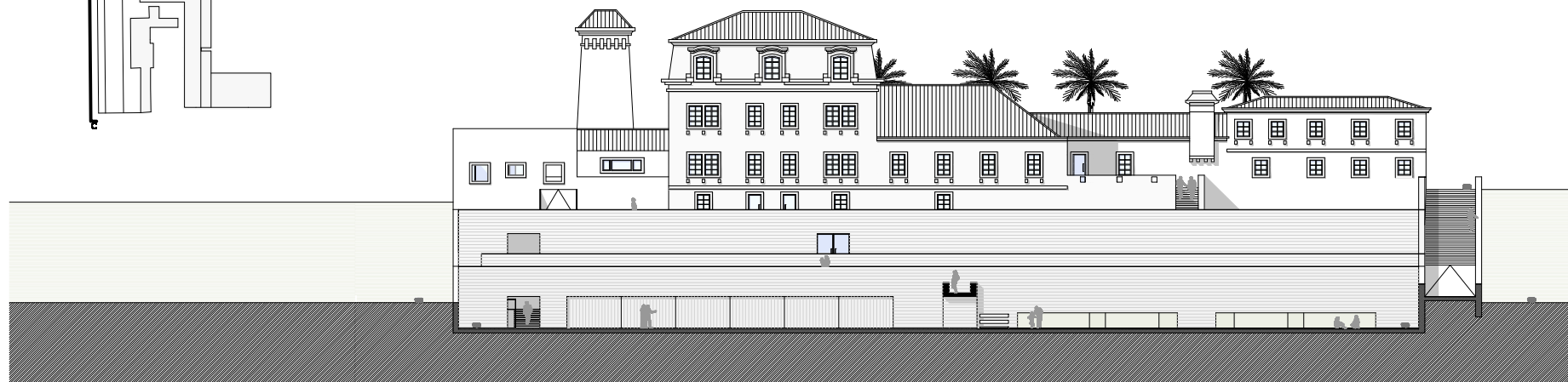
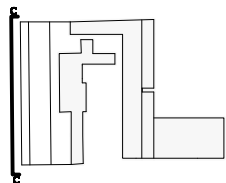
7-N ESCALA (M)

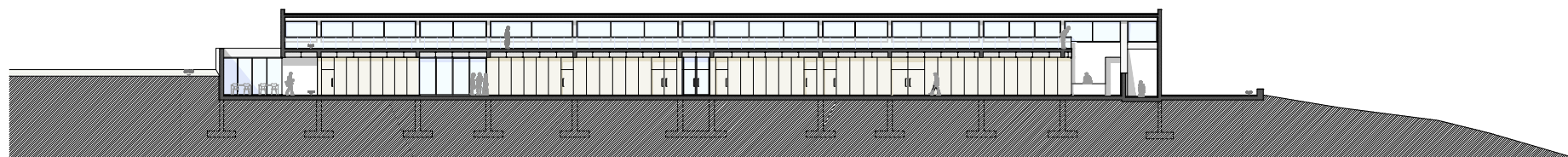
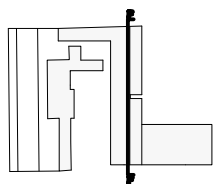
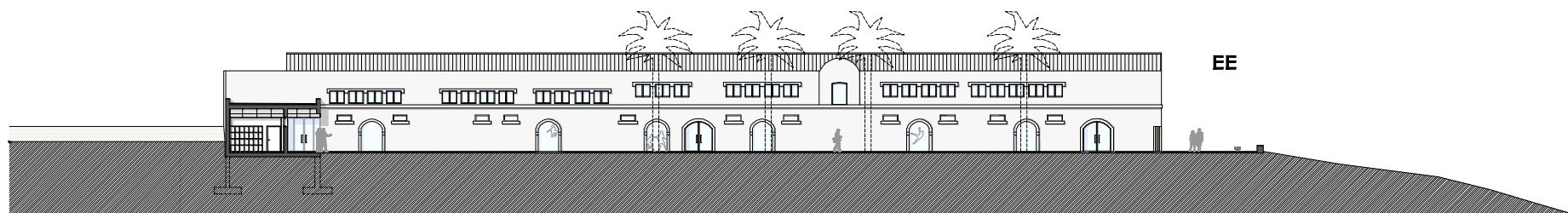
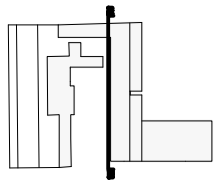
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

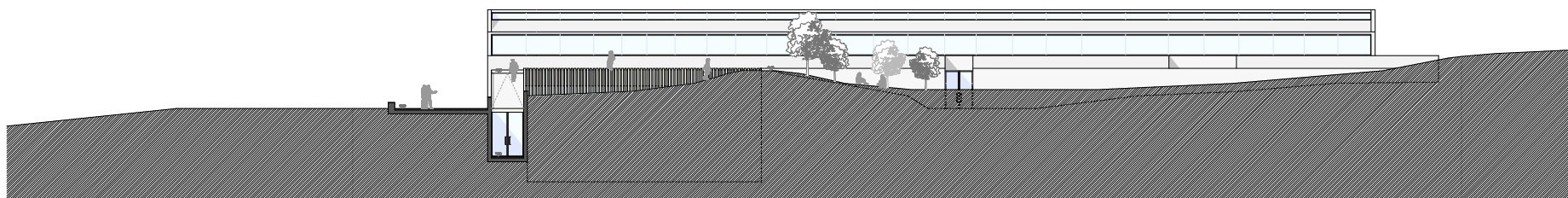
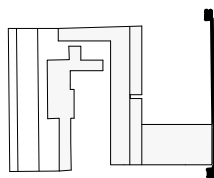
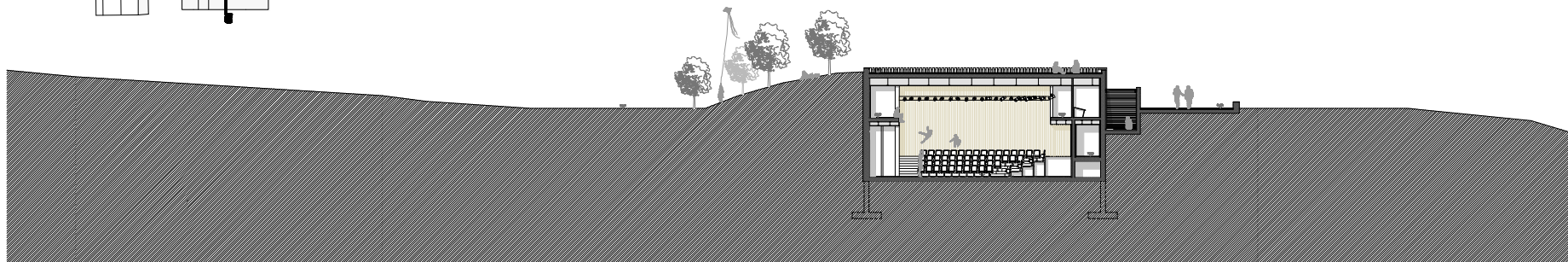
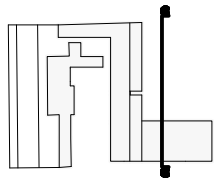
06

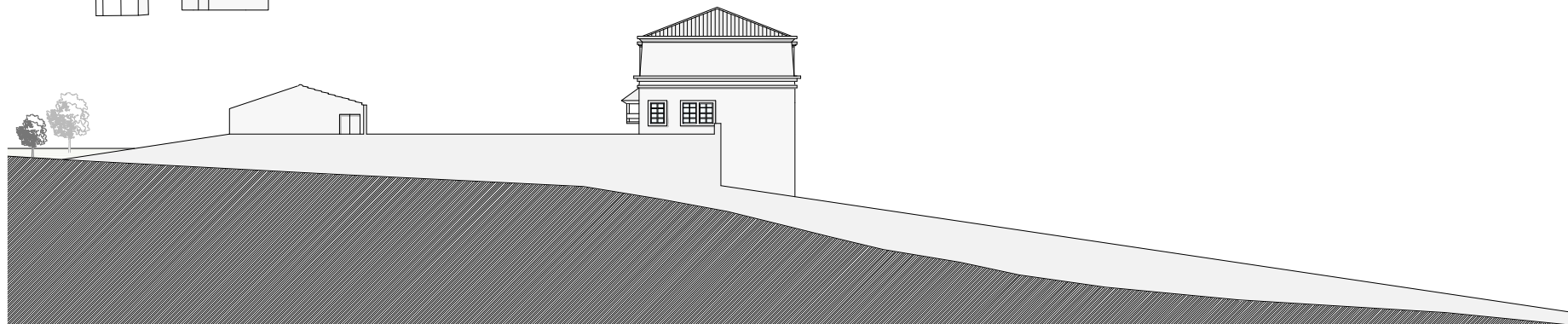
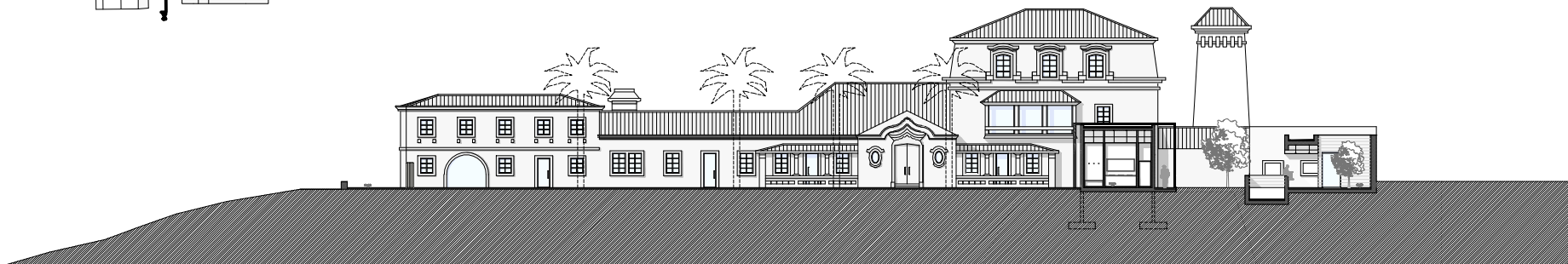




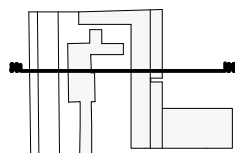
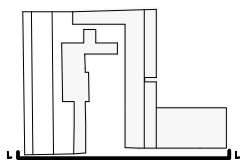




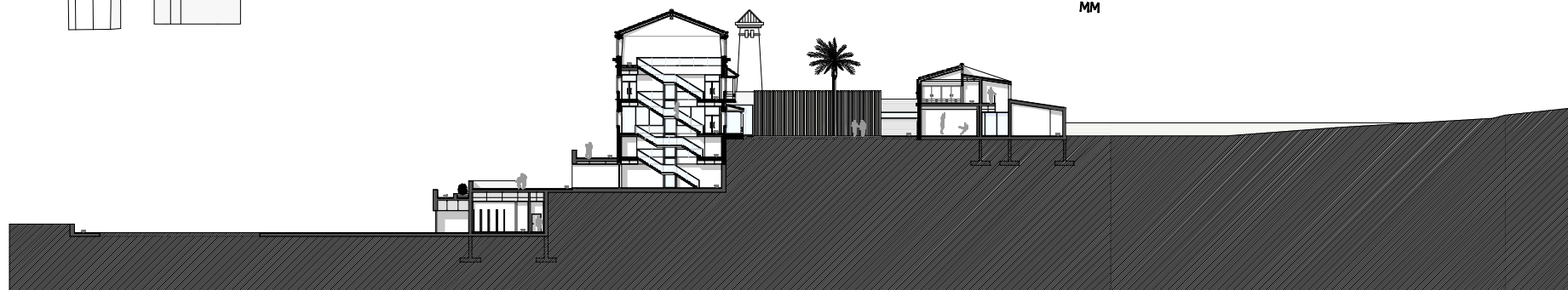


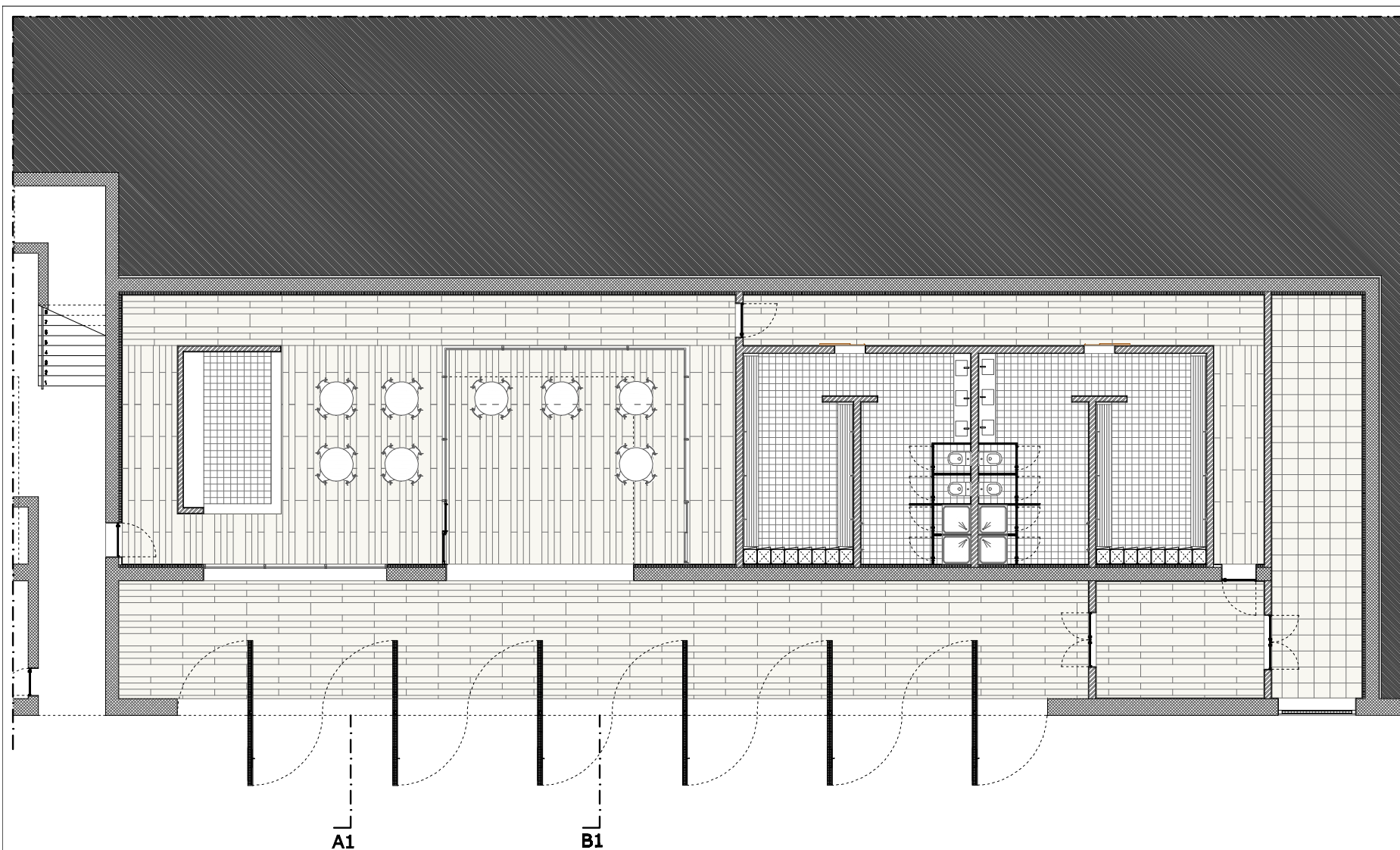


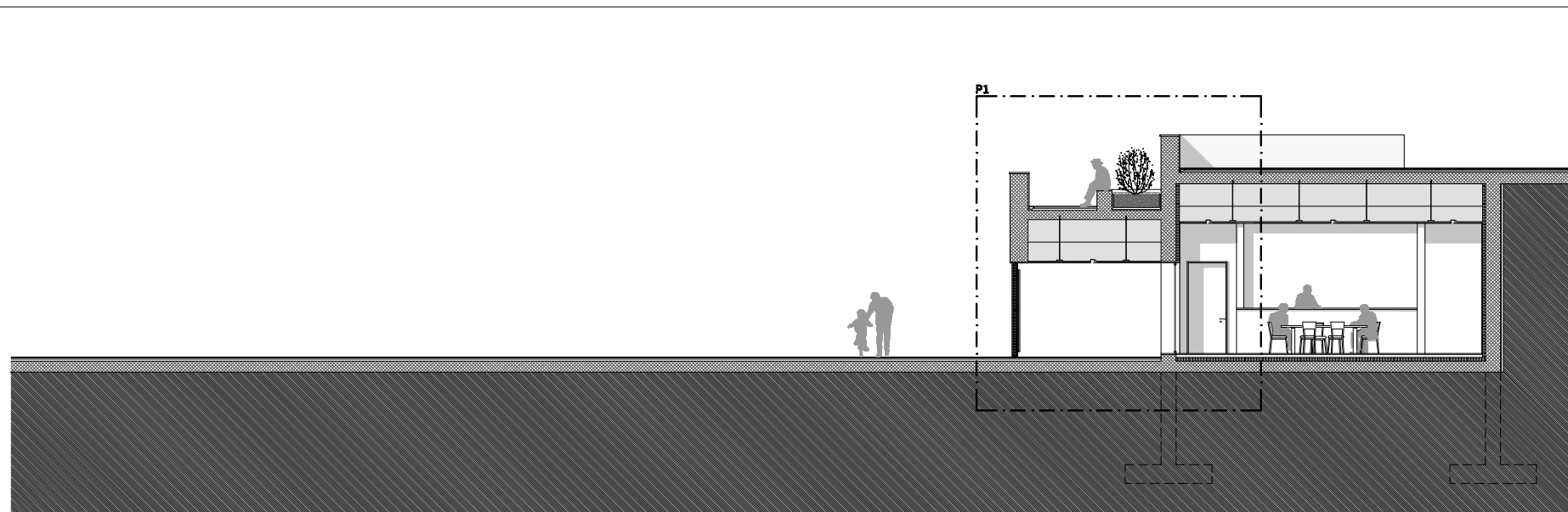




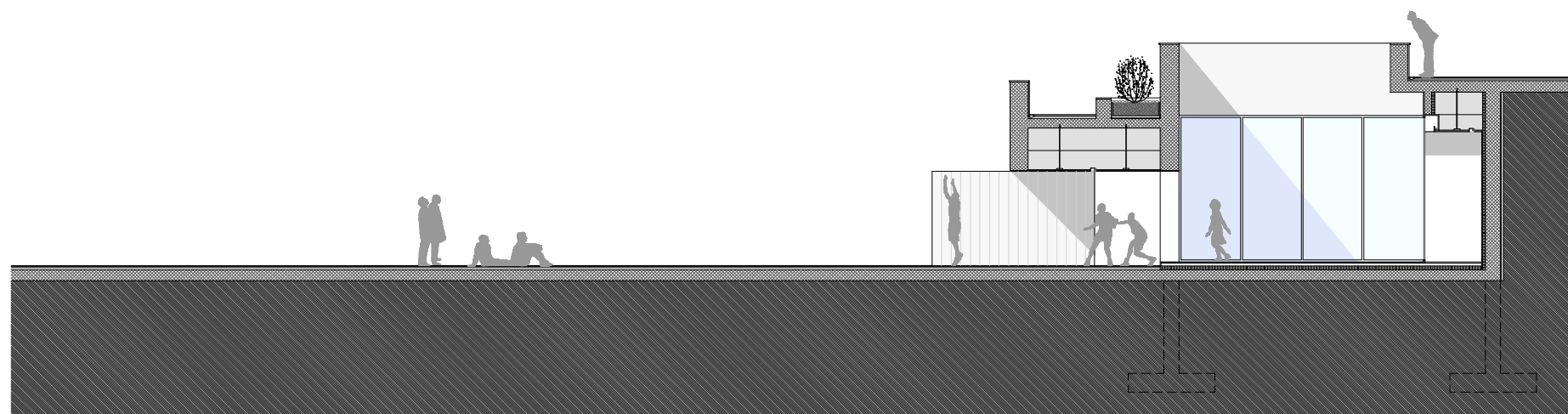
MM





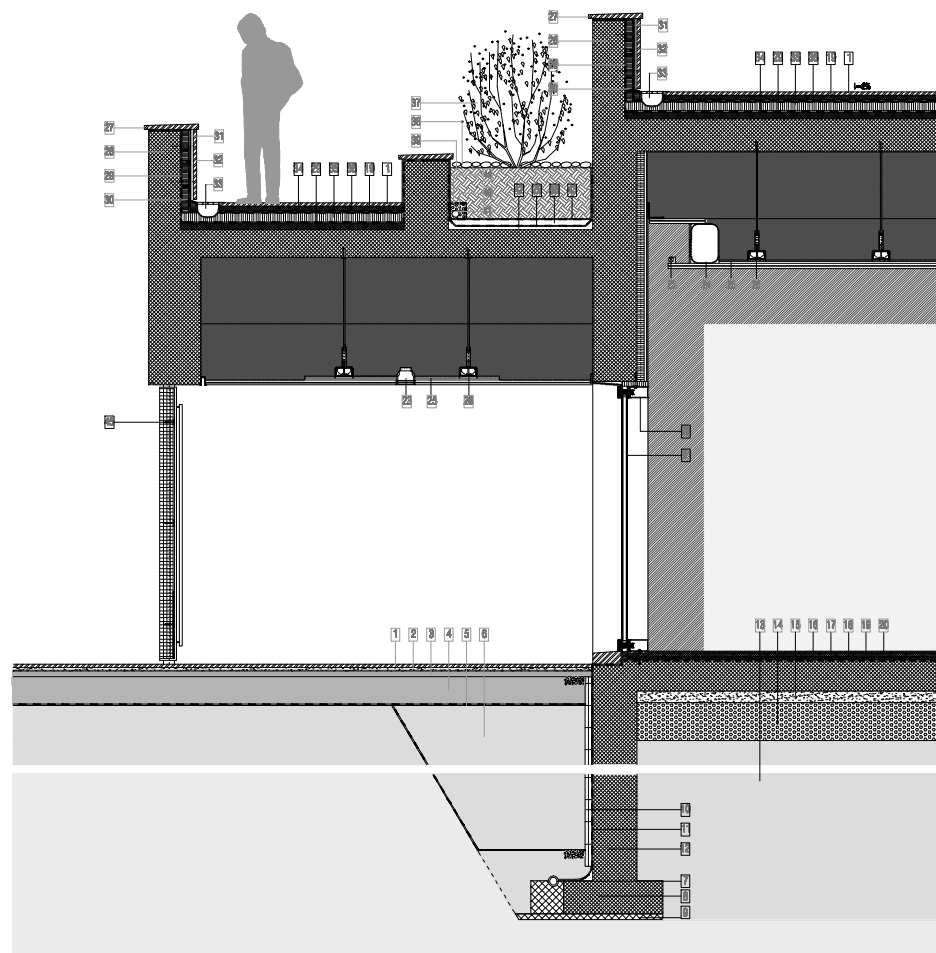


CORTE A1



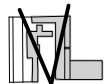
CORTE B1



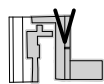


1. Pedra de Lito lapideada
2. Argamassa de acabamento
3. Concretão
4. Concretão
5. Bateria
6. Tampo de madeira
7. Teto gesso
8. Degrade de madeira
9. Bateria de madeira
10. Placa de madeira
11. Placa de madeira
12. Muro de suporte em concreto
13. Tampo de madeira
14. Teto gesso
15. Muro
16. Tampo de madeira
17. Bateria de madeira, 40x40x40, 40x40
18. Teto de madeira
19. Bateria de madeira
20. Pedra de Lito lapideada
21. Muro de madeira, 40x40
22. Coluna de madeira, 40x40, 40x40, 40x40
23. Paredo de madeira
24. Grelha de madeira, 40x40
25. Teto suspenso em gesso
26. Bateria de madeira, 40x40, 40x40, 40x40
27. Chapeamento em Lito lapideada
28. Bateria de madeira, 40x40, 40x40, 40x40
29. Tampo de madeira
30. Placa de madeira, 40x40, 40x40, 40x40
31. Chapeamento em Lito lapideada
32. Grelha de madeira
33. Grelha de madeira
34. Grelha de madeira, 40x40, 40x40, 40x40
35. Placa de madeira, 40x40, 40x40, 40x40
36. Teto gesso
37. Muro
38. Bateria de madeira
39. Tampo de madeira
40. Chapeamento em Lito lapideada
41. Teto gesso
42. Concretão
43. Placa de madeira
44. Teto gesso
45. Paredo de madeira, 40x40, 40x40, 40x40

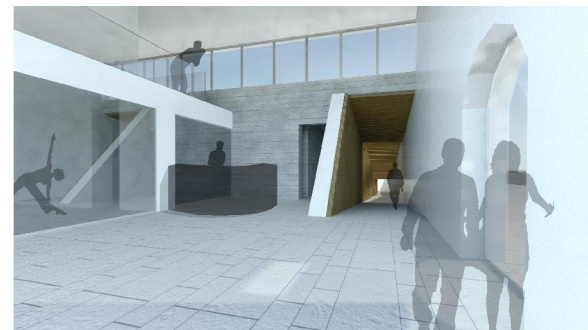
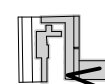




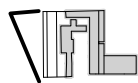
PERSPECTIVA DO PÁTIO DE CHIBADA



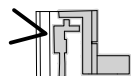
PERSPECTIVA DA GALLERIA - BLOCO DE CENTRO



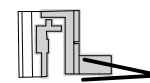
PERSPECTIVA DO CENTRO SOCIAL DE ACESSO AO PÓRTO - BLOCO DE CENTRO



PERSPECTIVA - BLOCO POLIVALENTE



PERSPECTIVA - BLOCO POLIVALENTE



PERSPECTIVA - ACESSO À QUINTA



6.3. Processo de trabalho

6.3.1. Programa proposto

Discriminação do programa para a: “Escola de Artes Circenses e Ofícios do Espectáculo”

Zona pública – Edifício Nobre

- Átrio 93.76 m²
- Recepção/secretaria 43.01 m²
- Sala de espera 19.30 m²
- Sala de refeições 121.93 m²
- Cozinha:
 - Confeção de alimentos 24.92 m²
 - Copa 15.55 m²
 - Frios 6.75 m²
 - Armazém 6.75 m²
 - Lixo 7.17 m²
 - 2 Balneários 28.29 m²
- Bar 73.51 m²
- I.S. 35.26 m²
- I.S. secundária 10.75 m²
- Sala de conferências 159.96 m²
- Loja/ sala de leitura 48.73 m²
- Administração 62.70 m²

Área de ensino

- Recepção 12.05 m²
- Átrio 42.65 m²
- Sala de professores 39.18 m²
- Bar 22.23 m²
- 12 Dormitórios duplos 20.58 m² un.
- Arrumos 20.45 m²
- Sala de estudo 44.07 m²
- Salas de formação:
 - Guarda-roupa 44.82 m²
 - Cenários/iluminação 40.32 m²
- Armazém 47.10 m²
- 5 Salas de treino 251.13 m²
- Controlo de entradas secundário 14.96 m²
- Lavandaria 32.79 m²
- AVAC 26.79 m²
- Posto médico 14.71 m²
- I.S 26.91 m²
- 2 Balneários 77.56 m²
- Sala de caracterização 15.63 m²

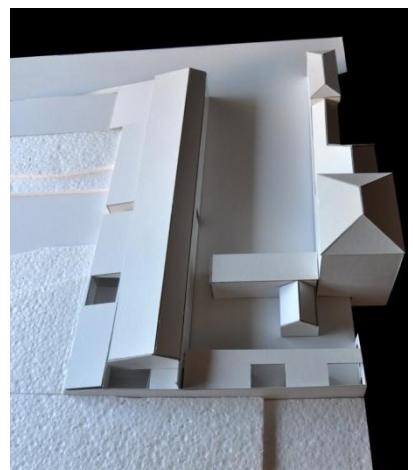
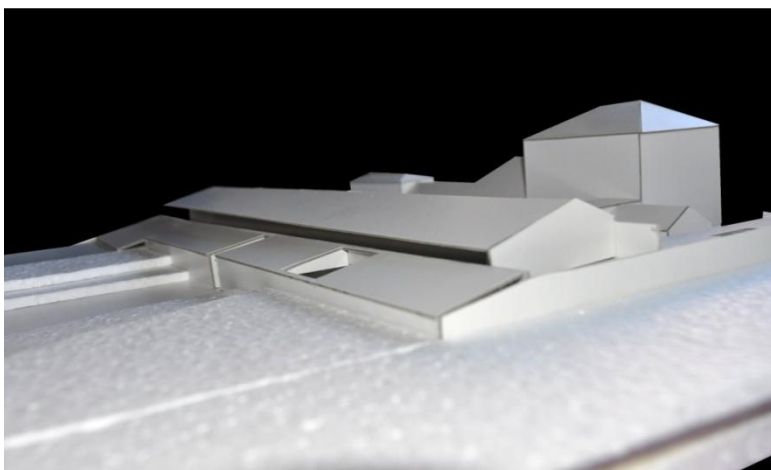
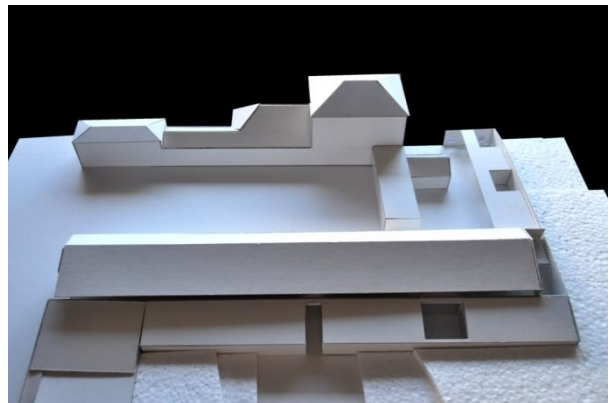
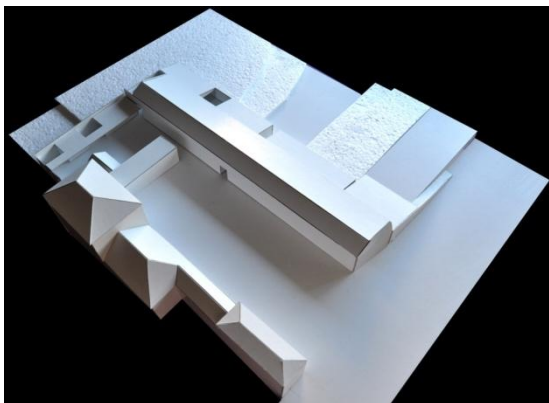
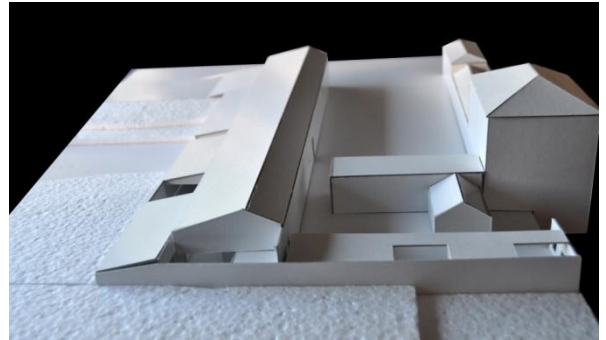
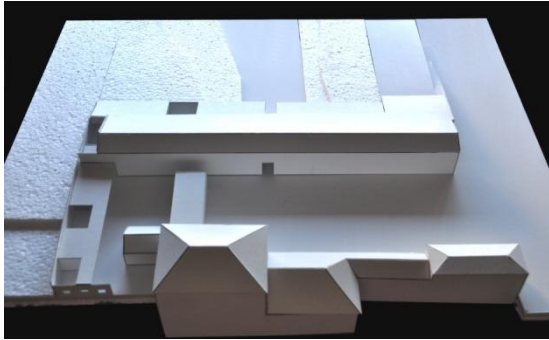
Espaço de Eventos

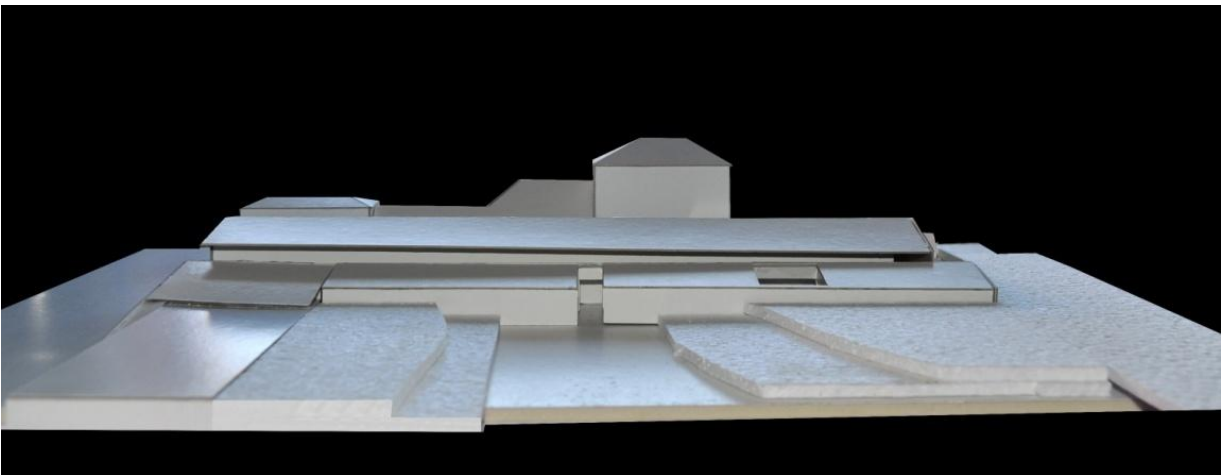
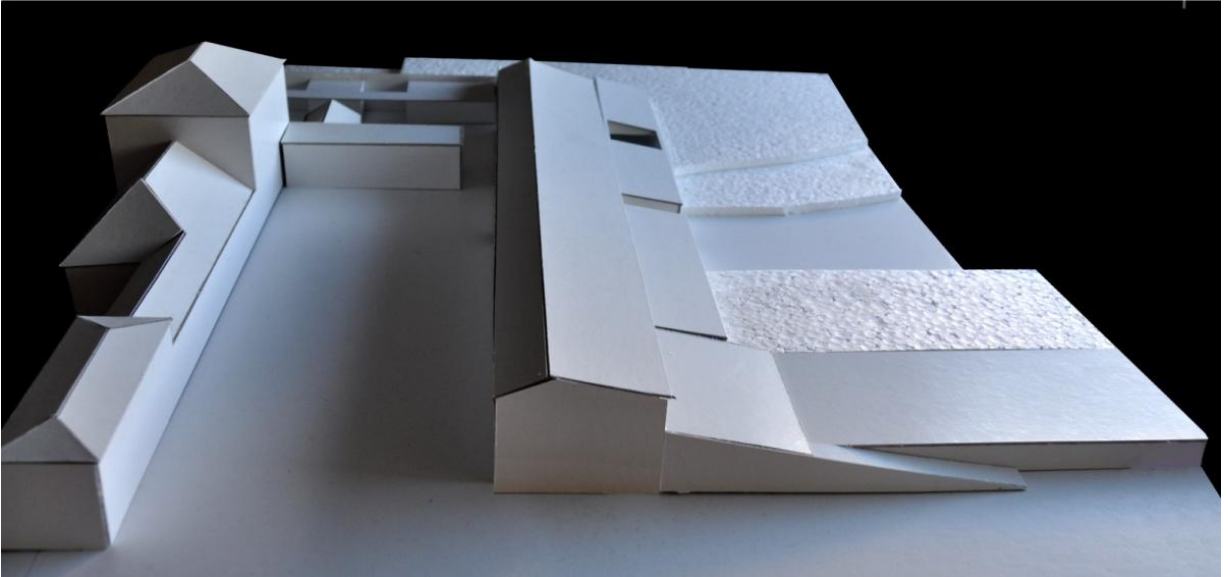
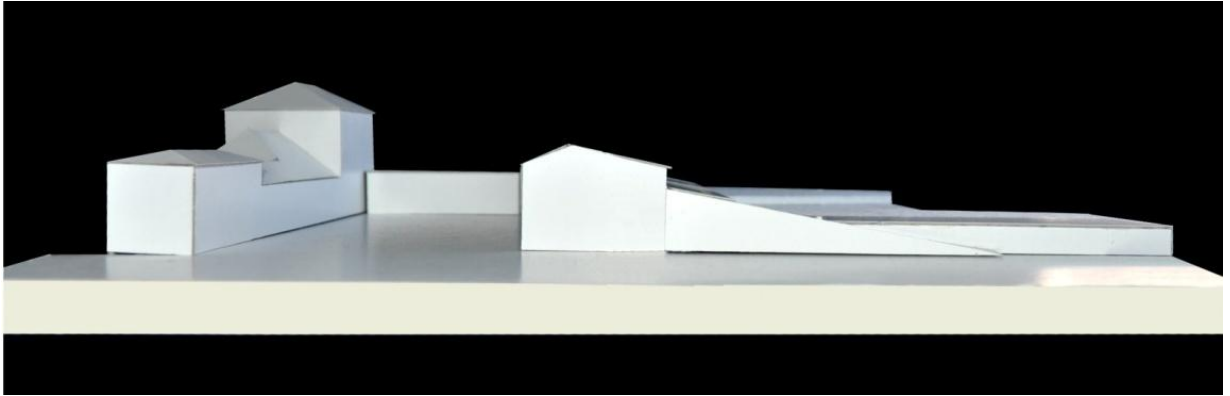
- Sala de espectáculos 317.04 m²
- Régie 18.20 m²
- Foyer 121.52 m²
- Bilheteira 9.57 m²
- Bengaleiro 10.79 m²
- I.S. 33.52 m²
- Bar 19.32 m²
- Armazém 93.14 m²
- Controlo de Entradas 56.76 m²

Bloco polivalente

- Bar 51 m²
- 2 Balneários 84.90 m²
- Arrumos 17.23 m²
- AVAC 32.17 m²
- Zona de transição 100.65 m²
- Arrumo exteriores 12.29 m²

6.3.2. Fotografias maqueta de estudo

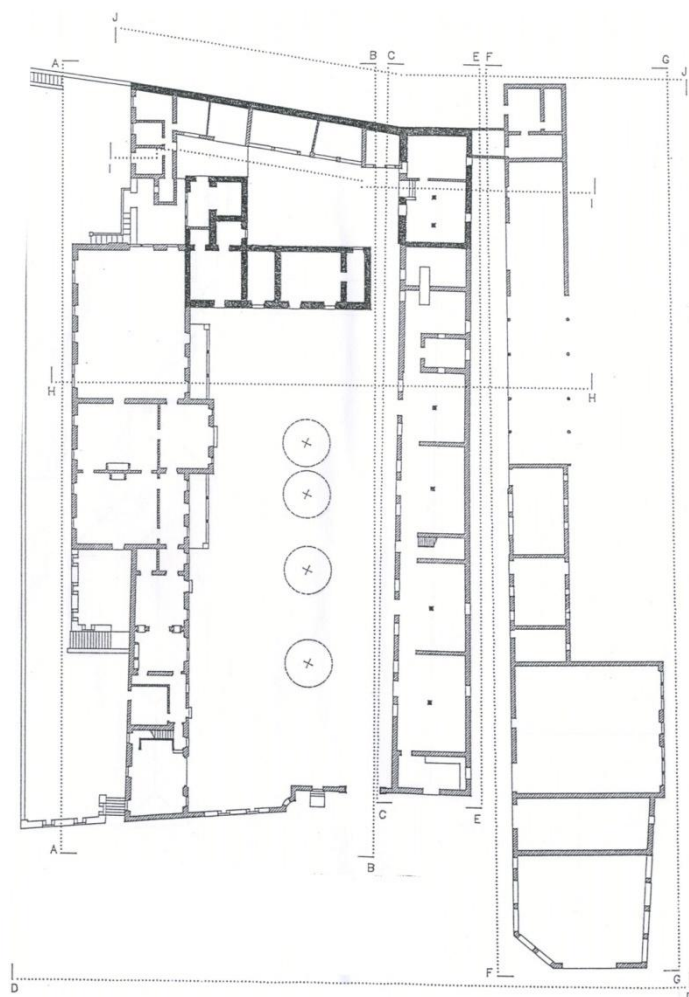




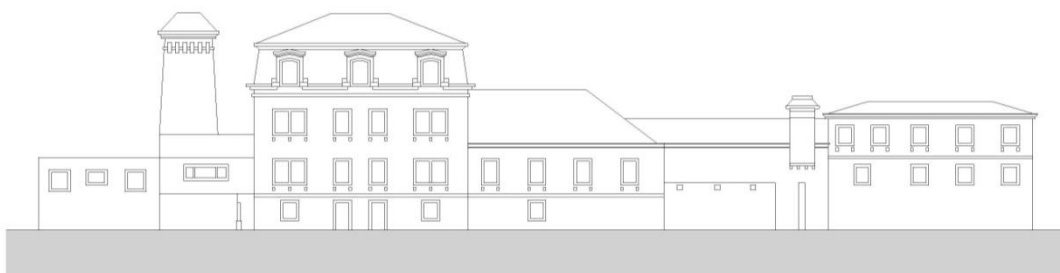
6.3.3. Levantamento fotográfico



6.3.4. Outros elementos



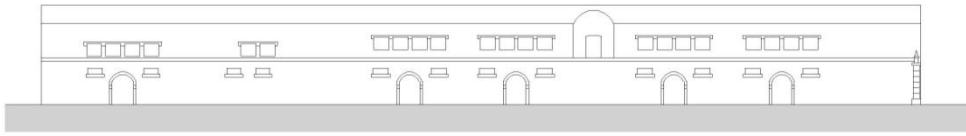
Planta original



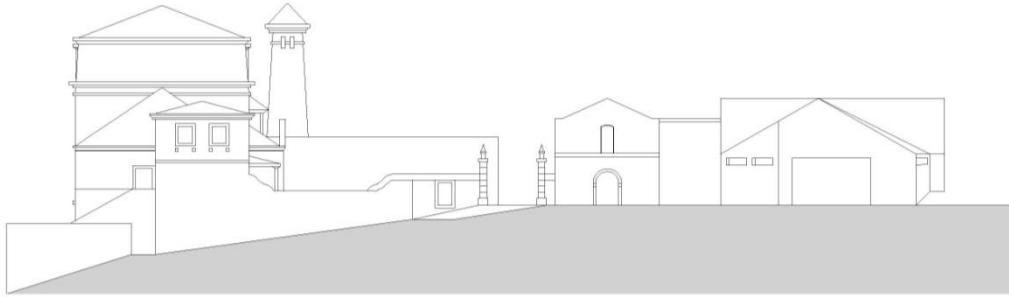
Corte AA



Corte BB



Corte CC



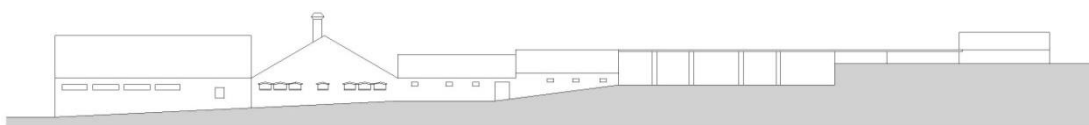
Corte DD



Corte EE

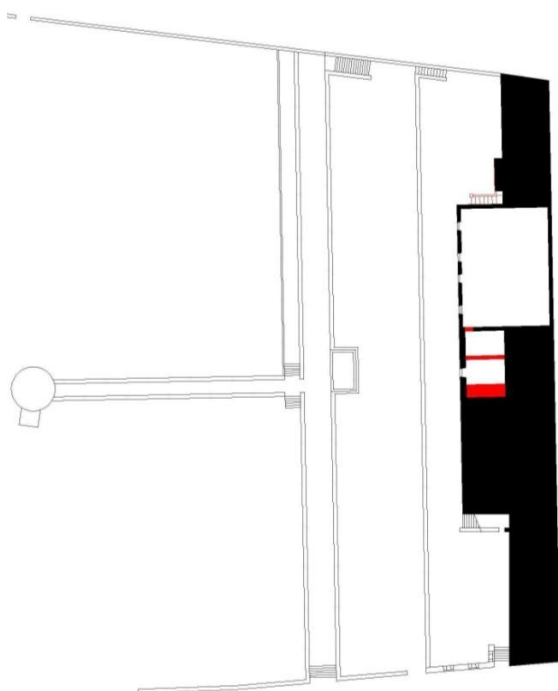


Corte FF

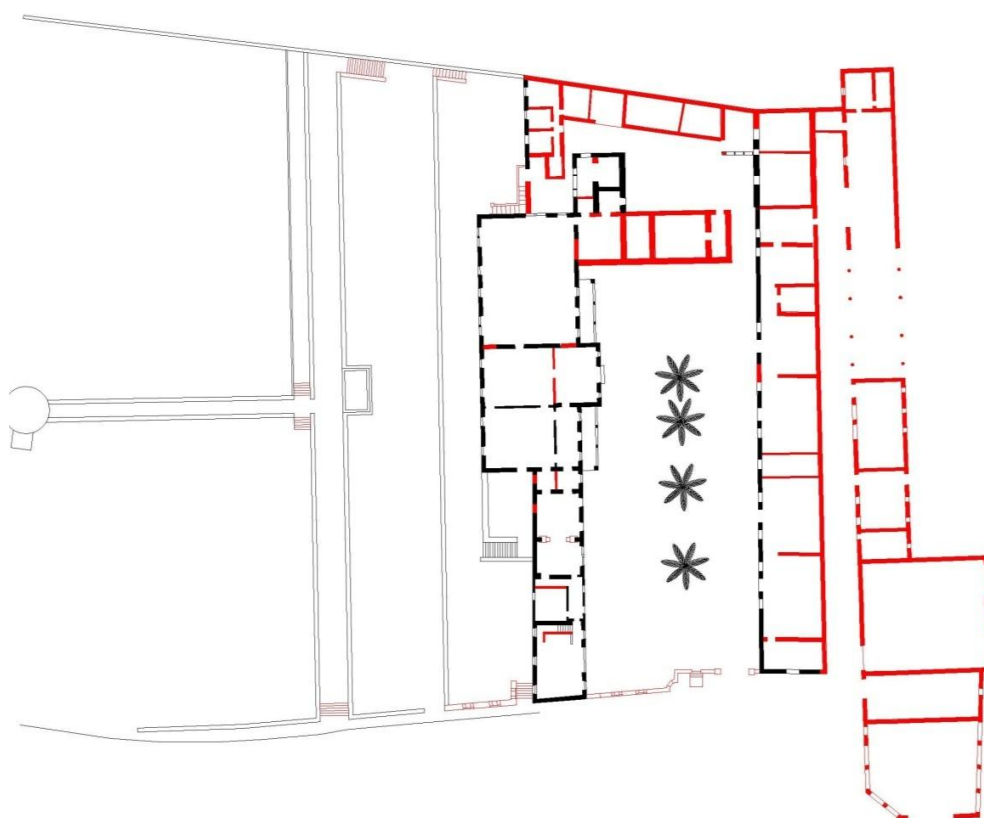


Corte GG

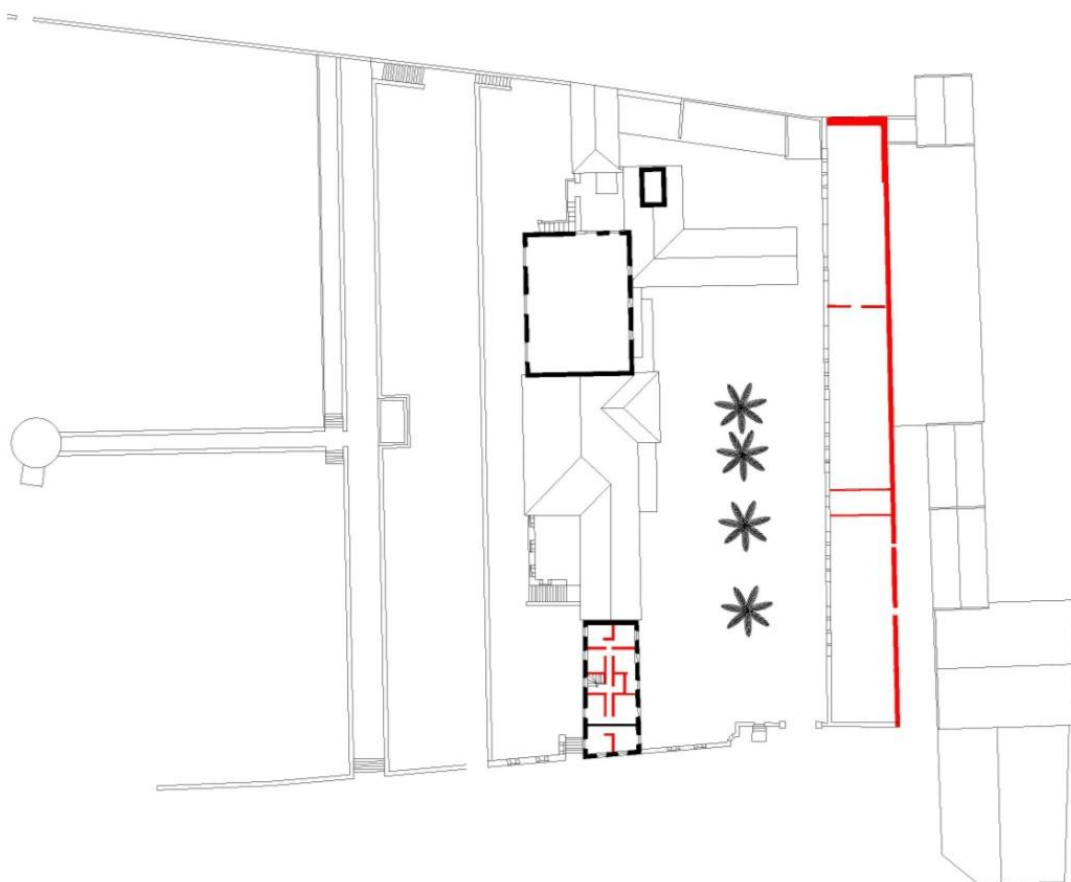
- Representação dos espaços que se preservaram em contraste com as partes que foram eliminadas



Piso -1



Piso 0



Piso 1

6.3.5. Esquissos

A IDEIA

Dada a extensão da área a intervir, o objectivo seria propor um programa que desse uso ao espaço disponível de uma forma sustentável.

Assim surgiu a ideia de criar uma "Escola Profissional de artes circenses e ofícios do espectáculo", um programa que consegue reunir os aspectos necessários à ideia de sustentabilidade, uma vez que procura oferecer: abrigo, trabalho e conforto / qualidade de vida

A escola estaria organizada em 3 principais sectores:

- público — restaurante, bar, sala de espectáculos, loja, sala de leitura, sala polivalente
- ensino/habituação — salas de treino, salas de formação e ensino, dormitórios
- espaço exterior/jardins — espectáculos ao ar livre, zonas de permanência

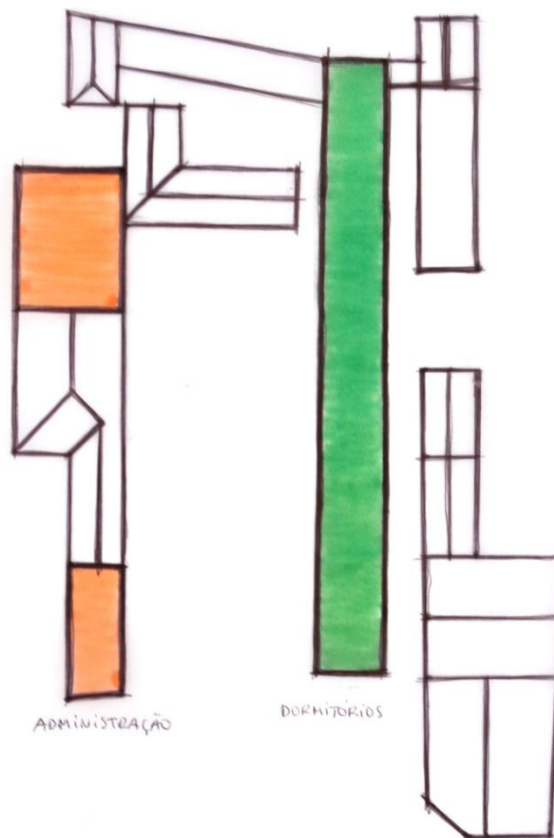
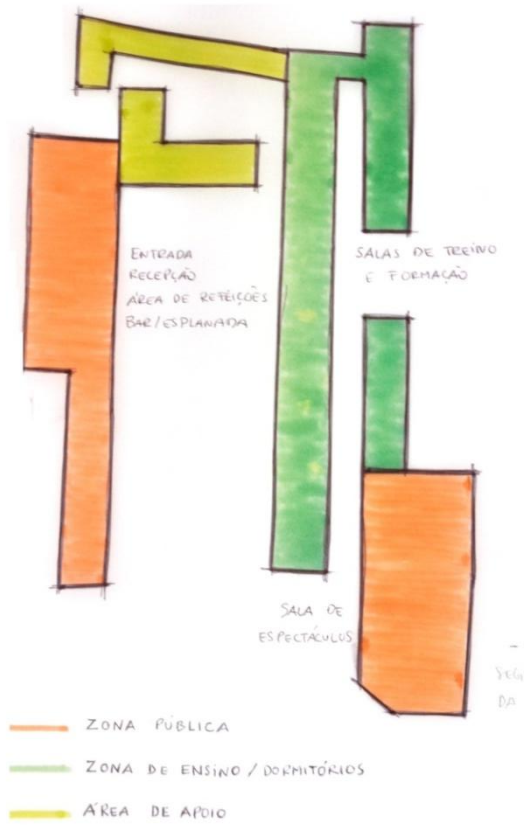
Deste modo, a dualidade entre privacidade e lazer, muitas vezes característica das villas e quintas de recreio, seria não só preservada como também cultivada através de um programa que atende à realidade actual.

"Desde sempre que as pessoas sentiram a necessidade de anexar às suas habitações familiares, relictos limitados por meio de vedação, onde pudessem não só praticar actividades lúdicas ao ar livre como também assegurar neste espaço a vegetação de algumas plantas..."

"A qualidade artística de um horto, jardim, parque ou quinta deverá avaliar-se conjuntamente, pelo grau da sua adequação aos múltiplos usos que dele se possa fazer e pela satisfação que o seu uso possa proporcionar aos respectivos utentes..."

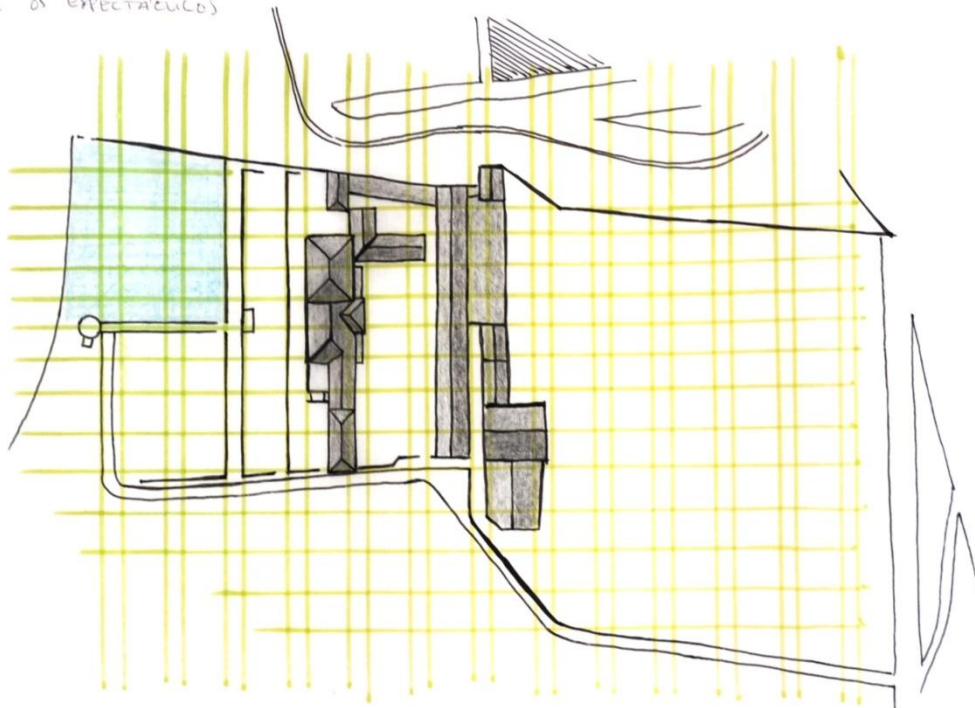
"Porque os hortos e as quintas tal como as casas, são susceptíveis de um uso interno (por aqueles que se movem no seu interior) e de um uso externo (pelos que se movem à sua volta), na eníptica do seu mínimo artístico não basta considerar as virtudes do seu ordenamento ou arquitectura interna, porque também a qualidade da sua participação na paisagem global de que fazem parte, e que é usufruída por toda a comunidade, tem de ser considerada."

(Lúdio de Araújo, 1979)



DE ACTUAÇÕES AO AR LIVRE

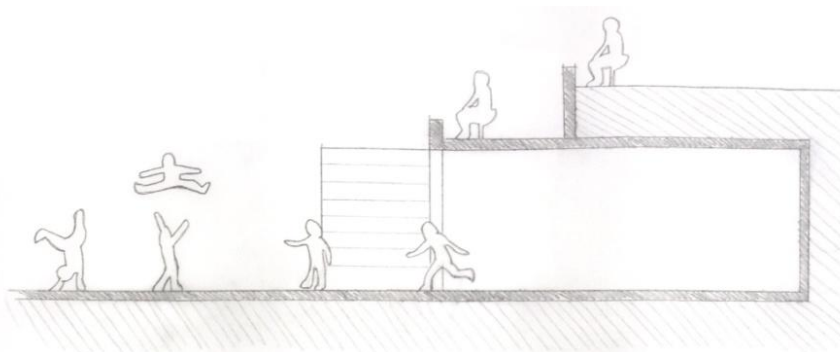
- OS PATAMARES EXISTENTES SERVIRÃO DE PLATFÔRMA — PRÉ-EXISTENTES
- NOVA ESTRUTURA DE APOIO POR BAIXO DOS VÁRIOS PLANOS, ATRAVÉS DO QUAL SE DESENVOLVEM OS ESPECTÁCULOS SÃO UMA CONSTRUÇÃO EXTENSA E MALIÇA



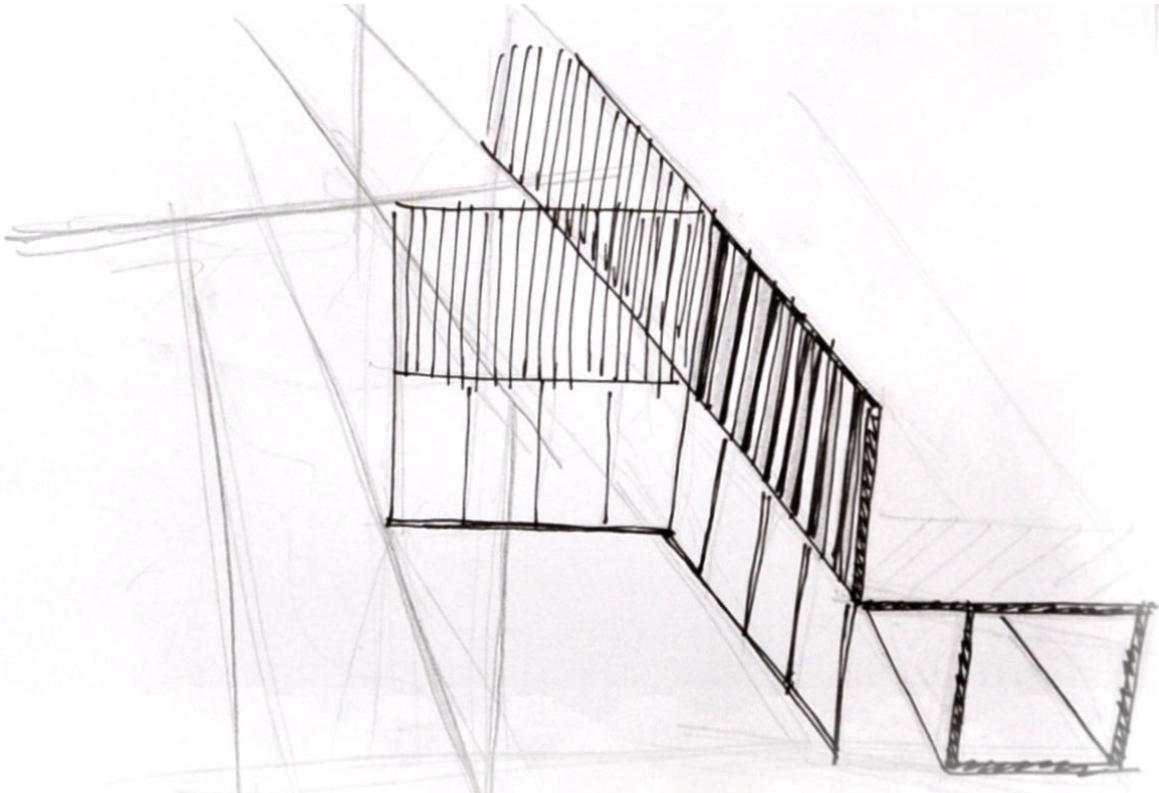
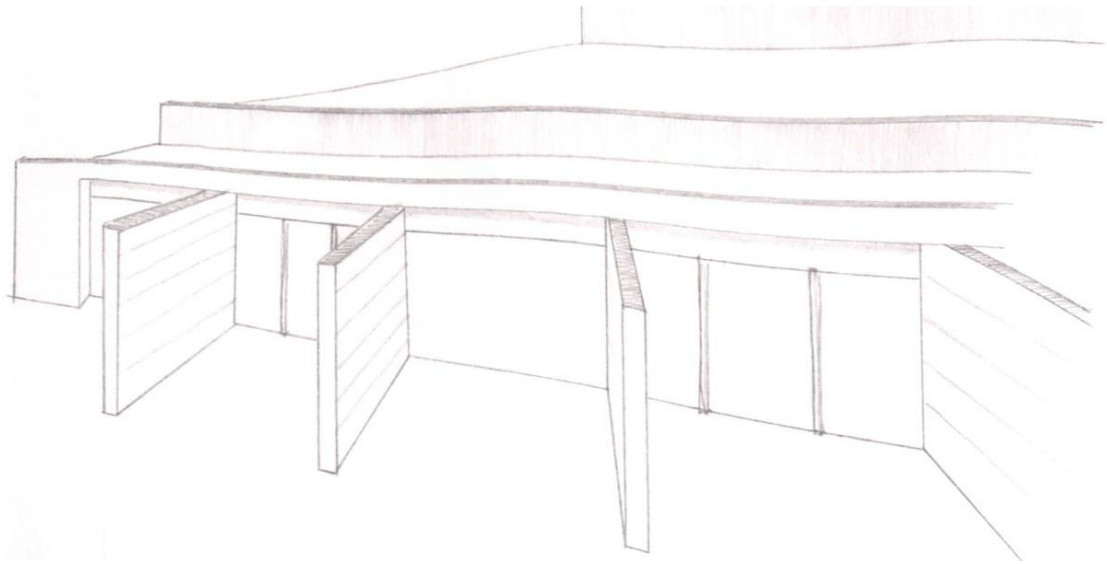
- MALHA ESTRUTURAL EXISTENTE SERÁ EXPANDIDA PARA A ÁREA ENVOLVENTE

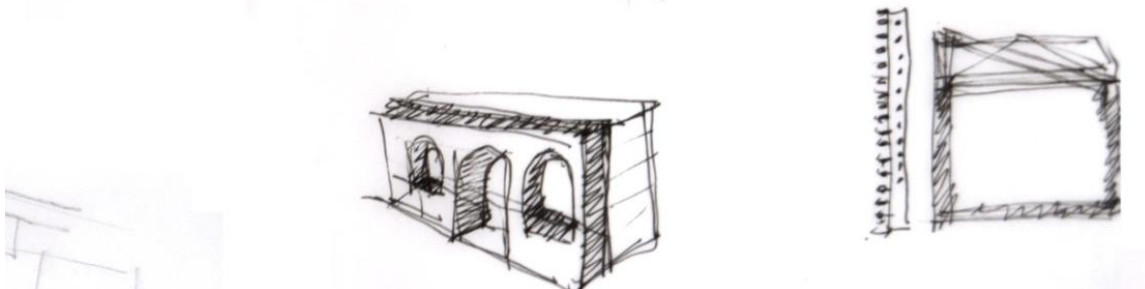
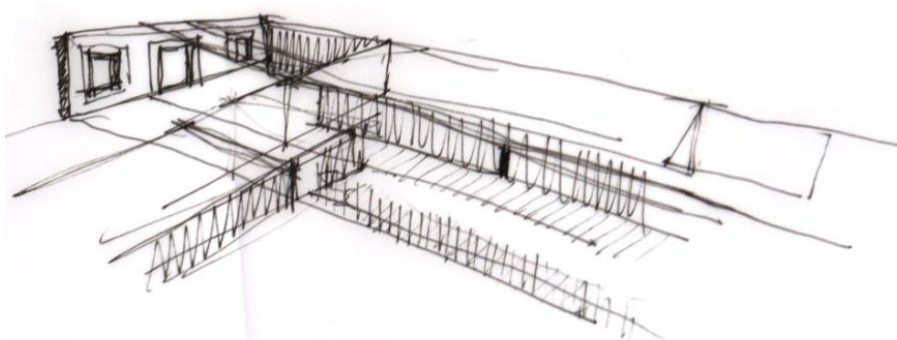
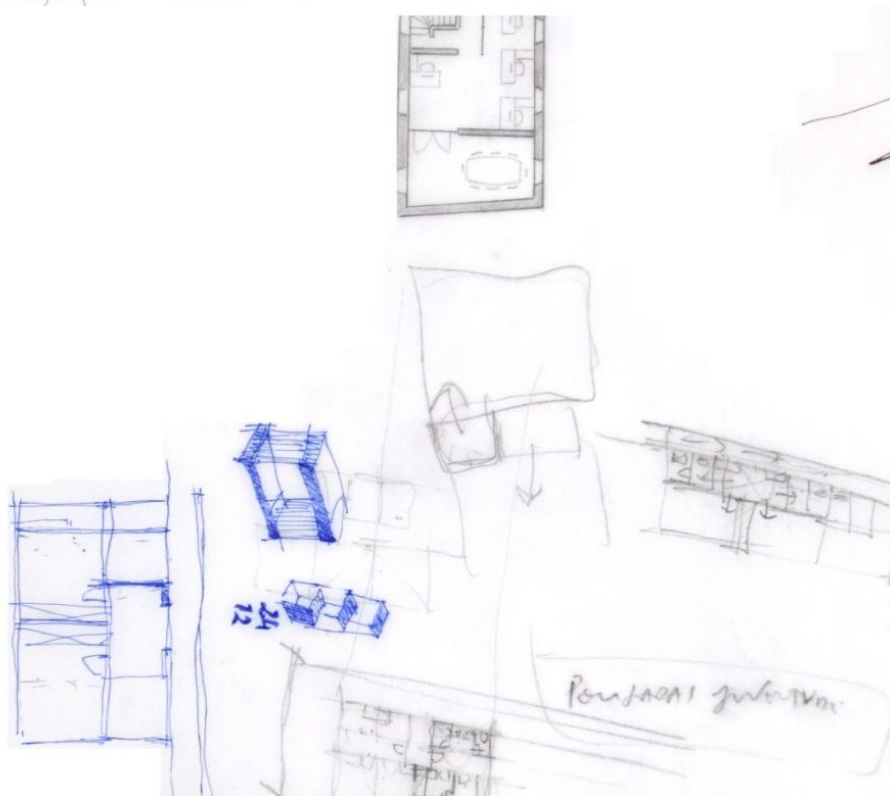
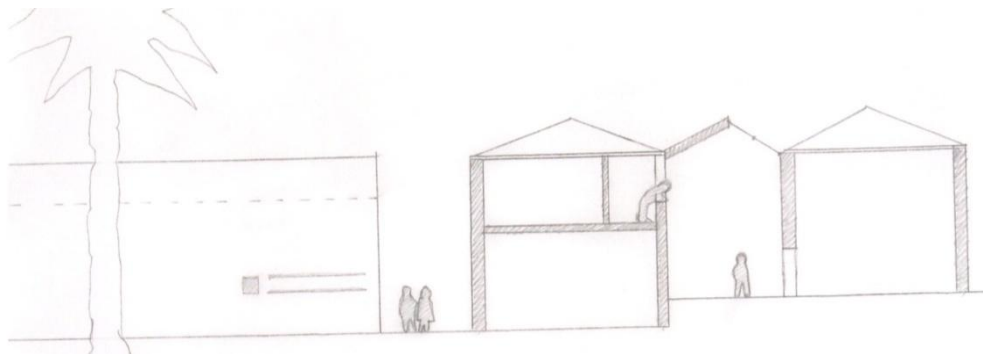
- FACHADA DA NOVA ESTRUTURA SEGUIRÁ A LINGUAGEM RITMADA DA FACHADA DO PALÁCIO

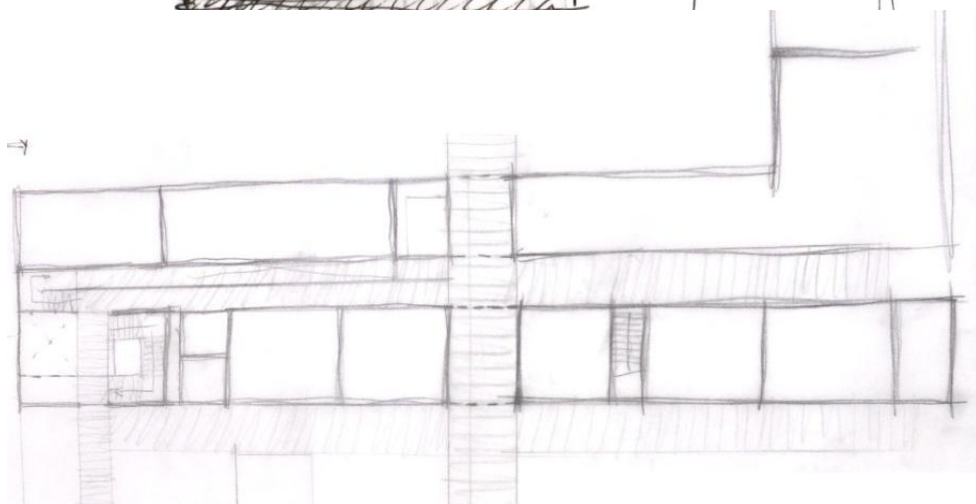
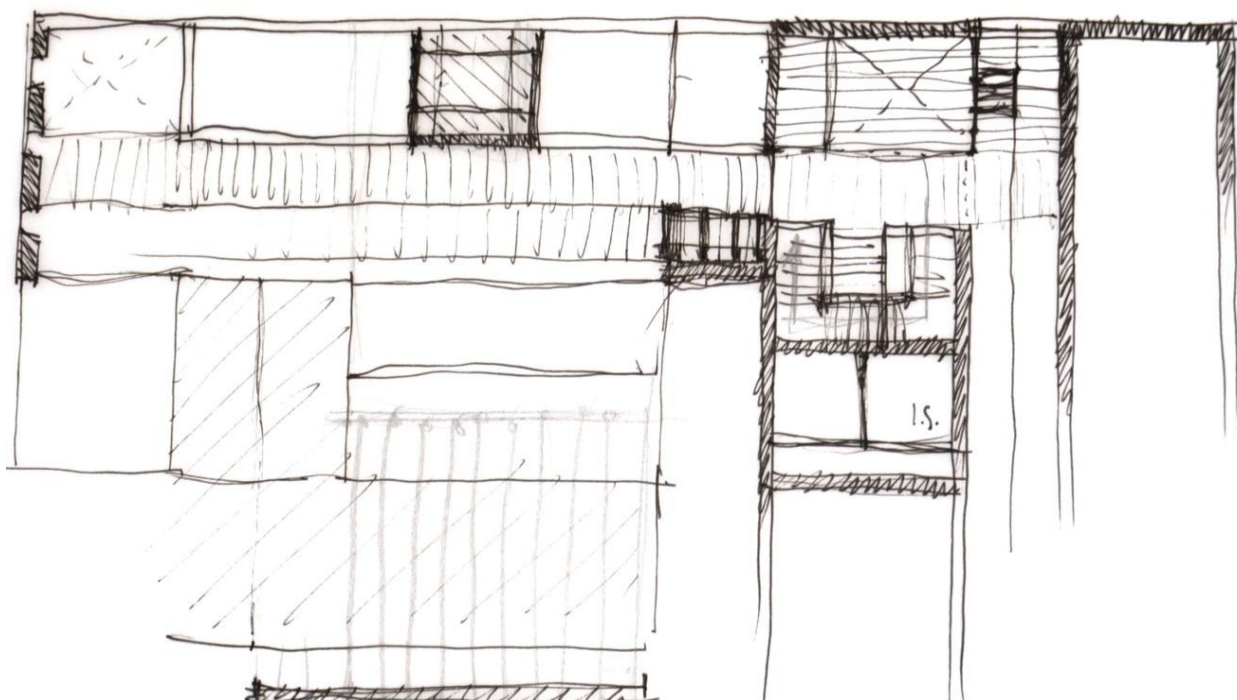
↓
CARACTERIZADA POR UMA REPETIÇÃO DE JANELAS E TORNAS GEOMÉTRICAS

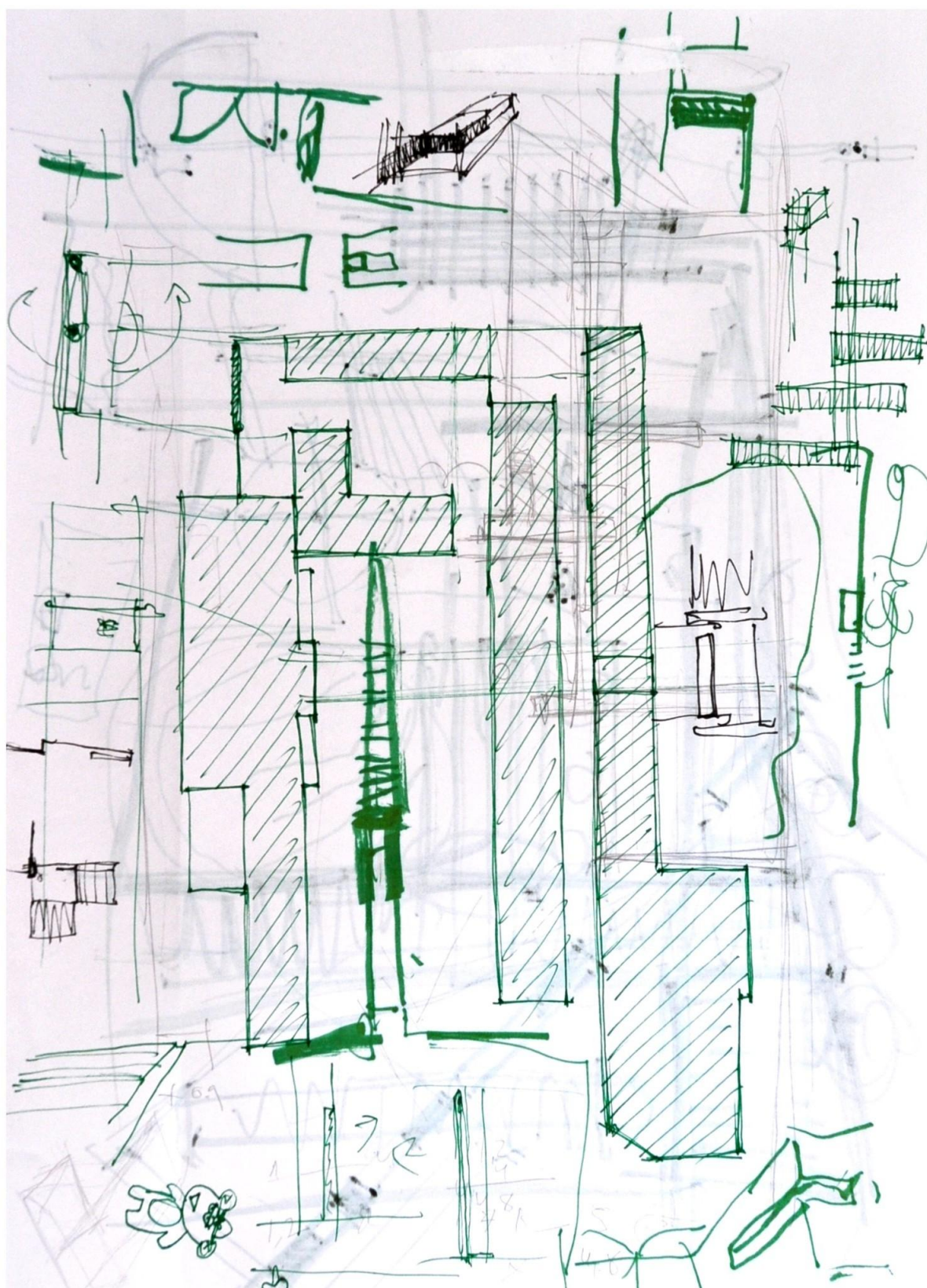


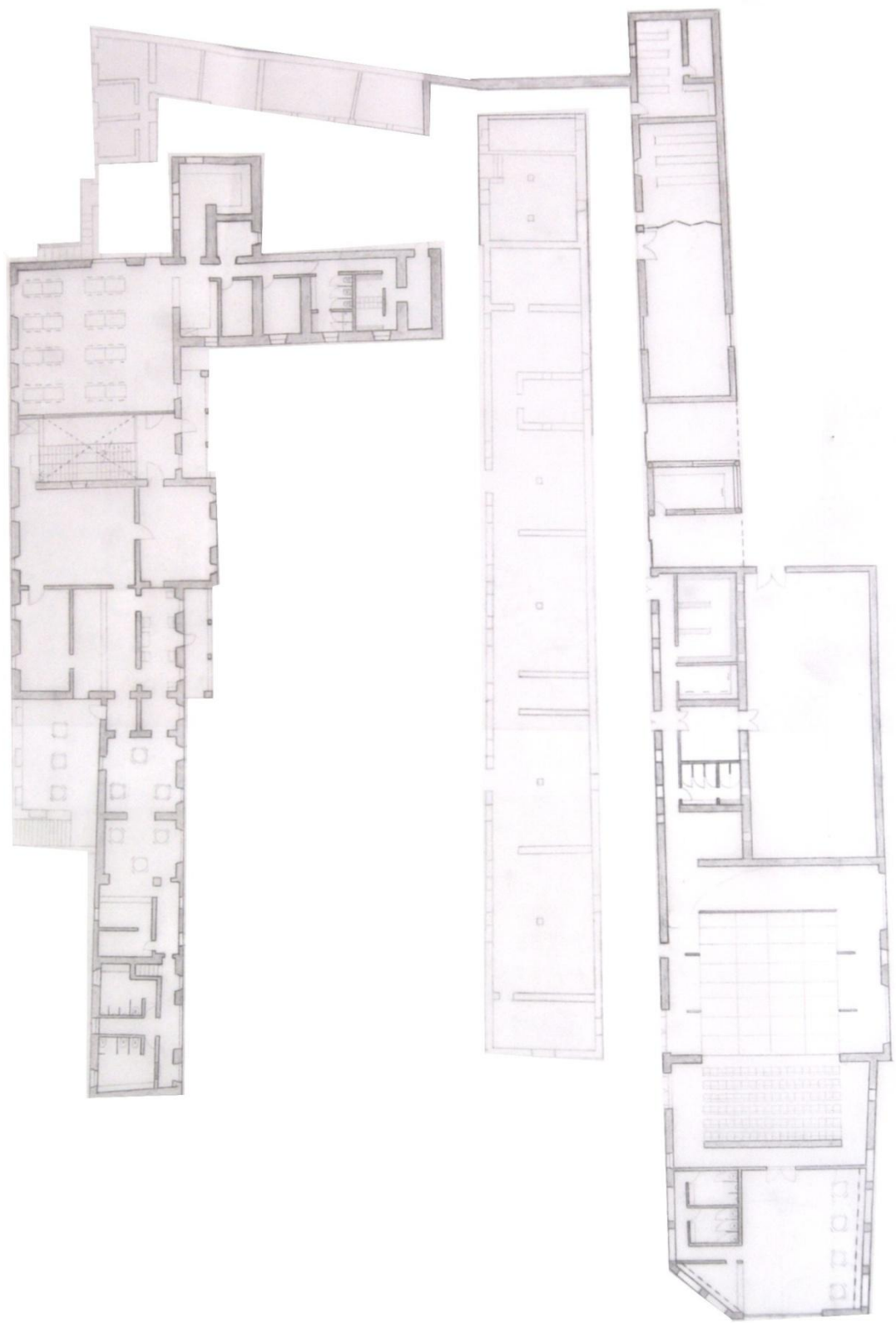
- ZONA ONDE SERÁ DESENVOLVIDA UMA ÁREA DE ACTUAÇÕES AO AR LIVRE
- OS PATAMARES EXISTENTES SERVIRÃO DE PLATFÔRMA — PRÉ-EXISTENTES
- NOVA ESTRUTURA DE APOIO POR BAIXO DOS VÁRIOS PLANOS, ATRAVÉS DO QUAL SE DESENVOLVEM OS ESPECTÁCULOS SÃO UMA CONSTRUÇÃO EXTENSA E MALIÇA

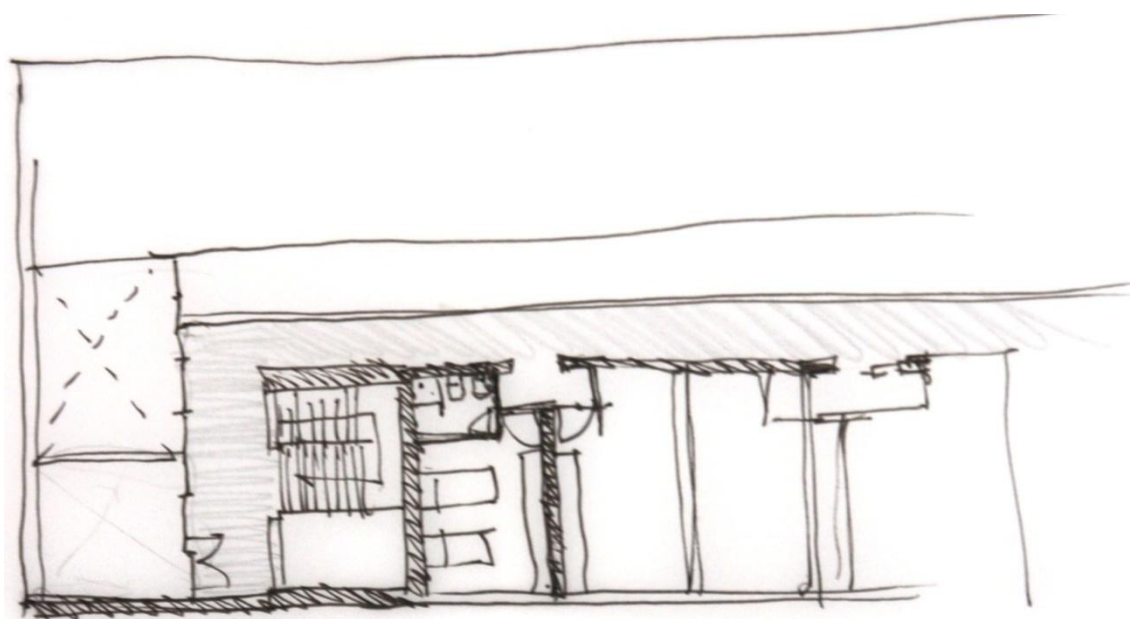
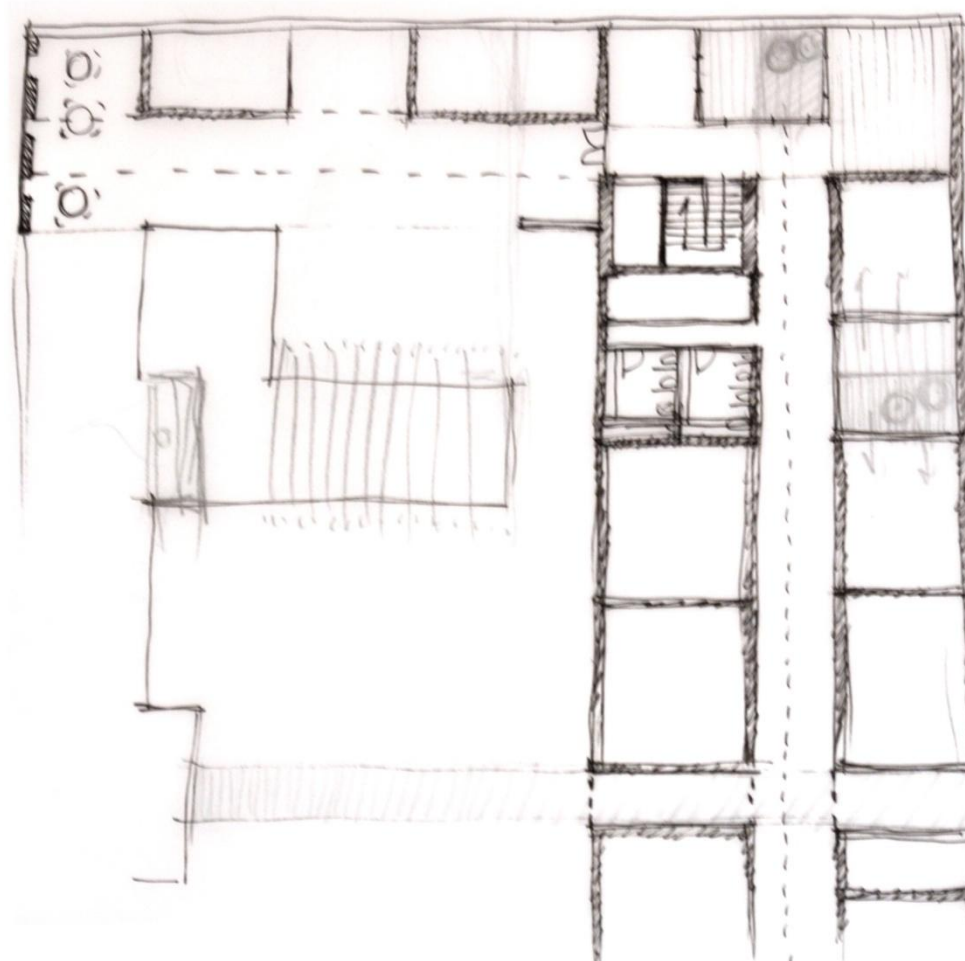


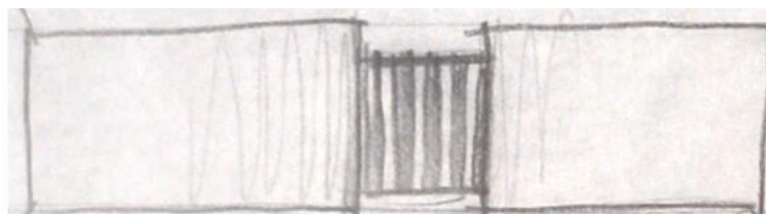
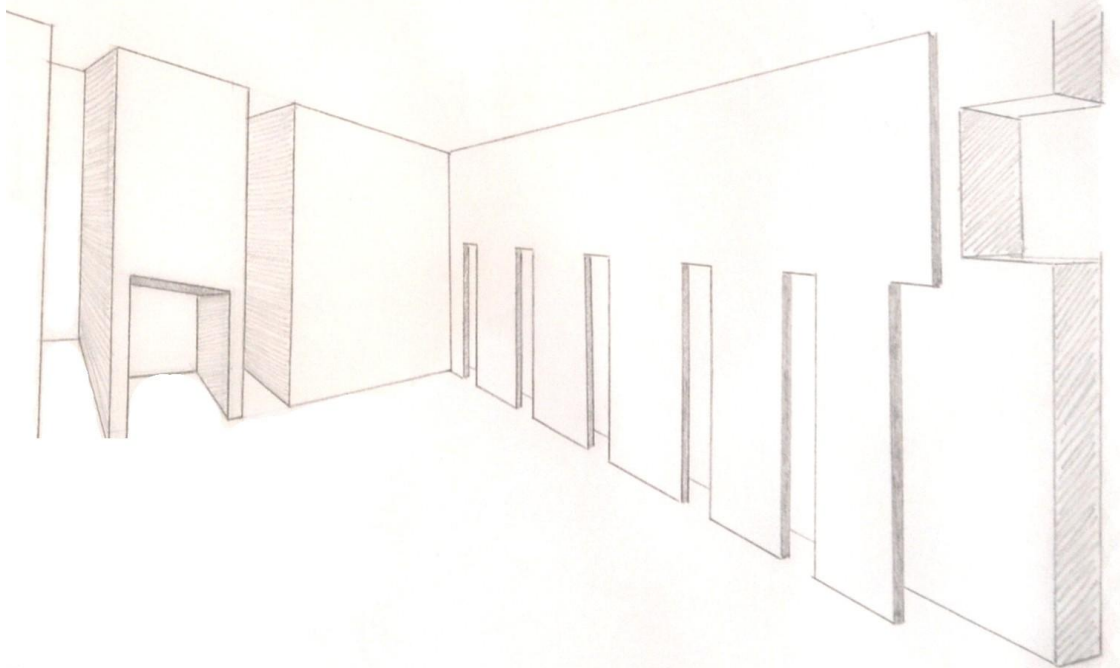
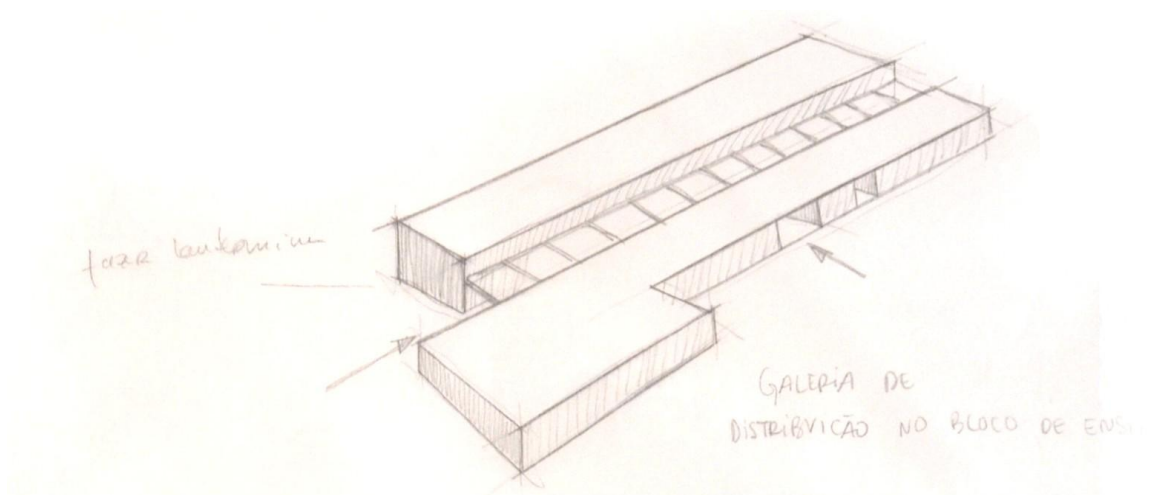


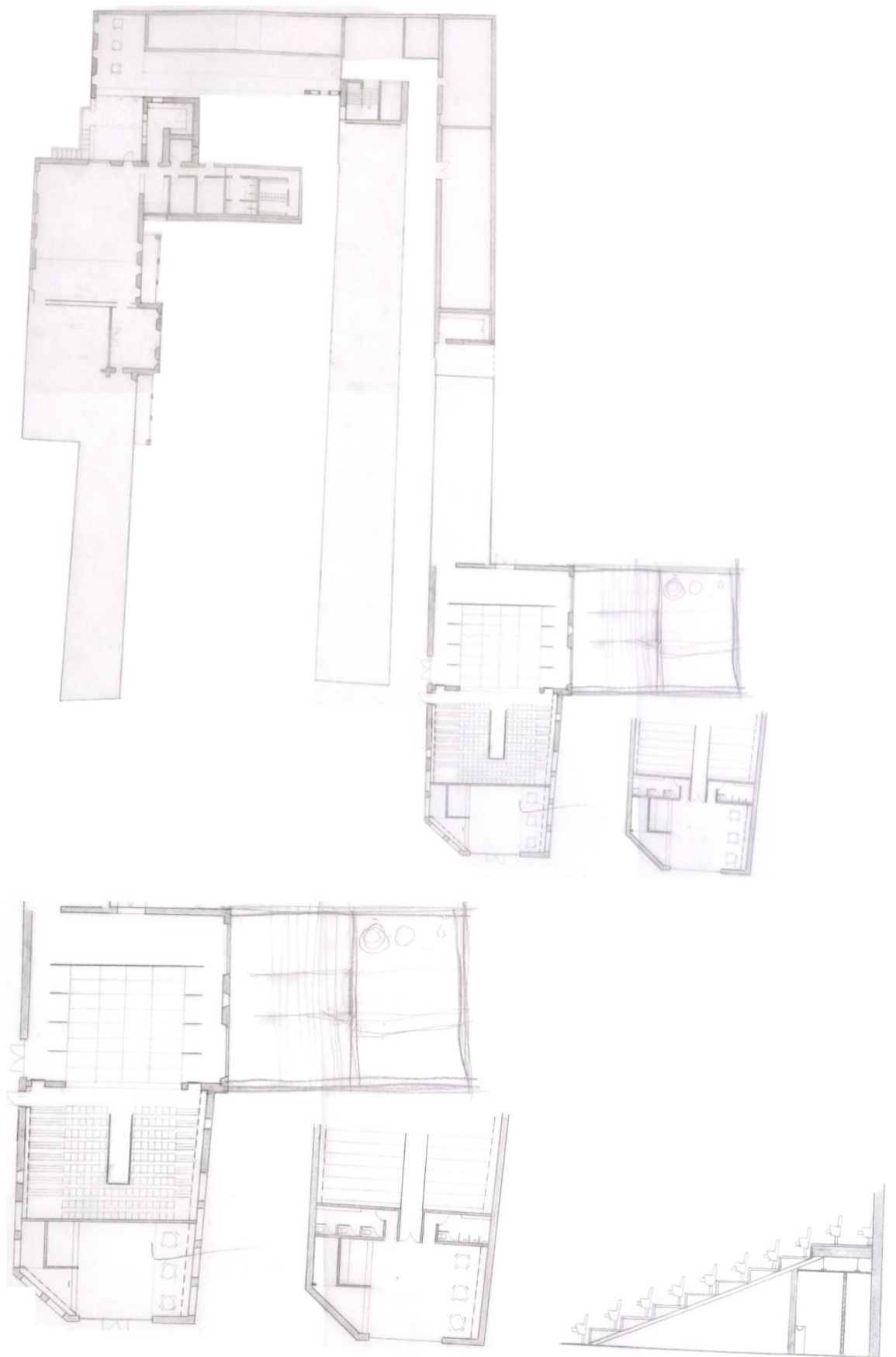


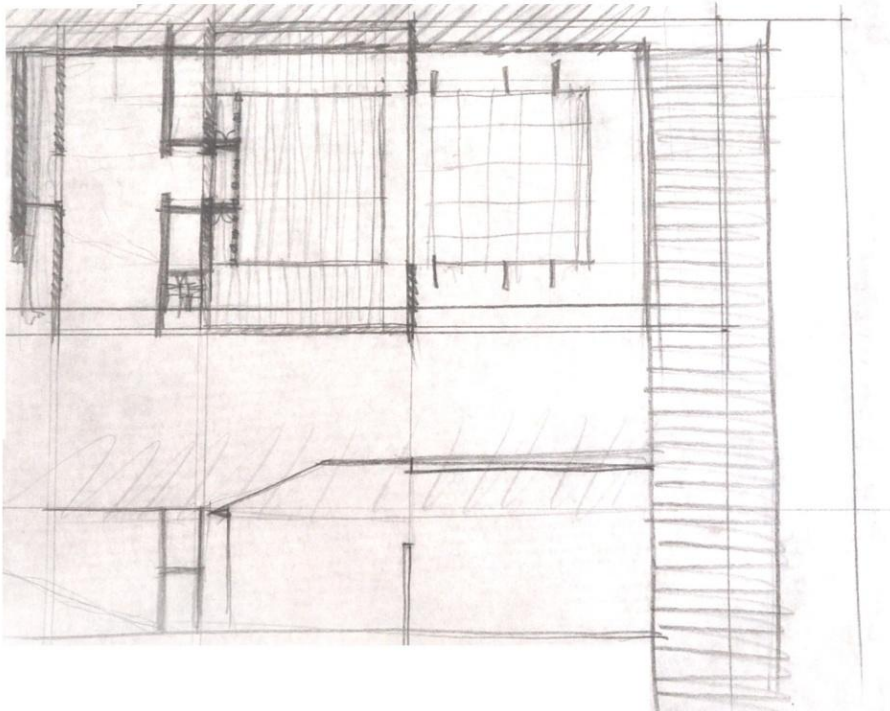
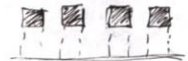


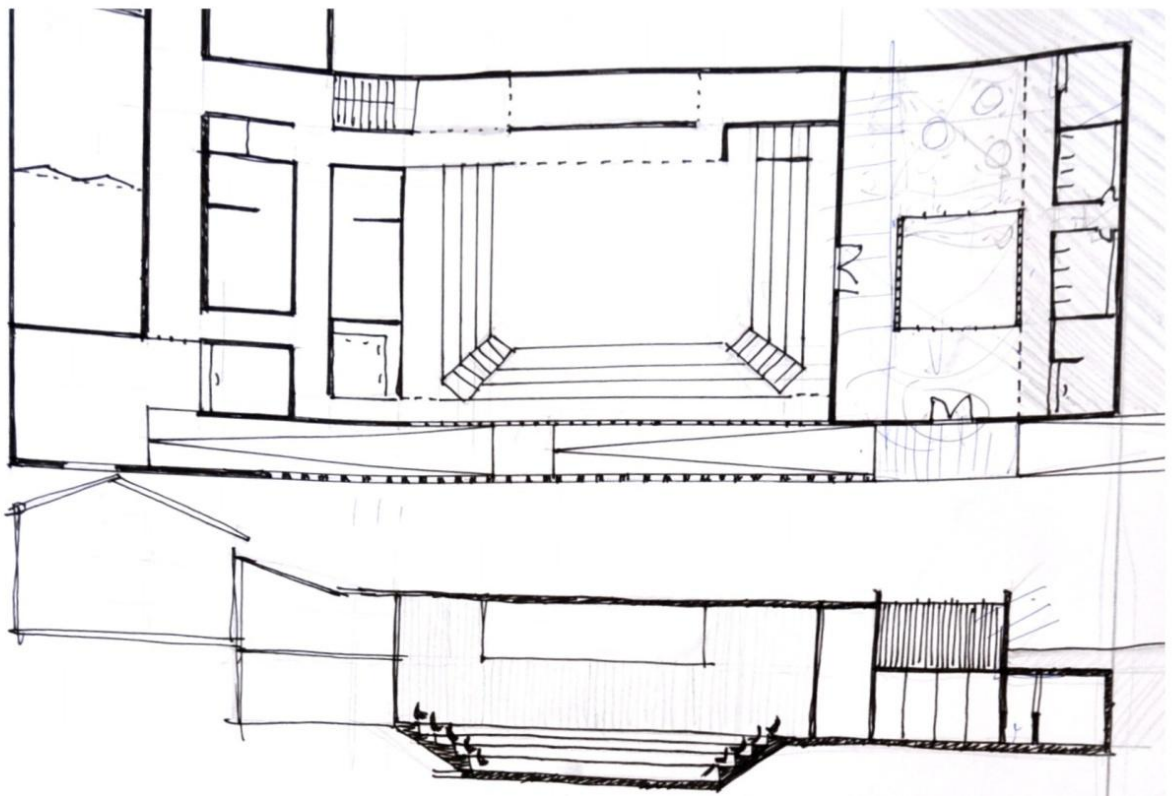
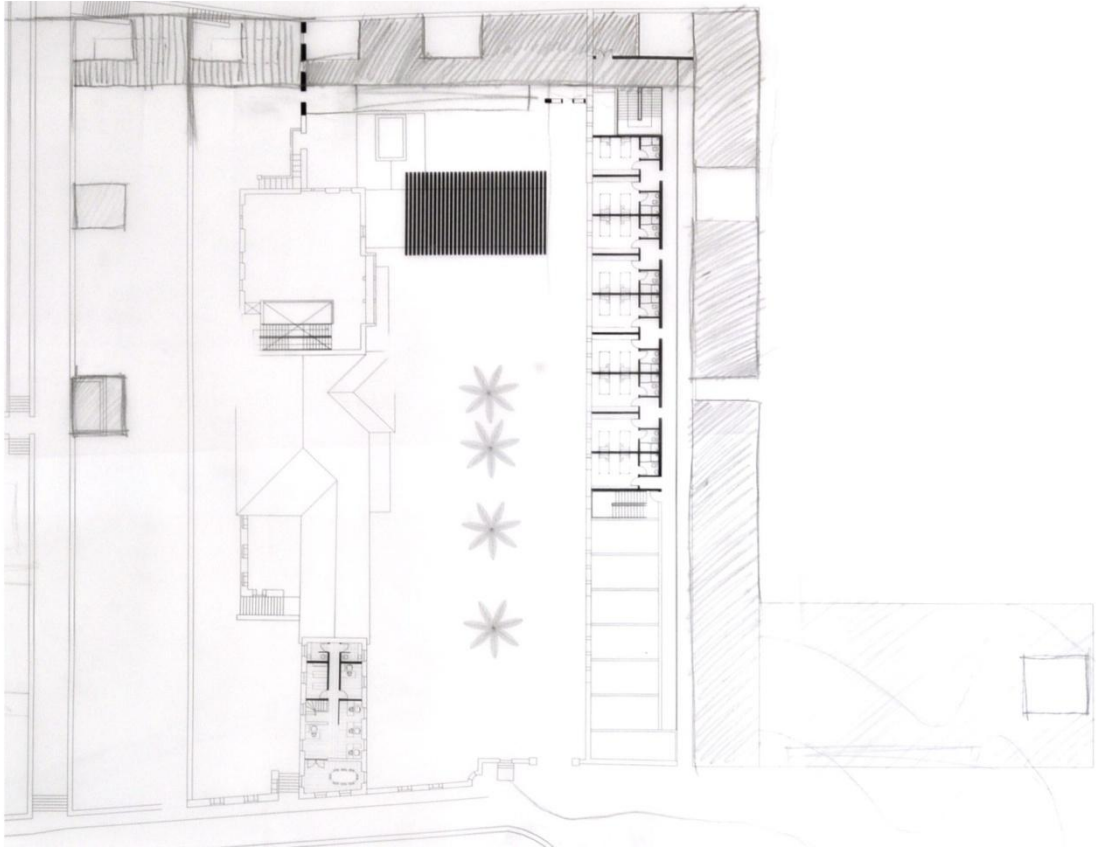


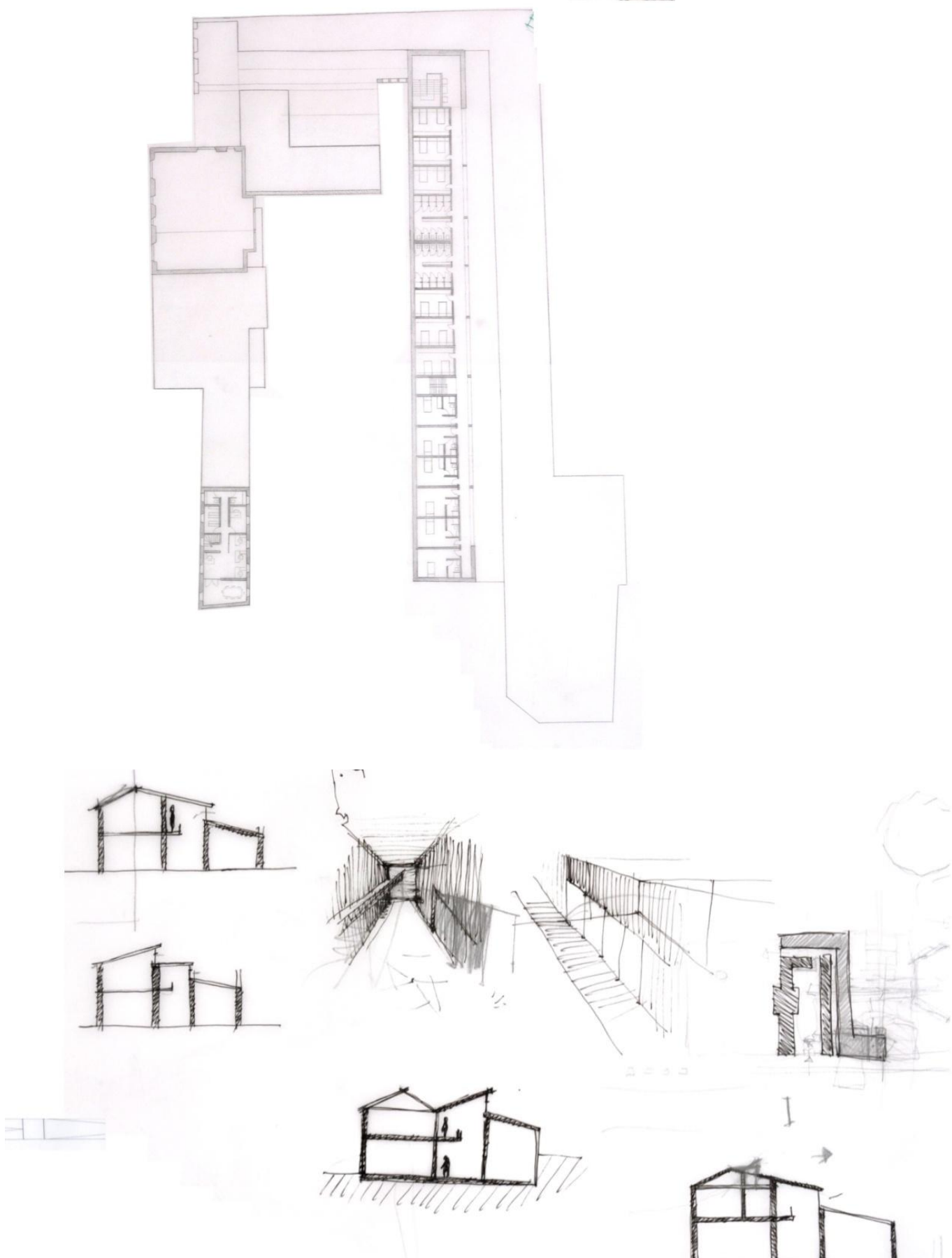


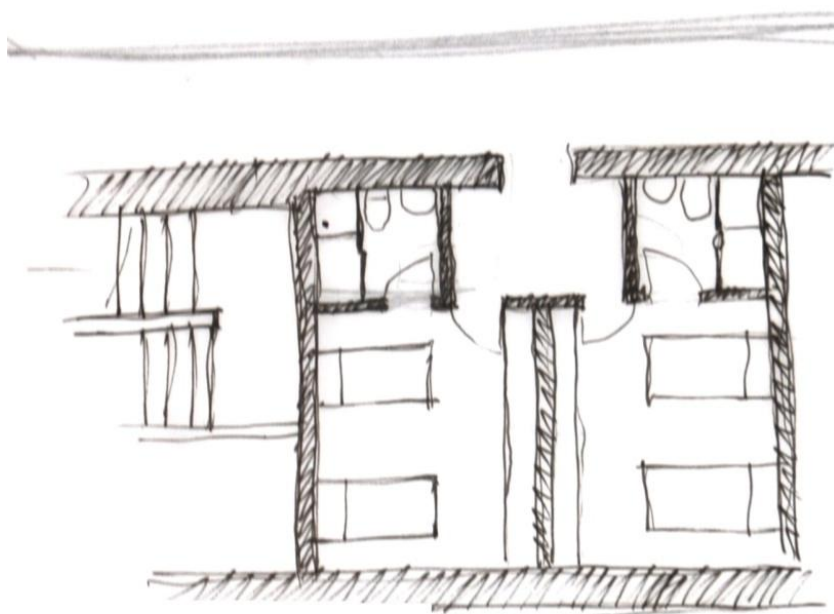
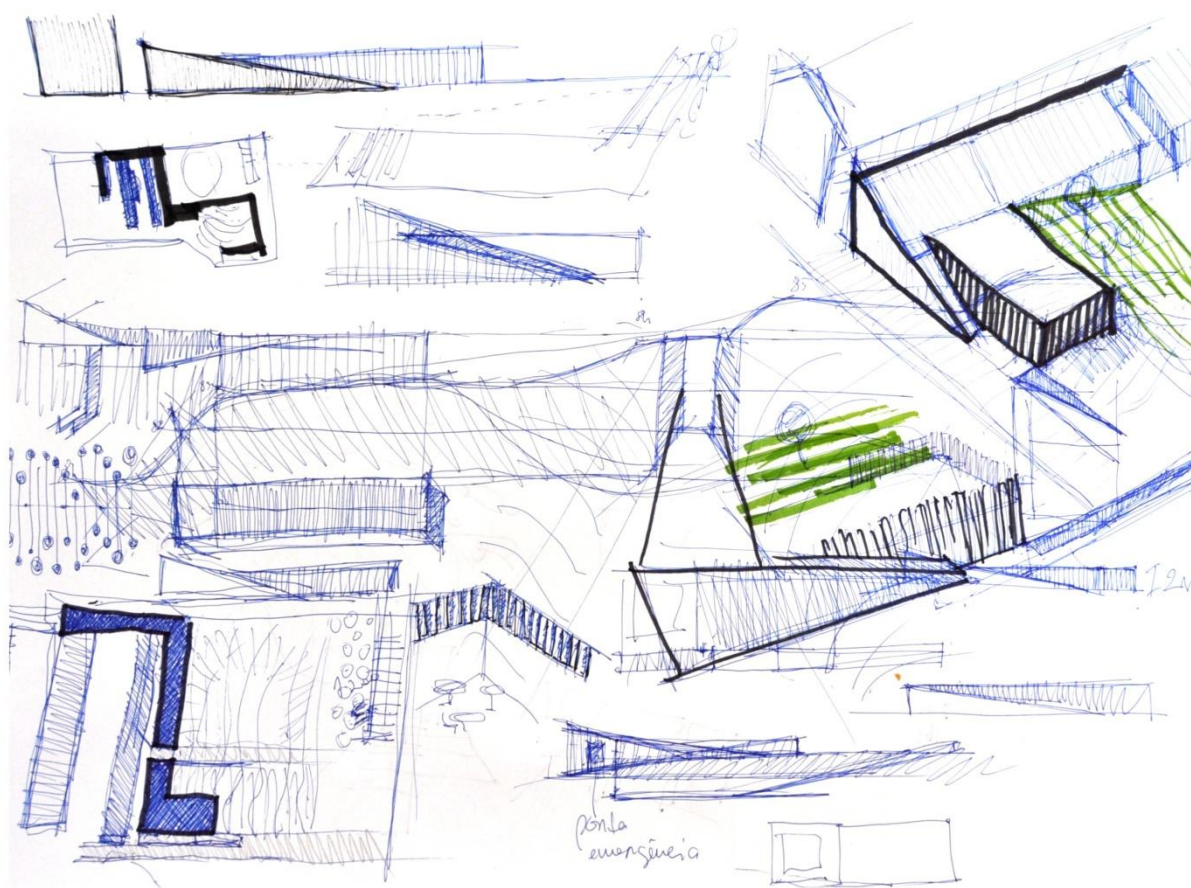


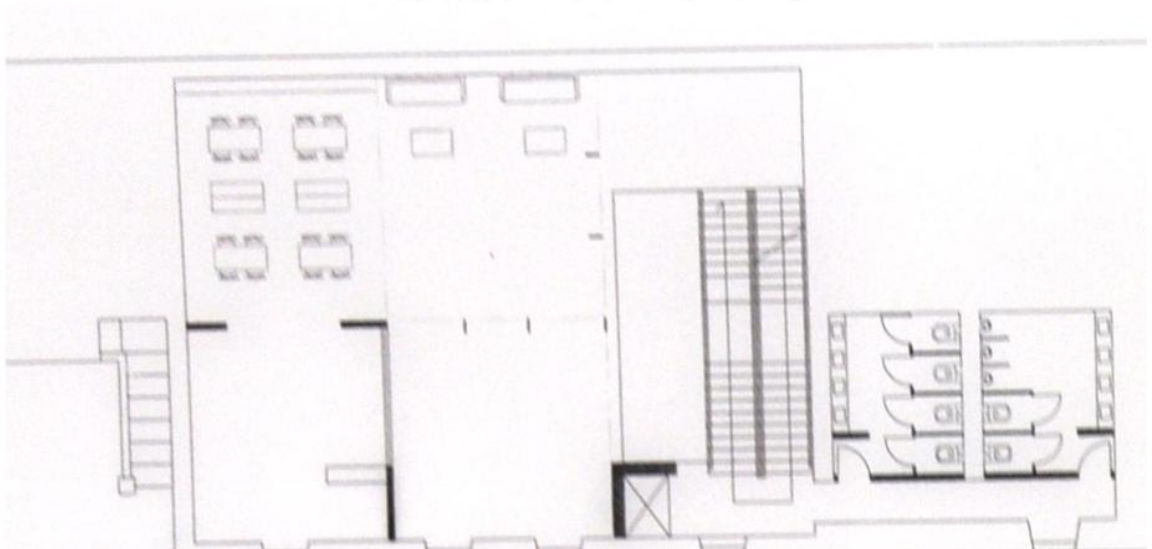
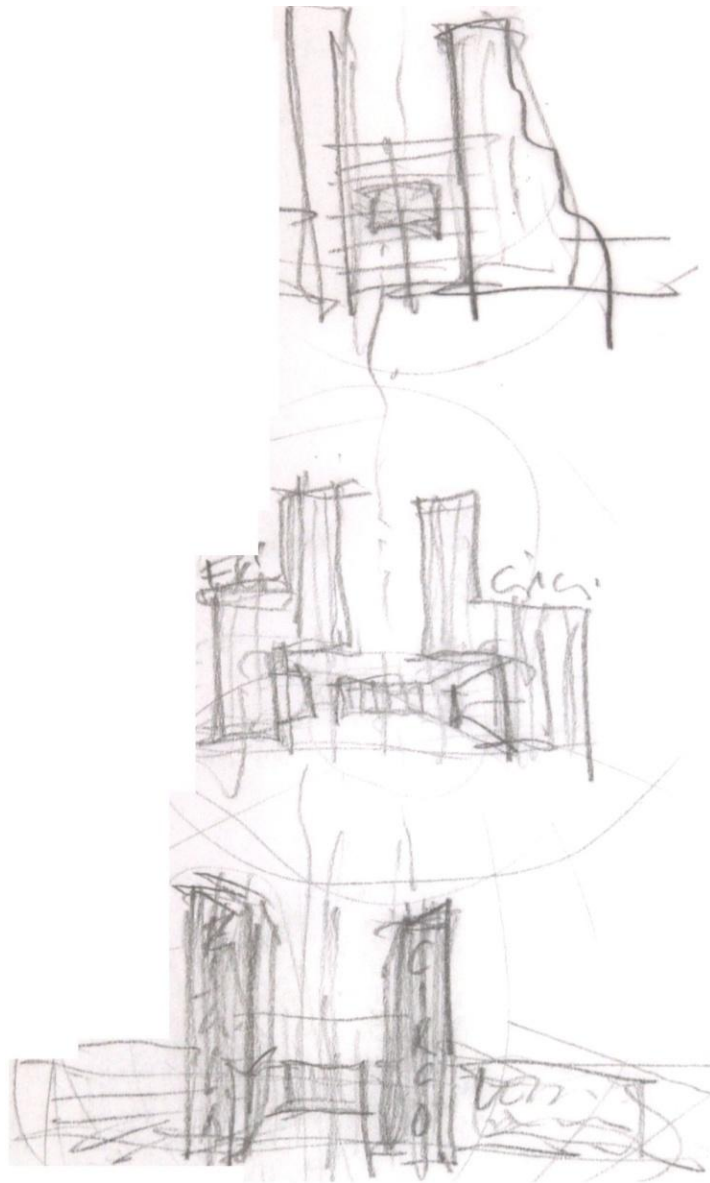


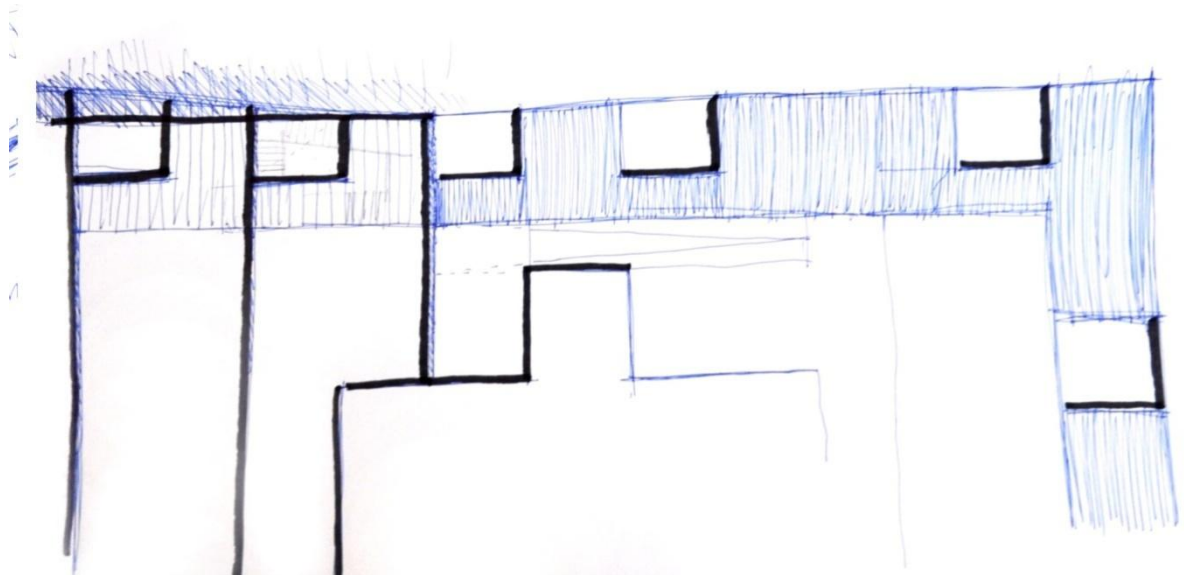
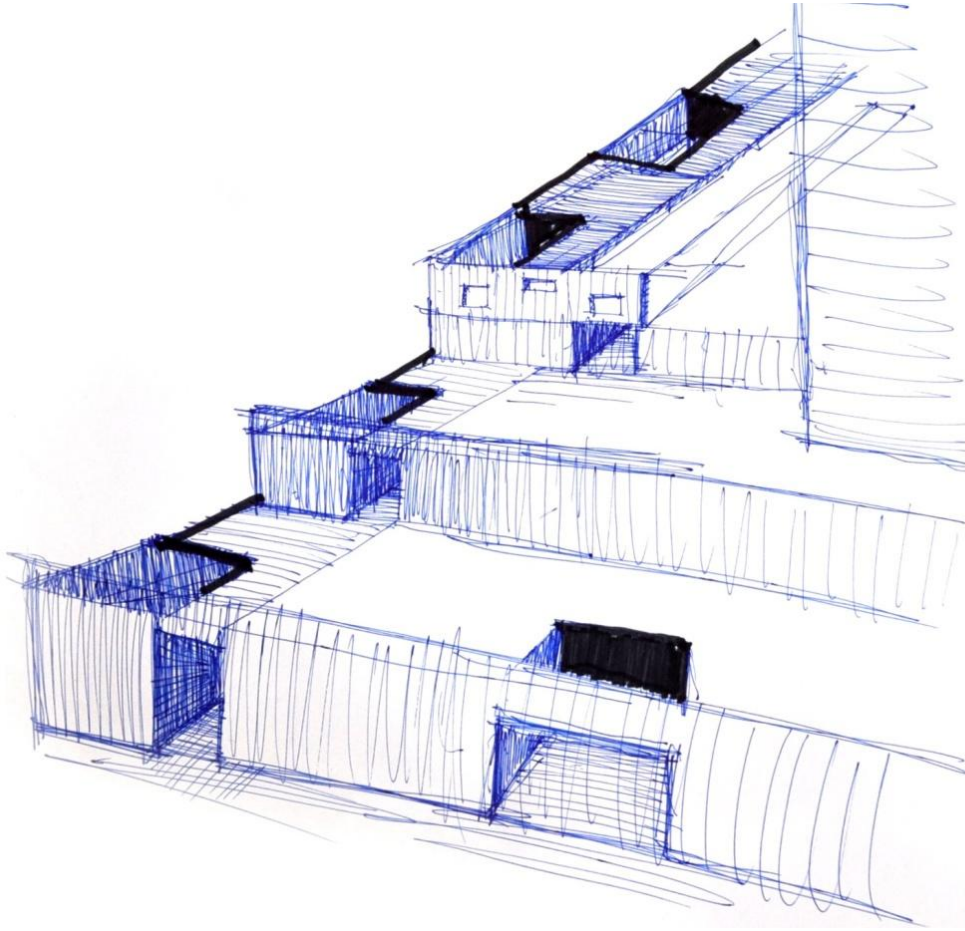


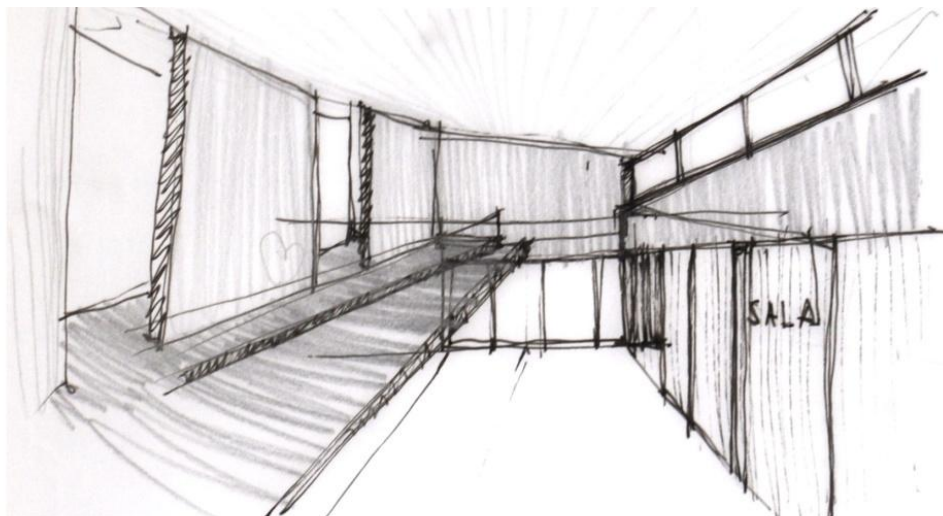
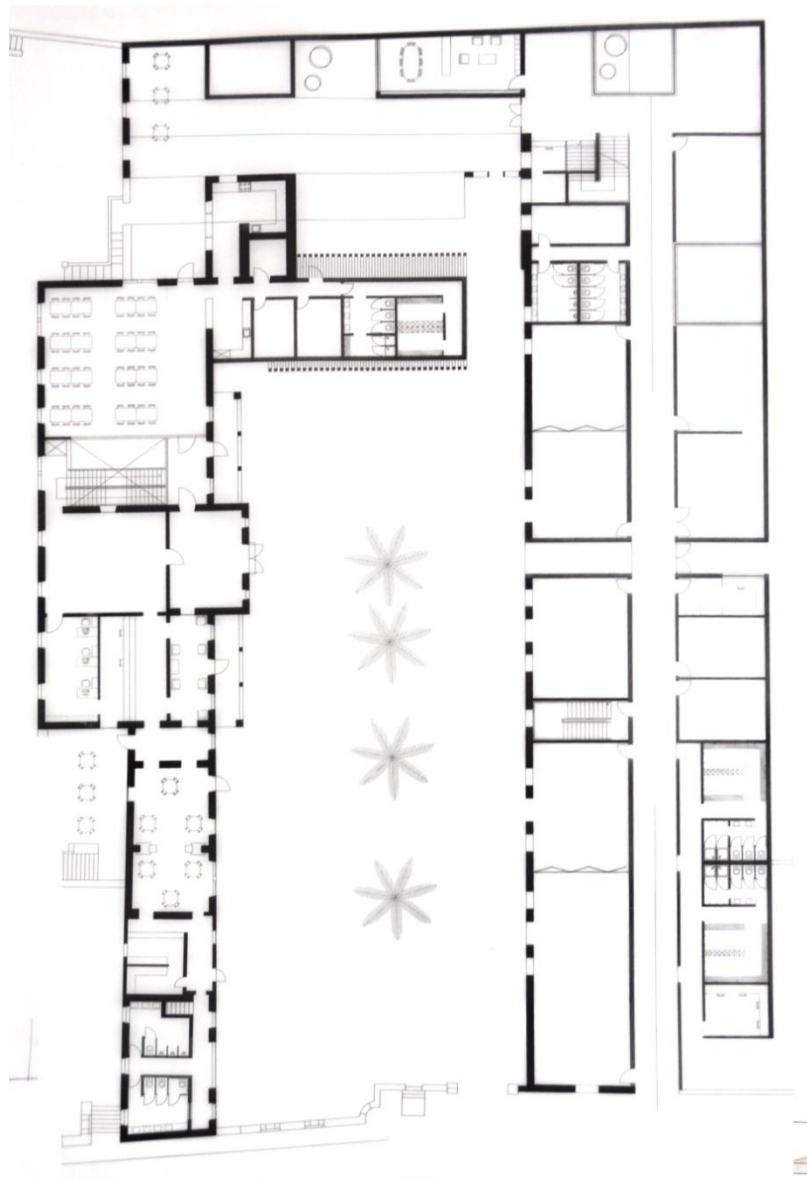


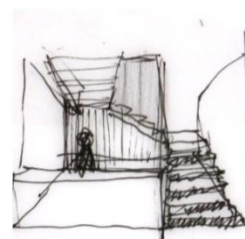
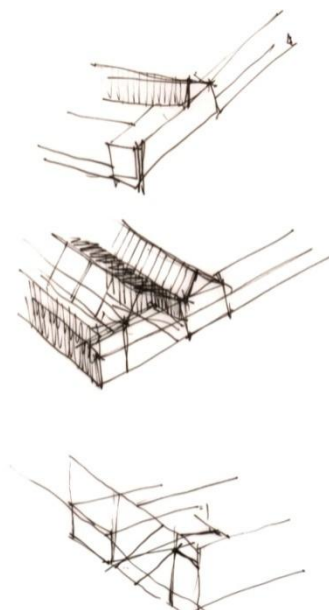
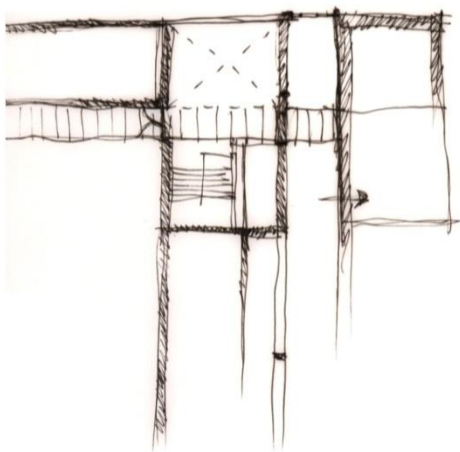
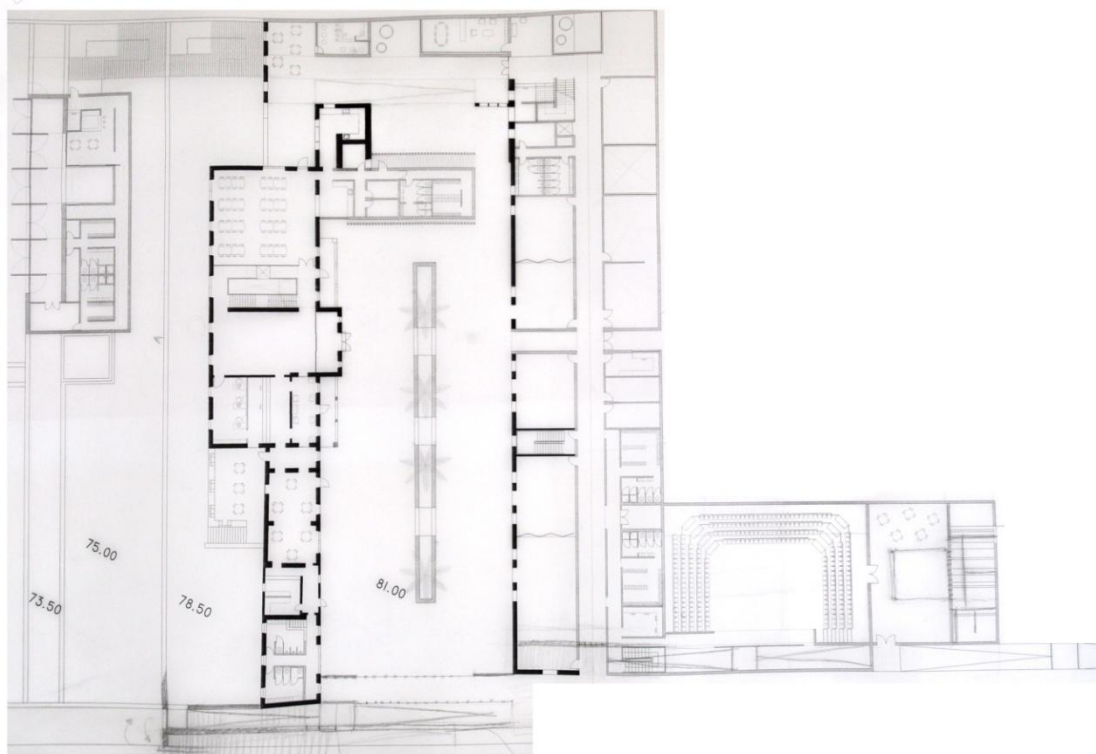


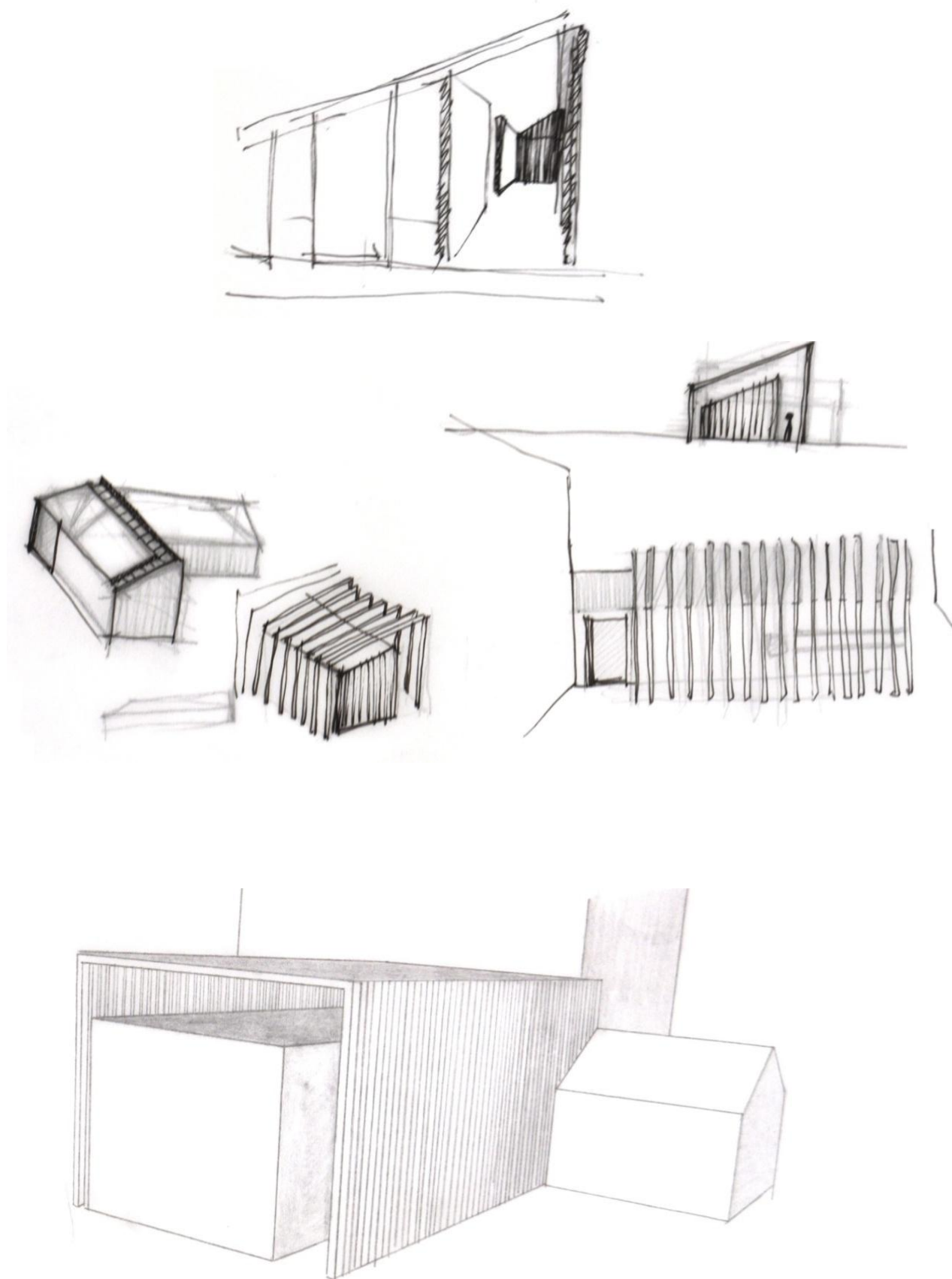


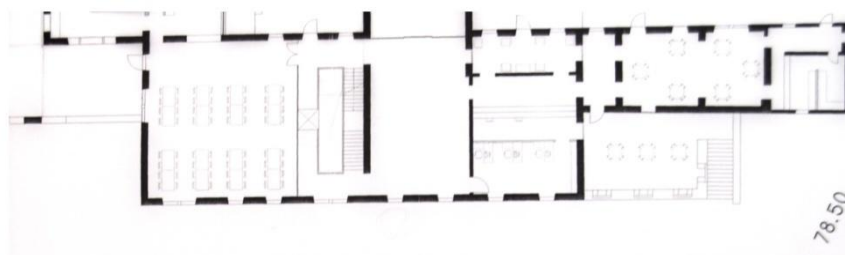
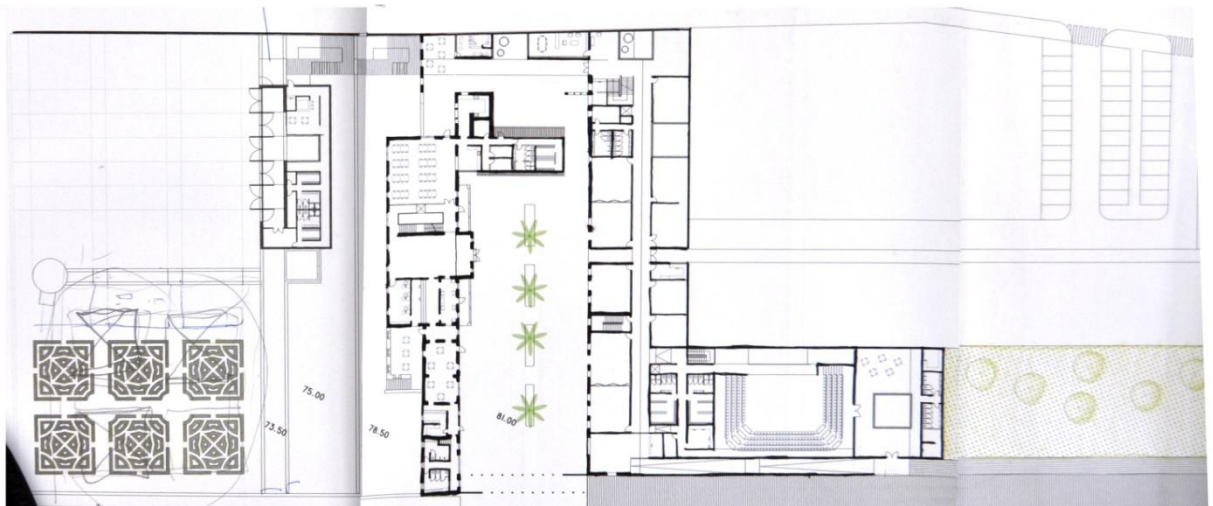
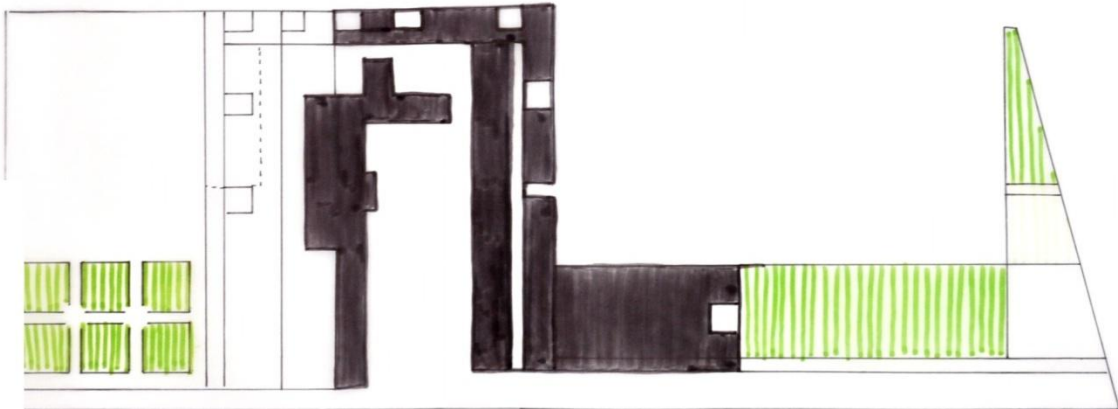
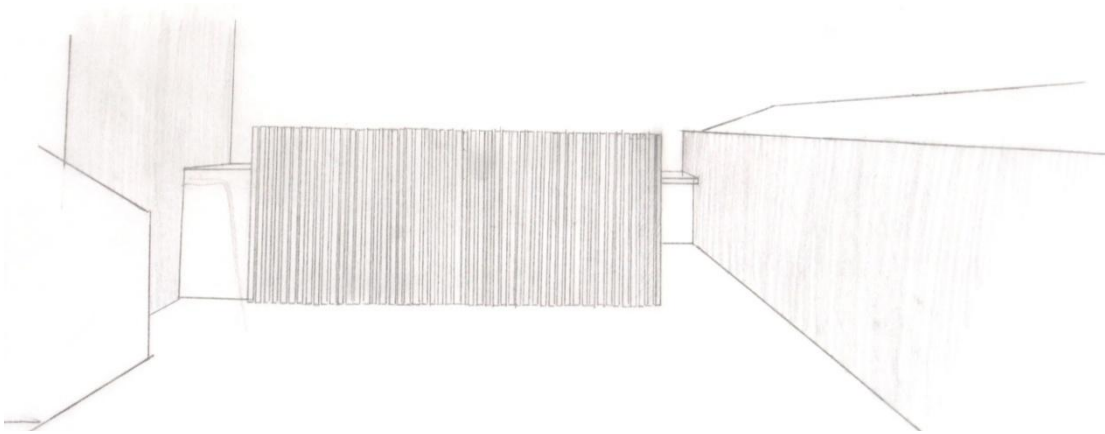


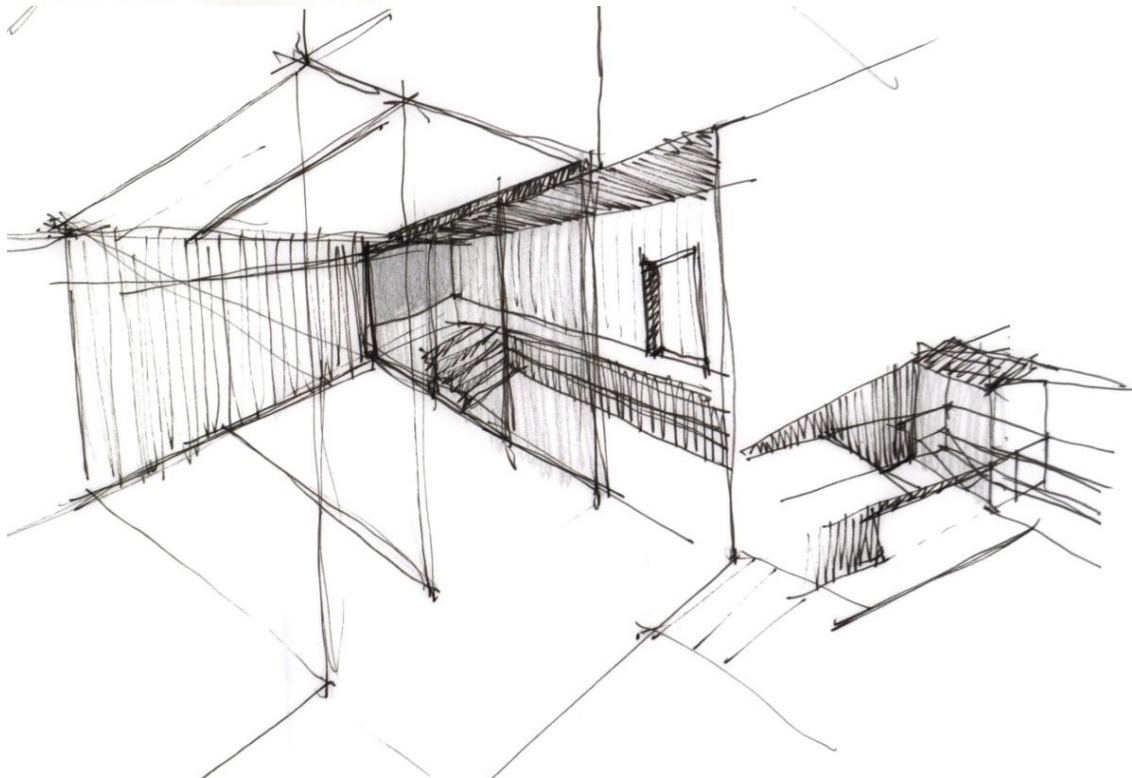
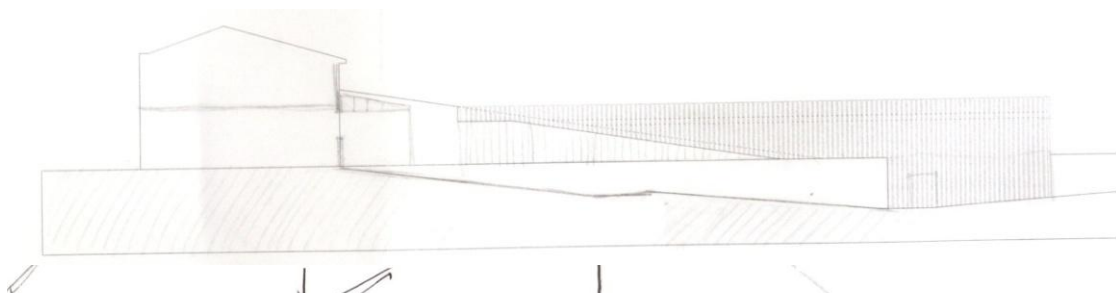
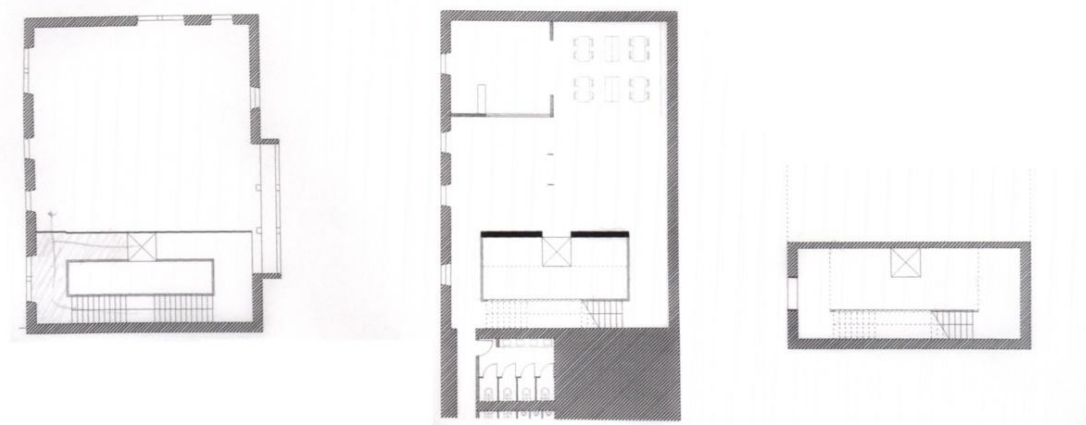
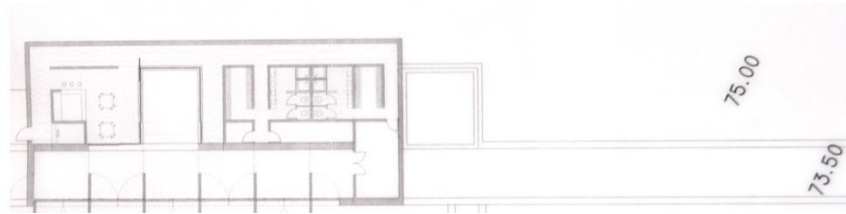


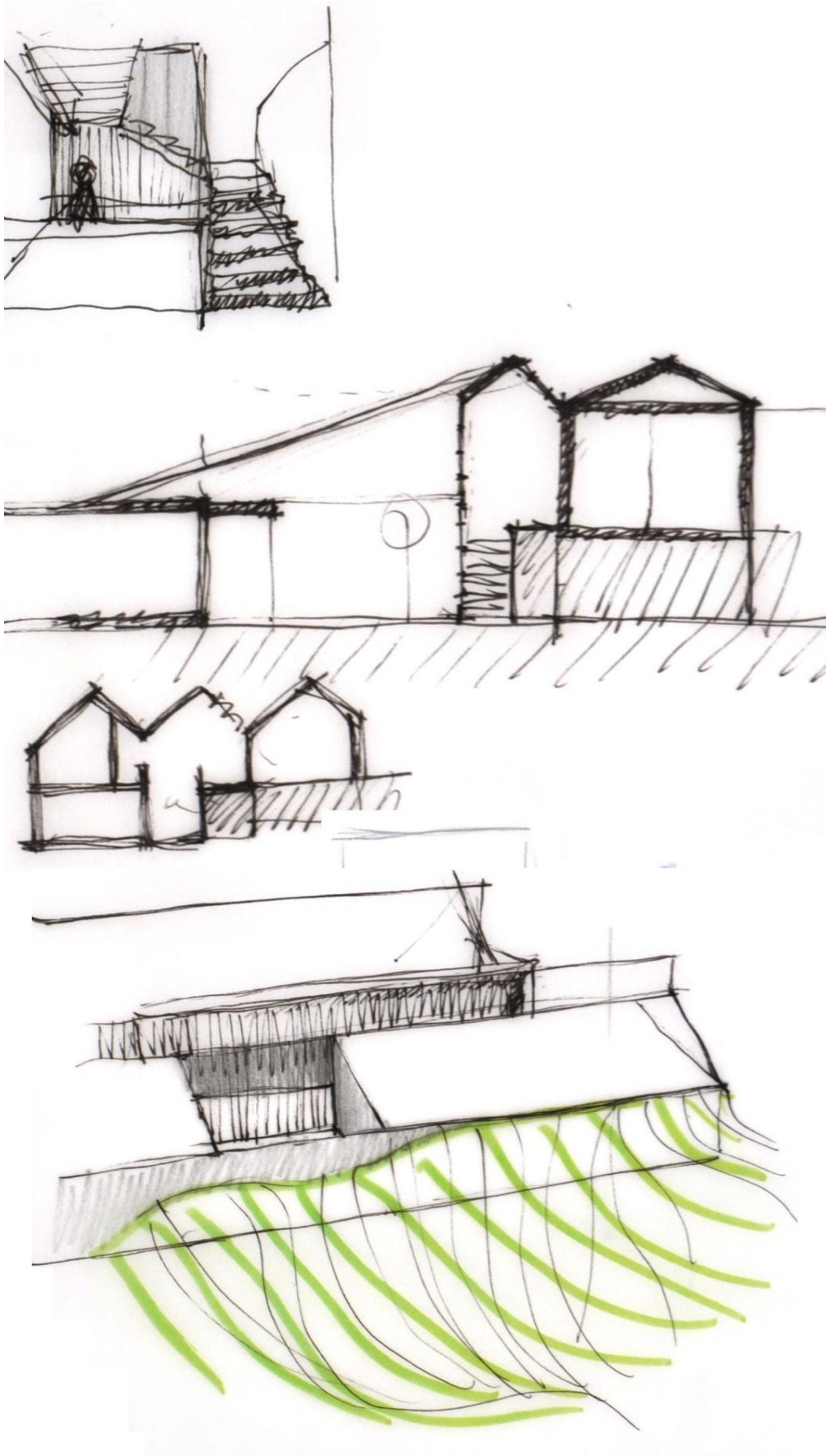












Número de palavras: 13.356